NA PÁGINA CENTRAL: O NOVO REGULAMENTO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

Diário de Lisboa

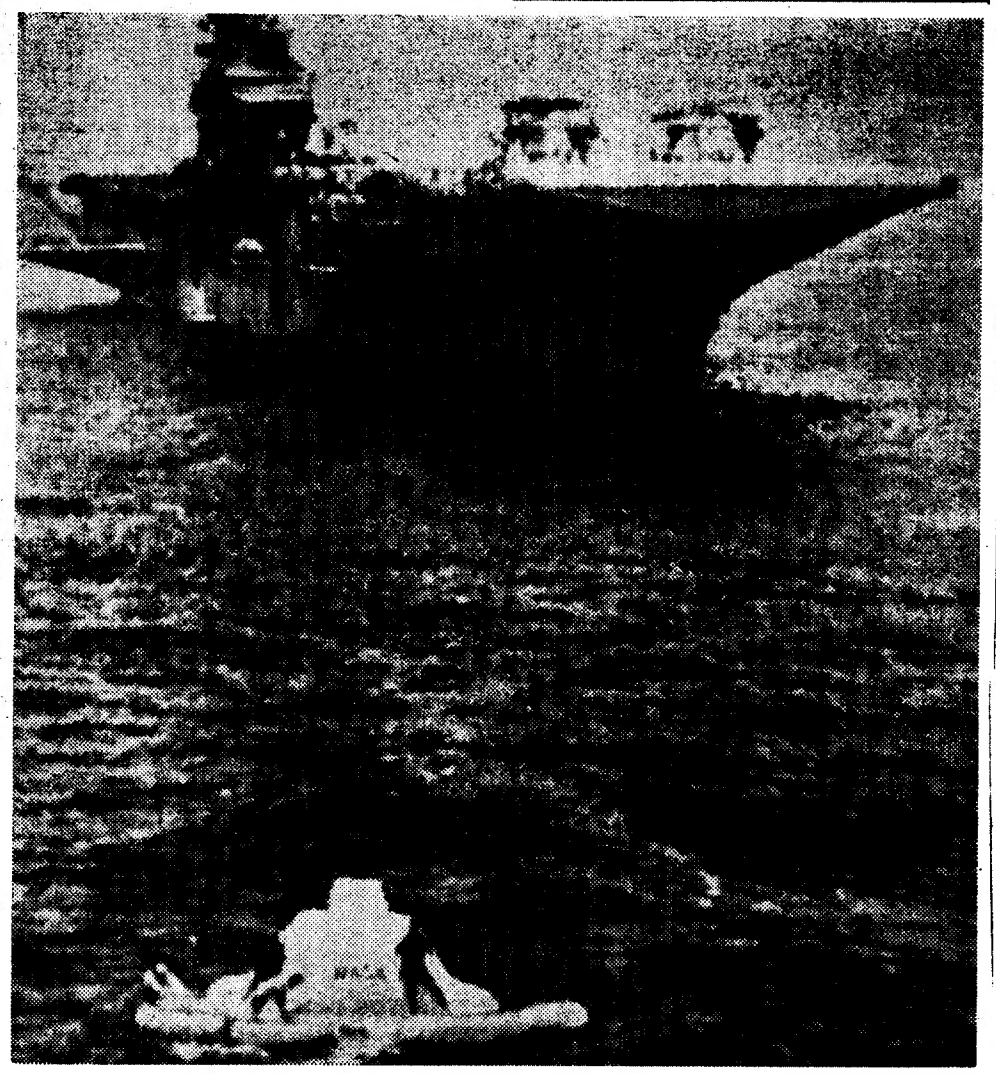
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 862 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

BONN: "Não" às armas nucleares

(LER NA PÁGINA 9)



O PORTA-HELICÓPTEROS «HORNET» que recolheu os tripulantes da Apolo-12 no Oceano Pacífico e os leva para as ilhas Hawai, onde são esperados hoje. Entretanto, foram divulgadas, em Houston, as primeiras fotografias da série tirada pelos astronautas Charles Conrad, Alan Bean e Richard Gordon, durante a sua viagem á Lua. As fotografias incluem uma imagem inédita: uma vista da Terra a eclipsar o Sol. (Ler na página 9)

EXPULSOS DO PARTIDO COMUNISTA ITALIANO

LUIGI PINTOR E ROSSANA ROSSANDA que, anteontem, juntamente com Aldo Matoli, foram excluídos do P. C. italiano por terem manifestado o seu desacordo com a linha oficial do partido na revista «Il Manifesto». Eram acusados de enfraquecer o partido com críticas e iniciativas aventureiras e penetradas de intelectualismo

Marcha na capital italiana

ROMA, 28. — (F. P.) — Desde manhã cedo que milhares de jovens metalurgicos começaram a afluir a Roma, vindos de todos os centros industriais da Itália, principalmente do Norte, a fim de se incorporarem na marcha dos metalurgicos organizada pelas centrais sindicais, como protesto contra a lentidão das conversações para a renovação da convenção do trabalho.

E' de recear que os anarquistas maoistas tentem aproveitar-se da situação, como aconteceu em Milão, no dia 19 do corrente, provocando tumultos com a Policia.

Novos vencimentos a partir de Janeiro

(entre 1 900$00 e 16 000$00 mensais)

para os funcionários públicos

A partir de 1 de Janeiro, cerca de 165 mil funcionários publicos passam a beneficiar de um aumento nos respectivos vencimentos-base: 14 200 passarão a receber ordenados mensais que vão de 16 contos a 6 5000$00; os dos restantes (150 800) oscilam entre 5800$00 e 1900$00.

No preâmbulo do decreto-lei que insere as novas disposições e que foi já enviado para o «Diário do Governo» pela Presidência do Conselho e pelo Ministério das Finanças, referem-se «as novas funções que os Estados modernos são chamados a desempenhar» e que «exigem celeridade na acção, eficiência nas soluções, utilização de métodos que a técnica em constante progresso oferece para tornar mais rápidos, ducteis e económicas as tarefas, e requerem também persistente esforço de adaptação dos funcionários relativamente a novas maneiras de dirigir e de executar»

Em face do exposto, conclui-se que «para tanto há que mudar estruturas de serviços; estudar os circuitos dos documentos, racionalizando e abreviando os percursos; mecanizar quando possivel; evitar a duplicação de trabalho; economizar enfim na organização para reduzir ao mínimo o pessoal e poder pagar melhor aos que melhor servem».

Entretanto, e depois de assinalar as diferenças dos ordenados entre os funcionários publicos e os empregados da actividade privada e a necessidade que o

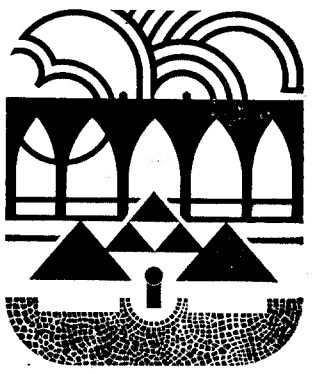
(Continua na 4.ª página)

«ALBUM DE LISBOA»

UM CONCURSO PARA TODOS

Tal como ontem revelámos, todos os leitores do nosso jornal podem participar na iniciativa que, muito brevemente, vamos levar a efeito. O «Album de Lisboa» é, pois, assim, um concurso para todos. Com efeito, trata-se de um concurso — mas um concurso original e, sobretudo, simples, onde o concorrente não precisa empregar largo tempo, nem sequer forçar a memória.

Torna-se apenas indispensável adquirir o «Diário de Lisboa» durante 30 dias — e quantos já têm o hábito de ler o nosso jornal? — e adquirir uma caderneta que oportunamente será posta á venda e custa apenas 2$50. Os outros pormenores serão revelados a seu tempo mas sem invalidar o que já dissemos: todos poderão participar nesta grande iniciativa do «Diário de Lisboa» — jovens e adultos, leitores de todo o País, de Norte a Sul.



(Continua na ultima página)

Que se passou ao certo na aldeia de Song My?

Em que condições ocorreu o massacre na aldeia de Song My? Qual o número de civis chacinados? Teria sido de facto 109 o número das vítimas? Porque foi «abafado» o inquérito então levado a cabo pelo Exército norte-americano? Terá de se esperar ainda algum tempo para conhecer a verdade completa acerca de tão horrível acontecimento. Entretanto Peter Braestrup avança elementos que respondem parcialmente a algumas destas interrogações. **(Ler artigo na pág. 3)**

Serviço especial «Washington Post»-«Diário de Lisboa»

HOJE 32 PAGINAS VISADO PELA CENSURA

Edição da noite

«VOU-ME CASAR E TER FILHOS»

depois de coroada «Miss Mundo» —disse a representante da Áustria

A nova «Miss Mundo», Eva Steier, de 20 anos, representante da Austria no certame, foi ontem á noite coroada por Omar Shariff, no Royal Albert Hall, em Londres — a casa de espectáculos mandada construir pela puritana rainha Vitória em memória do seu augusto e amado esposo para que a sua puritana corte pudesse escutar puritana e imperialmente os musicos da época.

Após a coroação, a mais bela mulher do Mundo (oficialmente pelo menos) correu para o telefone e deu a noticia ao seu amado noivo — Peter Starik, de 29 anos, estudante de Direito segundo uns, jovem homem de negócios, segundo outros, ambas as coisas de acordo com os conciliadores.

— Vou-me casar e ter dois ou três filhos — disse a bela Eva. E acrescentou, referindo-se ao noivo: — Ele não se importa que eu tenha concorrido.

VER UM AMIGO EM INGLATERRA...

A noite estava favorável ás representantes de língua alemã. Christa Margraf, de 22 anos, que concorreu pela Republica Federal da Alemanha, conquistou o 3. lugar; a Republica Democrática Alemã não concorreu.

Christa causou sensação ao desfilar perante 28 milhões de telespectadores num vestido cujo decote chegava á cintura, um «vestido revelador», segundo a Reuter.

— Espero que o reitor da minha Universidade — disse Christa que é estudante — não saiba do meu êxito. Disse-lhe que vinha a Inglaterra ter um amigo.

«SER USADAS...»

«Miss Estados Unidos», Gail Renshaw, de 22 anos, conquistou o 2.º lugar. Segundo a France Presse o seu bom humor e o seu ar natural conquistaram toda a gente, desde o primeiro instante.

...Toda a gente é como quem diz. Apesar do frio londrino, um grupo de sufragistas (nos tempos da rainha Vitória também já as havia) desfilava entretanto, gritando compassadamente «Não devemos ser usadas.»

O concurso de 1969, foi classificado como «o maior e o mais brilhante de sempre» e foi o primeiro a realizar-se no Albert Hall.

Nervosismo, expectativa, ambiente de opereta — a eleição deste ano não destoou das anteriores. As concorrentes desfilaram sobre um estrado perante 2 mil espectadores; na primeira fila estavam os nove membros do juri.

A vencedora tem agora á sua frente um ano exaustivo de viagens pelo Mundo, comparecendo em espectáculos de Televisão e variedades. Entretanto, pode consolar-se com os quase três mil contos que essas viagens lhe proporcionarão.

VITÓRIA GERMÂNICA — A representante da Áustria (em baixo, ao centro) conquistou o título de «Miss Mundo». A representante da Republica Federal da Alemanha que está na foto em segundo plano á esquerda, classificou-se em 3.º lugar. «Miss Alemanha» causou sensação ao desfilar no Royal Albert Hall (vitoriano e majestoso...) com um fato cujo decote lhe chegava á cintura

CURSO DE MILICIANOS

Da Secretaria de Estado da Informação recebemos esta nota:

«Avisam-se os recrutas que foram inspeccionados em 1969 que, por despacho do ministro da Defesa Nacional de 23 de Setembro de 1969 e nos termos da parte final do n. 3 do artº. 15.º da Lei 2135 de 11 de Julho de 1968, só serão destinados ao Curso de Oficiais Milicianos aqueles que comprovem até 31 de Dezembro de 1969 matrícula em cursos superiores. Aqueles que não fizerem tal comprovação serão destinados ao Curso de Sargentos Milicianos. Nesta conformidade, faz-se notar que, em relação aos recrutas em causa, só foram considerados os pedidos de incorporação para os quatro turnos de 1970, dos que já comprovaram a matrícula em cursos superiores.»

CONFRATERNIZAÇÃO TRASMONTANA

Na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, realiza-se amanhã, ás 13 e 30, mais um almoço de confraternização, ao qual assistirão alguns membros do Governo e os deputados e procuradores á Camara Corporativa oriundos daquela provincia.

AVISO

PARTA CONNOSCO NOS FINS DE SEMANA A CONHECER PORTUGAL ALUGANDO AGORA POR 500$00 UM MORRIS 1000 SEM QUALQUER TAXA DE QUILOMETRAGEM!

ATENÇÃO: E NESTES DOIS FINS DE SEMANA DOS FERIADOS (DIAS 1 E 8) AS SEGUNDAS-FEIRAS FICAM TAMBÉM INCLUÍDAS!

TELEFONE-NOS JÁ!!!

AVIS RENT A CAR

C. SANTOS S.A.R.L. AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 12-C TELEF. 56 11 77 LISBOA
PORTO, TELEF. 37971 / FARO, TELEF. 2 54 38

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

6.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Av.ª Almirante Reis entre as Ruas Maria Andrade e Alvaro Coutinho, Rua Andrade, Rua Maria Andrade entre Av. Almirante Reis e Rua Palmira, Regueirão dos Anjos entre Av. Almirante Reis e Febo Moniz. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Escadinhas S. Cristóvão, Trav.ª da Madalena. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Av.ª João Crisóstomo entre as Ruas D.ª Filipa de Vilhena e General Sinel Cordes n.os pares. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Az.ª das Galinheiras, Quinta do Reguengo e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: ALGÉS:** Rua do Mirante, Rua Cândido dos Reis, Rua Alegre, Rua de Olivença, Rua Bernardino de Oliveira. (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — **AMADORA:** Av.ª Cardoso Lopes, Av.ª Combatentes da Grande Guerra, Av.ª Dr. Oliveira Salazar, Av.ª Marquês Pombal (parte), Av.ª Marechal Carmona (parte), Rua Vasco da Gama, Rua Dr. Manuel Arriaga (parte), Rua Luís Gomes (parte), Rua Comandante Ferreira do Amaral e Rua D.ª Leonor. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Parte Norte da Povoação da Abuxarda. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Norte de Pero Pinheiro e Rua do Vimal em Montelavar. (Das 8 ás 15 horas)

5.ª Zona — **AGUALVA:** Rua Alberto Ferraz, Rua da Ponte Nova, Rua Sacadura Cabral, Rua Magalhães de Lima, L.º da Republica, Rua António Nunes Sequeira, Praceta dos Glicínios, Praceta Visconde de Asseca, Praceta Moreira Batista, Rua Eng.º Carlos Santos, Rua Bartolomeu Dias, Rua Vasco da Gama, Rua Pedro Alvares Cabral. (Das 8 ás 17 horas).

6.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** Linhas de A. T. entre Alhandra e V. Franca e B.º da Quinta do Paraíso, Vila Franca de Xira (parte) em rede de B. T. E toda a rede de B. T. e A. T. de Alhandra. (Das 8 ás 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho do Sobral de Monte Agraço:** FREIRIA. (Das 8 ás 14 horas).

8.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** S DOMINGOS DE CAMÕES / BOLIGUEIRA / CARREIRA / ZIBREIRA / CARVOEIRA. (Das 8 ás 14 horas).

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

DÃO-SE ALVÍSSARAS

Num táxi, que transportou sr.ª brasileira, desde a R. Andrade Corvo e o Largo do Carmo, ficou carteira com dinheiro e documentos. Agradece-se, caso, seja encontrado o perdido, que seja entregue na Embaixada brasileira. Tem urgência, na devolução da dita carteira, pelos documentos pessoais que lá se encontram e que fazem muita falta.

QUE SE PASSOU AO CERTO NA ALDEIA DE SONG MY?

WASHINGTON — Um porta-voz do Exército revelou recentemente que um inquérito inicial, feito no ano passado, a escala subalterna, não tinha «confirmado» as acusações segundo as quais tropas americanas tinham massacrado aldeões sul-vietnamianos na província de Quang Ngai.

O inquérito original, feito no lugar por ordem do respectivo comando americano, foi, segundo parece, muito rápido e pouco profundo. Segundo o porta-voz do Exército, esse inquérito não trouxe á luz nada que «justifique um prosseguimento das investigações...»

Esta declaração é prestada num momento em que a Imprensa publica informações contraditórias sobre um massacre em 1968, na província de Quang Ngai, ligado a uma acusação por «homicídio múltiplo» contra o tenente William Calley, de 26 anos, ex-chefe de secção.

Os porta-vozes do Exército recusaram-se a prestar esclarecimentos mais precisos, enquanto não chegarem os resultados de um segundo inquérito (desta vez a um escalão mais elevado) e uma decisão sobre um eventual julgamento de Calley em Tribunal Marcial. O sargento David Mitchell, que, na altura, estava sob as ordens de Calley, está também a ser objecto de inquérito.

Soube-se há tempos que umas cartas dirigidas ao Pentágono em Abril último por um antigo G. I. que serviu no Vietnam, Ronald Ridenhour, desencadearam um inquérito sobre Calley e os seus pretensos cúmplices.

O porta-voz militar declarou que, pouco tempo depois dos alegados massacres de 16 de Março passado, o Vietcong afirmara

Por PETER BRAESTRUP

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

que «os americanos tinham matado civis em Quang Ngai». Estas alegações alertaram as autoridades provinciais sul-vietnamitas e a 11.ª Brigada de Infantaria dos E. U. A., que logo promoveram um inquérito. «*Este inquérito não confirmou as alegações nem revelou nada que possa impôr medidas disciplinares ou justificar uma continuação do inquérito*».

O porta-voz indicou que não dispunha de outros pormenores e, nomeadamente, que não sabia até que nível da hierarquia militar norte-americana tinha chegado o relatório da 11.ª Brigada.

Interrogado ao telefone, Oren Hecedreson, que comandava a brigada em 1968, declarou que o inquérito não tinha sido realizado pelos seus colaboradores, mas pelos do tenente-coronel Frank Baker, o qual dirigia as três companhias que tinham participado na operação de 16 de Março. Baker foi morto em combate em Junho seguinte, segundo indica o Pentágono.

Numa entrevista por telefone, Ronald Ridenhour, o autor da carta que desencadeou o inquérito do Pentágono em Abril passado, declarou que certos membros da companhia de Calley (a Companhia C do 1.º Batalhão do 20.º de Infantaria) lhe tinham dito que o inquérito durara apenas «um dia e meio». Mas não forneceu pormenores.

Os funcionários do Pentágono interrogados depois não souberam dizer por que é que o inquérito inicial não tinha sido tão profundo como o que foi desencadeado pela carta de Ridenhour. Contudo, vários veteranos do Vietnam, que trabalham agora no Pentágono, fizeram notar que, particularmente sob pressão do combate, os comandantes subalternos tinham tendência a «guardar as coisas em família».

Um porta-voz do Exército indicou igualmente que só agora é que os inquiridores do departamento dos Inquéritos criminais tinham visitado, pela primeira vez, o local dos incidentes do dia 16 de Março.

Ridenhour, que está agora a estudar na Universidade de Claremout (Califórnia), declara ter recebido a visita de um coronel da secretaria do inspector geral do exército, no dia 29 de Abril de 1969, mas os detectives do departamento dos inquéritos criminais não intervieram nesse caso antes do princípio do mês de Agosto, segundo o porta-voz do Exército.

Ridenhour declara que estando ainda no Vietnam, ouviu falar no incidente de 16 de Março a uns «dez ou doze homens», que tinham estado na companhia de Calley.

As informações sobre este massacre de civis variam enormemente. As agências de Imprensa indicaram este mês que o massacre tinha causado 109 vítimas.

A «Associated Press» citava, por seu lado, o coronel Thon That Khien: «*confirmo que foram mortas várias pessoas em combate*». Khien teria afirmado que uns aldeões lhe tinham contado que tinham sido mortos camponeses de dois lugarejos diferentes, Tu Cung e Ny Hoi, os quais fazem parte da aldeia de Song My. «Quando os aldeões me afirmaram que os americanos tinham deliberadamente feito fogo sobre eles perguntei-lhes: «quem viu isso?». Eles responderam: «nós próprios», assim declara Khien segundo anuncia a *Associated Press*. O coronel Khien sugeriu ainda que a morte dos aldeões terá sido devida a bombardeamentos e tiros de artilharia e não a pelotões de execução, o que não altera substancialmente o problema.

ECOS

«A Construção do Corpo», de António Ramos Rosa, é como uma síntese de todos os rostos do poeta, é como a convergência numa obra talvez definitiva do que de capital houve nos períodos de lúcido avanço e de cega procura da sua experiência ontológica, da sua experiência social, da sua alquimia do verbo, do som, do signo. Um grande, um belo livro de poemas, que pôde tornar-se significativo depois da aventura abstracta, depois de o poeta haver considerado a sua pessoa como sucessão de fenómenos, na palavra projectados, contidos e ultrapassados. Sim, mesmo depois de Pessoa, depois de Jorge de Sena, esta exasperada pesquisa do ser no gesto e na frase, em tudo o que envolve e condiciona o poeta, Ramos Rosa é aqui profunda e autênticamente original. Ouçamo-lo: «Há uma face que não sei, / que não sou. / E o que sou é a face de uma sombra. / Escrever para essa sombra sem face. / Sou uma sombra sem face / na sombra da rua. / Escrevo nesse intervalo, / nessa sombra onde ninguém suspira, / onde ninguém passa, / onde ninguém me vê passar. / onde não passo, / onde vou passar. / Há uma face / página onde a sombra se fez face / frente à sombra. / Escrever contra a face sem face.» O acto de escrever — consciência da emoção e consciência da consciência, inserção da voz lírica, una e múltipla no mundo em que o poeta se investe e que o poeta tenta recriar, gerando apenas sombras de sombras — ei-lo: «Escrever acender na sombra / árvores / mover a sombra até ao céu da rua. / Caminhar na sombra desatar a sombra / alta e viva / contra a face aberta / contra a face viva. / Sou somos uma face uma sombra / uma sombra uma face. / Escrever é abrir na sombra uma sombra / e respirar na sombra / um corpo de sombra. / Ninguém nos vê nem nos verá jamais / respirar a sombra viva.»

*

ERICH FROMM, autor da «Arte de Amar» e de «A Sociedade Sã», filósofo dos mais importantes do nosso tempo, escreve num seu recente artigo: «Penso como Marcuse que a sociedade plutocrática contemporânea é uma sociedade alienante, por conseguinte uma sociedade na qual os objectivos humanistas, a felicidade e a individualidade raramente se realizam. Mas estou em total desacordo com ele quando pretende que, devido às características dessa sociedade, tais qualidades não existem realizadas em ninguém, e que a análise da sua natureza e desenvolvimento é ideológica e que estimular a sua prática é preparar a adaptação. A posição de Marcuse é um exemplo de niilismo humano disfarçado de radicalismo.»

Uma grande máquina fotográfica que cabe na palma da mão!...

Minolta 16 mm.

3 MODELOS:
16 PS
16 II
16 MG

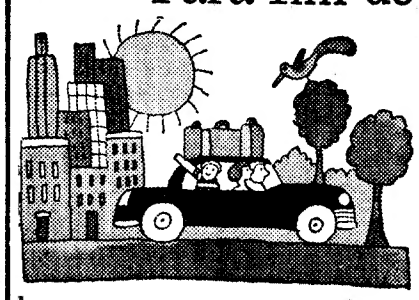
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS
Minolta 16 mm.
O PEQUENO GIGANTE DA FOTOGRAFIA

REPRESENTANTES GERAIS: HITZEMANN & CA. L.DA
PORTO - Rua Sá da Bandeira, 520/6
COIMBRA - R. Martins de Carvalho, 26-1.º
LISBOA - Rua Filipe Folque, 2C e D

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Para fim-de-semana vai melhor com Hertz



De sexta-feira à tarde a segunda-feira de manhã, poderá ter um Ford Escort ou um Volkswagen 1.300, por 360$00 (incluindo 100 kms. grátis).

Reserve o seu carro Hertz pelos telefones — Lisboa 32 82 47 ou Porto 33 4 55.

vai melhor com Hertz

charlot
BOUTIQUE - HOMENS

BREVEMENTE

na sua nova loja
RUA BARATA SALGUEIRO, 28

O AUMENTO DE VENCIMENTOS DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

(Continuação da 1.ª página)

Estado tem de dirigentes e técnicos qualificados, acrescenta o mesmo diploma que «para já, foi fixada uma nova escala de vencimentos, integrando nas remunerações-base estabelecidas no Decreto-Lei n.º 42 046, de 23 de Dezembro de 1950, o subsídio eventual do custo de vida e adicionando-lhe uma percentagem de actualização».

Além disso, a nova legislação procede á revisão de algumas categorias, e procura reclassificar numerosas designações com vencimentos intermédios.

Despesa da ordem de 1 500 000 contos

Além de outros encargos que se projectarão no Orçamento Geral do Estado com a execução de disposições contidas neste diploma, só a actualização de vencimentos provoca uma nova despesa da ordem de 1 500 000 contos (1 227 000 na despesa ordinária e 273 000 na despesa extraordinária).

O preâmbulo de decreto-lei acrescenta a seguir que os vencimentos dos funcionários estão apenas sujeitos ao imposto de selo e que o Estado suporta inteiramente os encargos de abono de família e assistência dos seus servidores. E acentua: «**Nas actuais circunstancias — o esforço financeiro exigido pela Defesa, III Plano de Fomento e expansão do ensino — foi-se além do que aconselhava a prudência para assegurar o equilibrio da Conta Geral do Estado. Mesmo assim, talvez se entenda que não se alcançou o desejável. O Governo, porém, tem a plena consciência de ter atingido os limites do possível**».

A criação de quadros únicos

«**Inovação digna de realce é a que se traduz na criação de quadros únicos — ainda que, por ora, só extensivos a determinadas categorias de pessoal administrativo e auxiliar — com os quais se tem em vista facilitar a mobilidade horizontal e vertical dos agentes que neles se integram. E, se a primeira poderá considerar-se como factor de enriquecimento da formação e de interpenetração, sempre útil, de métodos de trabalho, a mobilidade vertical não possui menor alcance, já que contribuirá para um alargamento substancial das perspectivas de promoção, mormente para os agentes actualmente afectos a quadros de reduzidas dimensões. A criação de quadros únicos estimula, ainda, o espírito de competição e facilita a realização de acções de formação e aperfeiçoamento profissional**» — lê-se, também, no mesmo documento, que termina por afirmar que as providências agora adoptadas «representam mais um seguro passo no caminho da reforma administrativa».

Os novos vencimentos

O decreto-lei em questão insere disposições sobre vencimentos, sobre regalias económico-sociais, sobre quadros e categorias e ainda disposições finais e transitórias.

Os novos vencimentos, a partir de 1 de Janeiro, são os seguintes, de harmonia com as respectivas categorias:

A	16 000$00
B	14 500$00
C	13 000$00
D	11 600$00
E	10 200$00
F	9 400$00
G	8 600$00
H	7 800$00
I	7 100$00
J	6 500$00
K	5 800$00
L	5 200$00
M	4 600$00
N	4 200$00
O	3 800$00
P	3 500$00
Q	3 200$00
R	2 900$00
S	2 600$00
T	2 400$00
U	2 200$00
V	2 100$00
X	2 000$00
Y	1 900$00

Estes vencimentos dizem respeito ao pessoal que desempenhe funções em regime de tempo completo. Para horários «part-time», será pago um quantitativo proporcional ao número de horas semanais de serviço exigido.

O diploma dispõe, ainda, que os funcionários não podem receber: a) Pelo exercício de cargos publicos, pagos pelo Orçamento Geral do Estado, ainda que em regime de acumulação, importancia total superior ao ordenado correspondente á letra A, acrescido de 25 por cento; b) Pelo exercício do respectivo cargo, mais de 95 por cento do ordenado correspondente á categoria imediatamente superior do mesmo quadro.

Os vencimentos certos do pessoal contratado ou assalariado não pertencente aos quadros não poderão, de futuro, ser superiores aos do pessoal de correspondente categoria dos quadros dos mesmos serviços, salvo quando se trata de especialistas ou técnicos de rara competência, reconhecida em Conselho de Ministros.

A remuneração do pessoal assalariado eventual será fixada, tanto quanto possivel, de harmonia com os salários correntes na região.

Prémios por sugestões

Os trabalhos extraordinários estão sujeitos, também, a remuneração. O que, porém, constitui novidade, é a instituição de prémios pecuniários, louvores públicos ou bolsas de estudo a atribuir aos funcionários que apresentem estudos ou sugestões julgados de interesse para o aumento de eficiência e de economia na Administração.

Na criação e reorganização de quadros, o pessoal deverá ser agrupado de acordo com a seguinte classificação: a) pessoal dirigente; b) pessoal técnico; c) pessoal administrativo; d) pessoal auxiliar.

O diploma especifica, ainda, as condições de recrutamento do pessoal e, por fim, em disposições finais e transitórias, acrescenta: «Os vencimentos mensais do pessoal militar das Forças Armadas e das corporações da Guarda Fiscal, da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Pública serão actualizados a partir de 1 de Janeiro de 1970, de acordo com os principios estabelecidos no presente decreto-lei».

Por outro lado, o ministro do Interior promoverá a actualização dos vencimentos do pessoal das autarquias locais e das administrações de bairro de Lisboa e Porto.

O caso dos reformados

As despesas de representação a abonar mensalmente ao Chefe do Estado e aos membros do Governo passaram a ser as seguintes:

Presidente da República, 24 000$00; Presidente do Conselho, 10 000$00; ministro dos Negócios Estrangeiros, 10 000$00; outros membros do Governo, 8000$00.

No que respeita aos aposentados e reformados, o decreto-lei dispõe:

«Nas aposentações requeridas ou impostas posteriormente a 1 de Janeiro de 1970 servirão de base para o cálculo da respectiva pensão os vencimentos fixados pelo presente decreto-lei.

«Para os servidores mandados aposentar ou reformar obrigatòriamente até 31 de Dezembro de 1969 e para os que tenham requerido a sua aposentação ou reforma até á mesma data continuará a atender-se, para o computo da pensão, aos vencimentos actualmente em vigor, com exclusão do subsídio eventual do custo de vida.

«Não é permitida a desistência nos processos de aposentação ou reforma voluntária a que se refere o número antecedente, mas o servidor ficará exceptuado do que nele se dispõe, desde que a sua aposentação ou reforma não possa efectuar-se por falta de outro requisito legal.»

Esta tarde na Assembleia Nacional

Proclamados os deputados e eleito o novo presidente

O conselheiro Albino dos Reis, que por direito de idade presidiu á sessão preparatória da Assembleia Nacional, procedeu esta tarde á proclamação oficial dos deputados eleitos em Outubro.

A cerimónia, de acordo com o regimento da Assembleia, efectuou-se com toda a Câmara de pé e seguiu-se á aprovação do parecer da comissão de verificação de poderes, eleita no passado dia 25, como noticiámos.

Em seguida, procedeu-se á eleição da mesa definitiva para a presente legislatura: o presidente, três vice-presidentes e dois secretários.

Foram igualmente eleitas as comissões de Economia, Finanças e de Legislação e Redacção. Por último, foram designados os cinco deputados, que, com a mesa, aguardarão o Chefe do Estado á entrada da Assembleia, na sessão inaugural das duas Câmaras de 1 de Dezembro.

*

Na Câmara Corporativa houve resoluções semelhantes e foram igualmente proclamados os novos procuradores.

Os ordenados dos deputados e procuradores à Câmara Corporativa

O «Diário do Governo» publica hoje o decreto-lei que estabelece os ordenados, senhas de presença e ajuda de custas dos deputados á Assembleia Nacional e procuradores á Câmara Corporativa.

Os deputados têm o subsídio mensal de 5 mil escudos, recebendo além disso uma senha de presença de 300 escudos por cada dia de comparência aos trabalhos da Assembleia Nacional.

Se os deputados forem funcionários públicos podem optar pelo ordenado do seu cargo, mantendo a senha de presença pelos trabalhos da Assembleia Nacional. Terão ainda, os que residirem fora de Lisboa e arredores direito a ajudas de custo enquanto durarem os trabalhos da Assembleia Nacional. Essa ajuda é igual á marcada para os funcionários da classe A.

Os deputados têm ainda direito a transporte, entre a capital e as suas residências fora de Lisboa, quatro vezes por mês os que morarem no continente, e três vezes por cada sessão legislativa os que vivam fora do continente.

Os procuradores á Câmara Corporativa têm direito por cada mês de sessão legislativa, ao subsídio mensal de 1500 escudos, tenham ou não senhas de presença. As senhas de presença são para cada sessão em que participarem e iguais ás dos deputados. Têm ainda direito a senhas de presença correspondente ao número de dias, não excedente a trinta, que lhes for fixado para elaborarem pareceres, no caso de serem relatores.

Têm também direito a custas de deslocação entre a sua residência e Lisboa.

O presidente da Assembleia Nacional e o da Câmara Corporativa têm direito, durante as sessões legislativas ao subsídio mensal de 5 mil escudos, e durante a legislatura, até final da última sessão, ao abono de despesas de representação iguais ás que por lei estiverem fixadas para o Presidente do Conselho.

O regime jurídico do contracto individual de trabalho

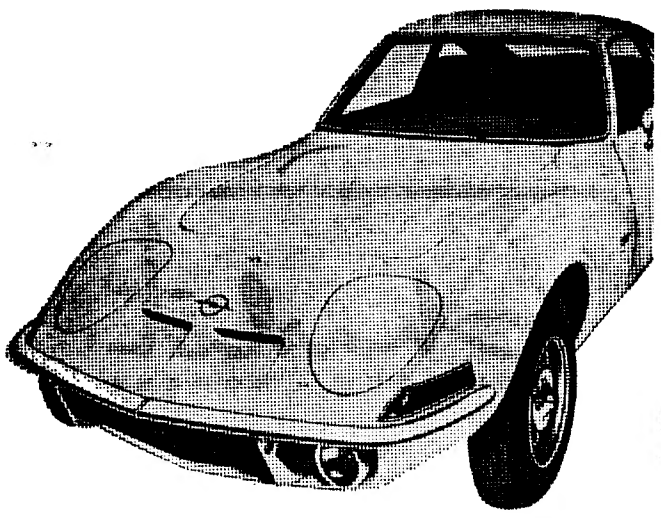
Foi hoje publicado no «Diário do Governo» o decreto-lei do Ministério das Corporações e Previdência Social que aprova o novo regime jurídico do contrato individual de trabalho.

No diploma se define o contrato de trabalho como «aquele pelo qual uma pessoa se obriga, mediante retribuição, a prestar a sua actividade intelectual ou manual a outra pessoa, sob a autoridade direcção desta».

O novo decreto-lei entra em vigor no dia 1 de Janeiro de 1970.

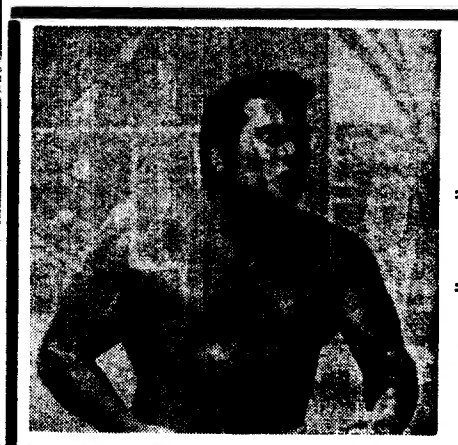
Opel
É sempre mais carro

Para todos os gostos e necessidades: Kadett, Kadett Caravan, Rekord, Comodore, GT. Todos eles com a precisão da mecânica alemã. O máximo em performance e economia. O estilo, tão moderno e funcional. O conforto. A segurança. Uma rede de serviços por todo o país. Opel. É sempre mais carro. Venha vê-lo e experimentá-lo no nosso stand.



OPEL GM

LICAR
AV. CASAL RIBEIRO 48A 48C
LISBOA-1



TARZAN TABORDA - Campeão de Portugal

Luta Livre Americana

HOJE
Às 21.45 H.

Pavilhão dos Desportos

TARZAN TABORDA-GALARZA — Um combate só possível de realizar-se devido a circunstâncias anormais!

Escassas horas separam o público do maior acontecimento desportivo da semana!

O Pavilhão registará esta noite uma assistência «record»?

Toda a Lisboa desportiva desejará assistir ao retorno sensacional do mais extraordinário lutador português de todos os tempos!

Este combate, de que todos falam e discutem, não será TELEVISIONADO.

M/ 17 ANOS

UMA LUTA SEM LIMITE DE TEMPO, COM BOLSA AO VENCEDOR, E ARBITRADA PELO CONHECIDO E FAMOSO «JUIZ» INTERNACIONAL, SR. MANUEL NUNES.

No programa da sessão estão incluídos mais três combates, com destaque para a emotiva luta a quatro.

«Os INTOCÁVEIS», sob o comando do «terrível» e «sanguinário» CYCLONE, preparam-se para mais uma demonstração do seu poder invencível. E consegui-lo-ão?

OPELLICAR

OPEL Kadett OLYMPIA REKORD COMMODORE

LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA1

ATENÇÃO, RAPAZES

«LIVRE COMO O VENTO»
É UM RAPAZ COMO VOCÊS...

«LIVRE COMO O VENTO»
É UM CAVALO BRAVIO...

«LIVRE COMO O VENTO»
É A AVENTURA EXTRAORDINÁRIA
QUE AMBOS VIVEM...

«LIVRE COMO O VENTO»
É A EMOÇÃO DUMA HISTÓRIA
QUE TODOS
VOCÊS GOSTARIAM
DE VIVER!
LEVEM OS
VOSSOS PAIS
E IRMÃS
QUE TAMBÉM
VÃO GOSTAR
DE VER
MARK LESTER
O BRILHANTE
INTÉRPRETE
DE "OLIVER"

ESTREADO EM LONDRES
COM A PRESENÇA
DA PRINCESA
ANA DE INGLATERRA

COLUMBIA PICTURES *APRESENTA*
UMA PRODUÇÃO IRVING ALLEN
JOHN MILLS
SYLVIA SYMS · BERNARD MILES
e MARK LESTER em Philip

UM FILME

Livre como o vento
(RUN WILD, RUN FREE)

com
GORDON JACKSON e FIONA FULLERTON
REAL. DE DAVID ROOK BALADA MUS. "The White Colt" PROD. DE JOHN DANISCHEWSKY
ANDREW DONALLY REALIZ. RICHARD C SARAFIAN · Technicolor

6 ANOS

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA no EUROPA

Fogões
FAR
duradouros · práticos · precisos
a técnica Francesa ao seu serviço

adaptáveis a qualquer tipo de gás

distribuidores exclusivos:
J. COSTA & SILVA, L.da
R. DOS SAPATEIROS, 79-1.º 326713 LISBOA 2

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
ADULTOS
ESTREIA, HOJE
As 21.45 horas
Bilhetes à venda
Desconto para estudantes
5 ÚNICOS DIAS

encenada por ADOLFO GUTKIN
VOLPONE
de BEN JONSON
pelo GRUPO CÉNICO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA
A peça que obteve da crítica a mais alta pontuação

MAX

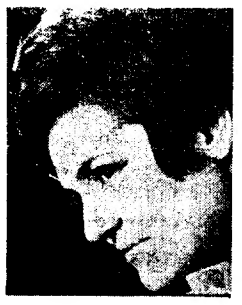
VARIEDADES ADULTOS

MUITO BREVEMENTE!

UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

A REVISTA POPULAR

PEÇO A PALAVRA!


ANITA GUERREIRO

ORIGINAL DE PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA e ROGÉRIO BRACINHA ● MÚSICA de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

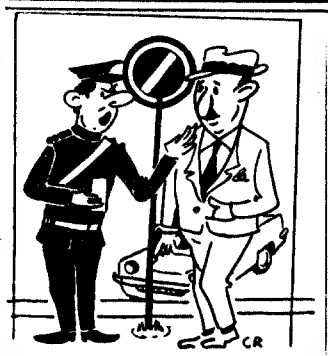
COM

AIDA BAPTISTA ● CARLOS COELHO
ELOÍNA ● SPINA

E A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL
ANTÓNIO CALVÁRIO
A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA
E UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL

HELENA CARDINALI

VITOR ESPADINHA



— O senhor já sabe que não pode deixar aqui a sua viatura...

— ... Mas ó seu guarda, eu vou atrasado para ver a revista «Ena, Já Fala!»...

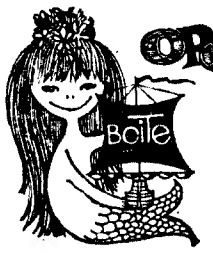
— Ah! Bem! Vai ao Teatro ABC... Isso já é outra coisa! Vá depressa homem... se não perde a abertura!...

Teatro Maria Matos
Av. Frei Miguel Contreiras (à Avenida de Roma)
Telef. 717017 — ADULTOS
HOJE, às 21.45 h.
2.º MÊS DE ÊXITO
SÁBADO, ÀS 16 HORAS
A PREÇOS REDUZIDOS
DOMINGO: Desconto para jovens dos 17 aos 21 anos
2.ª-FEIRA, às 16 e às 21.45 h.
(O descanso semanal do C.º será transferido para as 3.ª-feiras nos 2 feriados de Dez.
Tombo no Inferno
de AQUILINO RIBEIRO
DIRECÇÃO DE IGREJAS CAEIRO

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Narciso da Costa, Suc., Rua Dr. Oliveira Salazar, 54.

BALÃO VERMELHO
TUDO PARA CRIANÇA
SECÇÃO N.º 3
UMA COLECÇÃO CRIADA E ADAPTADA À SUA PERSONALIDADE
CHEGARAM CASACOS E CONJUNTOS INGLESES
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

HOTEL DOM CARLOS
A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.
AMANHÃ AO ALMOÇO:
FRANGO À MODA DE MONCHIQUE
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53-90 71 — LISBOA



O PORÃO DA NAU
M/17 ANOS
TEL. 51501
R. PINHEIRO CHAGAS, 1
NA «ÚNICA» BOÎTE DE LISBOA
COM A MELHOR SELECÇÃO
FORMA 5
O melhor conjunto português da actualidade
VICTOR SANTOS, PEDRO OSÓRIO, LUÍS DUARTE, CARLOS CARVALHO e VILLAS BOAS
E O ROMÂNTICO INTÉRPRETE DE «BLUES»
PAUL CONNOR
EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTER

2.ª SEMANA

...UMA EXPRESSÃO ARTÍSTICA A TODOS OS TÍTULOS ADMIRÁVEL.

Da crítica do "DIÁRIO POPULAR"

"O 41.º" É INDISCUTÍVELMENTE UM FILME IMPORTANTE...

Da crítica do "DIÁRIO DE LISBOA"

O EXTRAORDINÁRIO FILME RUSSO GALARDOADO COM O PRÉMIO DO MELHOR ARGUMENTO NO FESTIVAL DE CANNES

O CONFLITO TUMULTUOSO ENTRE O AMOR E O DEVER

O 41.º

UMA MULHER PRISIONEIRA DO SEU PRÓPRIO PRISIONEIRO!

Izolda Izvitskaia — Oleg Strijenov — Nikolaï Kriutchkov

REALIZ. DE GREGORI TCHOUKHRAI

PRODUÇÃO MOSFILM em SOVCOLOR

DISTRIBUIÇÃO C. C. P. — Adultos

SÃO LUIZ E ALVALADE

O livro «O 41.º», de BORIS LAVRENEV, foi, na sua tradução integral, editado pela Arcádia.

DISCOS Estab. MELODIA

LISBOA — R. DO CARMO, 23
PORTO — R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTÓNIO, 35

«Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO S. JORGE

TÍTULO: «A MAGIA DA MULHER» («Le Streghe»)
Episódios:

— «A Feiticeira Queimada Viva», de Luchino Visconti, com Silvana Mangano e Annie Girardot.

— «A Terra Vista da Lua», de Pier Paolo Pasolini, com Totó e Silvana Mangano.

— «A Siciliana», de Franco Rosi, com Silvana Mangano e Pietro Tordi.

— «Espírito Cívico», de Mauro Bolognini, com Silvana Mangano e Alberto Sordi.

— «Uma Noite Como as Outras», de Vittorio de Sica, com Silvana Mangano e Clint Eastwood.
Itália, 1967.

A Magia da Mulher, por acasos da distribuição, aparece-nos como um filme de episódios inteiramente dividido pelo intervalo em duas partes distintas. Primeiramente temos o genérico muito bom de Pino Zac que constitui como que a sexta história da obra. Depois surge a maestria de Visconti e a irreverência de Pasolini. Após o intervalo, Franco Rosi, Mauro Bolognini e Vittorio de Sica assinam três anedotas sem qualquer significado que não seja um ou outro sorriso, ainda assim forçado.

De início esta produção de Dino de Laurentiis destinava-se a mais um exercício de estilo para uma actriz: Silvana Mangano. Exercício para cinco personagens, *Le Streghe* começa, no entanto, por ser um retrato tremendamente augustiante da própria condição da mulher-objecto que é uma actriz. Visconti (tal como o Antonioni que abre *As Três Faces de Uma Mulher*, de Soraya) serve-se do mito para a desmontar. E o mito serve-se do cineasta para crescer, já que Silvana Mangano, desmitificada enquanto actriz que é, acaba por se impor pelo talento do seu próprio trabalho.

Visconti demonstra uma vez mais o seu estilo particular, misto de olhar aristocrático e de denuncia cruel de um ambiente determinado nas mais altas camadas da burguesia italiana. Procissão estilizada de mortos-vivos que se entredevoram em jogos de salão, o episódio de Visconti conhece alguns momentos notáveis, como sejam a sequência em que Silvana Mangano, desmaiada, é avidamente destruída pelas rivais, ou ainda toda a cena em que a mesma atende o telefone que a liga ao marido em Nova York.

Quanto ao episódio de Pasolini, possuído por um delírio vertiginoso de humor corrosivo, excede-se em inspiração e contundência satírica, terminando com *moral* e tudo: «*Estar morto ou vivo é a mesma coisa!*» Pasolini subjuga as suas figuras (onde se salienta o grande cómico que foi Totó) a um *décor* de ressonâncias surrealistas que se coaduna perfeitamente com o tom burlesco escolhido. Um burlesco feito de agressividade e ternura que é também homenagem a Charlot e a todos os deserdados da terra.

E depois de ter visto estes dois episódios, o senhor espectador pode dar por ganha a noite e poupar-se ao desgosto de assistir á penosa caminhada de um De Sica estropiado, de um Rosi exangue, ou de um Bolognini nada inspirado.

LAURO ANTÓNIO

• NO VOX

TÍTULO — «Cerimónia Secreta» («Secret Ceremony»).

REALIZAÇÃO — Joseph Losey, 1968 (Inglaterra).

INTÉRPRETES — Mia Farrow, Elisabeth Taylor, Robert Mitchum, etc.

Um filme de Joseph Losey é sempre um acontecimento importante, ainda que ele se-

Continua na 14.ª página)

COLISEU

Hoje às 21.30
(Maiores 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções

AMANHÃ — À tarde, entrada gratuita às crianças até 10 anos. À noite podem assistir crianças a partir dos 6 anos

De corredor de automóveis a vagabundo e gangster...

JEAN-PAUL BELMONDO

Num filme de ROBERT ENRICO

JOANNA SHIMKUS
SYDNEY CHAPLIN

...Para este homem perigoso um dia chegou

o grande ajuste de contas

Distribuição FILMES LUSOMUNDO - TECHNICOLOR - Maiores de 17 anos

2.ª SEMANA no EDEN

• LEVE, HOJE, A SUA FAMÍLIA AO MARIA VITÓRIA — ADULTOS

...E VERÁ QUE NÃO SE ARREPENDE!

• HOJE ÀS 20,45 E 23 HORAS, UM GRANDE ELENCO E UMA COLOSSAL REVISTA:

JOSÉ VIANA na «Voz da Guitarra»

• UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

• ESPERTEZA SALOIA •

DOMINGO E 2.ª-FEIRA GRANDIOSAS «MATINÉES», ÀS 16 HORAS

• 3.ª-FEIRA, DESCANSO DA COMPANHIA

UMA SENSACIONAL COMPANHIA, COM:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • BARROSO LOPES • DORA LEAL
A ATRACÇÃO NACIONAL
• HELENA TAVARES
A ATRACÇÃO FILIPINA
• «THE MELODIES»

A G.N.R. e a Liga dos Combatentes comemoraram hoje o centenário do general Farinha Beirão

A G. N. R. comemorou hoje, o centenário do general Augusto Manuel Farinha Beirão, que se notabilizou na campanha do Cuamato, especialmente no combate de Mufilo, onde ganhou a Torre e Espada, e ainda como comandante da 2.ª brigada do Corpo Exapedicionário Português á França. Em todas as unidades da corporação se procedeu á leitura de uma mensagem do general comandante-geral, evocando o militar que foi o general Farinha Beirão.

Por seu turno, a Liga dos Combatentes levou a efeito, em Lisboa, uma série de cerimónias que se processaram ao longo do dia.

Assim ás 11 horas, com a assistência de altas individualidades civis e militares, e representações de todas as unidades da G. N. R. da capital, monsenhor Moreira das Neves celebrou missa nas ruinas do Convento do Carmo. Durante a homília, recordou, em breves palavras, mas não isentas de admiração, o general Farinha Beirão.

Hora e meia depois, acompanhado por deputações de oficiais, sargentos e praças, o comandante-geral da G. N. R., o 2.º comandante-geral e o chefe do Estado-Maior deslocaram-se ao cemitério do Alto de S. João, onde foi colocada na sepultura do general Farinha Beirão uma coroa de flores.

À tarde, na sala de honra do comando-geral da G. N. R., com a presença dos ministros do Interior e do Exército, efectuou-se uma sessão solene evocativa da figura de militar do general Farinha Beirão

CASA DA IMPRENSA

Reune-se na terça-feira, ás 16 horas, a assembleia geral ordinária da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1970 e para apreciação do orçamento do próximo ano. Não havendo número suficiente de sócios, efectuar-se-á a assembleia em segunda convocação, no dia 11, á mesma hora, com qualquer número de presenças.

Também é convocada para terça-feira ás 17 horas, a assembleia geral extraordinária, a fim de apreciar uma proposta da direcção, para nomeação de sócios beneméritos.

Não havendo número legal de sócios, efectuar-se-á, em segunda convocação, no dia 11, á mesma hora.

Presidente honorário do Grupo de Estudos Brasileiros

PORTO, 29. — Foi nomeado presidente honorário do Grupo de Estudos Brasileiros do Porto, por proposta da direcção daquela instituição, o sr. Artur Cupertino de Miranda, em reconhecimento da sua acção no estreitamento das relações de cultura e amizade entre o Brasil e Portugal. A nomeação foi aprovada por aclamação, em assembleia geral extraordinária.

O comendador Artur Cupertino de Miranda é o actual presidente dos corpos directivos do Grupo de Estudos Brasileiros.

VIDA MUSICAL

Concerto no Tivoli dirigido por Efrem Kurtz

É já amanhã que reaparece, á frente da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, um dos maestros que o público de Lisboa mais tem distinguido com significativas manifestações de simpatia e admiração. Trata-se de Efrem Kurtz, que dirige a primeira audição da «Sexta Sinfonia» de Prokofieff.

A Emissora Nacional convidou, ainda, o maestro Efrem Kurtz a incluir uma obra comemorativa do centenário do nascimento de Berlioz. Assim, na expressiva e muito romântica interpretação do famoso regente, o nosso público poderá assistir á realização da «Sinfonia Fantástica» do grande compositor francês.

O concerto decorrerá, como habitualmente, no Tivoli, ás 18 e 30

EFREM KURTZ

CONNOSCO
PISA
TERRENO
SEGURO!

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

Um tema que admite muita liberdade

Muitos dos nossos jovens leitores estão a dirigir-se ao «Diário de Lisboa», pedindo esclarecimentos sobre duvidas suscitadas pela leitura do regulamento do concurso «O Natal visto pelas crianças». Como é natural, não temos possibilidade de responder directa e particularmente a cada um, pelo que o fazemos através do jornal que todos certamente lêem.

É tradicional haver trabalhos que não podem ser admitidos a concurso, por não ter havido, da parte dos concorrentes, correcta interpretação das diferentes normas do regulamento.

Esperamos, sinceramente, que tal não aconteça este ano. Por isso queremos chamar a atenção de todos para aspectos que se nos afiguram importantes e em relação aos quais é costume verificarem-se os erros ou omissões mais frequentes.

Note-se, antes de mais, que, como já temos sublinhado, o tema do nosso concurso tem por base o Natal.

Assim, desde os aspectos mais circunstanciais — as festas da quadra, a missa do galo, as janeiras, a ceia familiar, o presépio, as prendas e o sapato na chaminé, as iluminações e decorações nas ruas e nas casas, etc. — até áqueles que atingem outro plano e se situam, de certo modo, ao nível da simbologia dos mais altos e nobres anseios — a paz na terra, a fraternidade e amizade entre os homens, por exemplo — tudo o nosso concurso permite.

Outros aspectos há, no entanto, que se podem considerar arredados do tema ou dos objectivos de «O Natal visto pelas Crianças», quais sejam a matança dos inocentes, a fuga para o Egipto, a ultima ceia ou a crucificação. Nestes casos — e em outros semelhantes — a ligação com o Natal, a existir, é tão diluida que não se pode admitir como válida.

Lembramos ainda que a indicação da idade do concorrente no verso (nas costas) do trabalho é indispensável. É que, todos os anos, há um grande numero de concorrentes eliminados por não o fazerem. Deve ainda indicar-se o nome do concorrente, sua morada e estabelecimento de ensino que frequenta — se frequentou algum. E pronto — é o principal. Como sabem, a idade máxima para concorrer é 14 anos. Mínima não há.

O prazo de entrega termina a 15 de Dezembro e as produções devem ser enviadas para «O Natal visto pelas Crianças» — «Diário de Lisboa» — Rua da Rosa, 57 — Lisboa.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— A que horas deveria proceder-se à recolha do lixo?

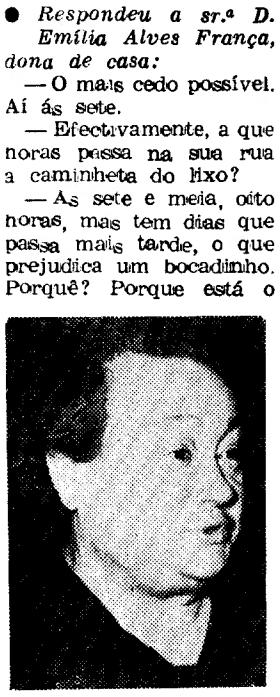
A tardia recolha do lixo contribui para acentuar o aspecto sujo da cidade e perturba a ordem do trânsito na hora em que todos têm pressa de chegar ràpidamente ao emprego.

● *Respondeu a sr.ª D. Emília Alves França, dona de casa:*

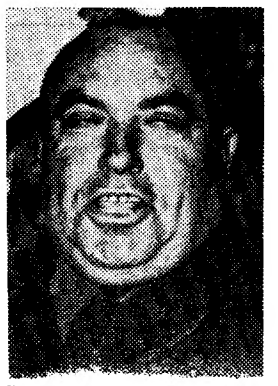
— O mais cedo possível. Aí ás sete.

— Efectivamente, a que horas passa na sua rua a caminheta do lixo?

— Ás sete e meia, oito horas, mas tem dias que passa mais tarde, o que prejudica um bocadinho. Porquê? Porque está o



lixo á porta, algum até a cheirar mal e isso faz mal á saude.



Se fosse um bocadinho mais cedo não se perdia nada.

— E porque diz isso?

— Os caixotes estão muitas horas cheios cá fora. Isso dá origem a que os cães e os gatos espalhem o lixo pela rua. O lixo espalhado dá mau aspecto e depois vêm os funcionários que apanham o maior e deixam ficar sempre algum lixo. Não há nada como o lixo estar todo dentro do caixote.

● *O guarda de jardins, sr. Adelino Fazenda, disse-nos:*

— De manhã, o mais cedo possível: começar ás seis horas e terminar ás nove e meia. Nos meus sítios passa ás dez.

● *Por ultimo, afirmou-nos a sobrescriteira (operária que faz sobrescritos) sr.ª D. Maria Lucinda Branca:*

— Talvez ás seis da manhã. Era a hora mais apropriada.

— Porquê?

— Na altura em que já estão os estabelecimentos abertos não dá bom aspecto.

— Um filho da nossa entrevistada informou: «Em África recolhem o lixo á meia-noite. Começam de noite e acabam de madrugada.)

— Moro numa vila, ali á Meia Laranja — pros-

seguiu a sr.ª D. Maria Lucinda. — Geralmente a camioneta passa ás nove e meia, dez horas. Às vezes não aparecem a recolher o lixo. Já estiveram meses sem ir lá lavar as ruas. Agora estiveram lá há um mês. Há falta de higiene. Se queremos, somos nós que temos de lavar.

PHILIPS

A PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L. comunica aos seus Agentes, Clientes e Fornecedores que transferiu os seus Armazéns Centrais para novos edifícios no lugar da Outurela (Carnaxide), com o telefone PPC 219 00 71.

Itinerário para os novos Armazéns PHILIPS em Carnaxide

Abolidas as declarações de carácter político e simplificadas as formalidades para o recrutamento dos servidores do Estado

Entra em vigor, no dia 1 de Janeiro do próximo ano, o decreto-lei n.º 49 397 da Presidência do Conselho, que na linha de orientação da Reforma Administrativa estabelece um conjunto de providências tendentes a simplificar as formalidades necessárias para o recrutamento e investidura dos servidores do Estado.

No introito do diploma se destaca, como primeira inovação, a adopção do simples despacho como forma de todos os actos que alterem ou extingam a situação dos servidores do Estado, salvo nos casos em que a lei prevê a forma de decreto para esses actos. Por cada nomeação, contrato, assalariamento, promoção, transferência ou colocação será lavrado o correspondente diploma de provimento, de modelo unico, aprovado por este decreto-lei.

«Deixa, pois, de haver lugar á emissão de portarias ministeriais e alvarás de assalariamento, que actualmente representam, por via de regra, a duplicação de anteriores despachos permissivos do provimento».

O regime actual, quanto ao contrato, é radicalmente modificado e são abolidas as declarações exigidas pelo artigo 3.º da Lei n.º 1901 e pelo Decreto-Lei n.º 27 003, e deixa de haver autos de posse e diplomas de funções publicas, passando a ser elaborado um unico documento, mais simples de redigir ou preencher — o termo de posse.

Outra alteração importante diz respeito á admissão a concursos. A apresentação dos documentos comprovativos concursos apenas será exigida quando houver lugar ao provimento.

O que se poupa: milhares de documentos, assinaturas, reconhecimentos...

Como justificação do decreto-lei, diz-se no introito, nomeadamente:

«O presente diploma obedece, portanto, ao objectivo primacial de permitir o acréscimo de produtividade dos serviços, através da simplificação de formalidades burocráticas da uniformização de procedimentos, da racionalização de certas práticas. O que tudo se traduzirá, por outro lado, em economia, celeridade e eficiência da Administração.

Como consequência do sistema agora adoptado, poupar-se-ão anualmente muitos milhares de documentos, de assinaturas, de reconhecimentos, de deslocações, de diligências as mais variadas. Assim se poupará também tempo e força de trabalho, que poderão ser aplicados em actividades mais uteis e de mais vincado interesse geral.

O que é abolido e dispensado

Nos artigos 8.º e 9.º estabelece-se o que é abolido e dispensado:

a) O auto de posse; b) O diploma de funções publicas; c) A declaração exigida pelo artigo 3.º da Lei n.º 1901, de 21 de Maio de 1935; d) A declaração exigida pelo Decreto-Lei n.º 27 003, de 14 de dos requisitos de admissão a Setembro de 1936; e) O alvará a que se refere a alínea d) do artigo 1.º do Decreto n.º 26 341, de 7 de Fevereiro de 1936. 2. Deixa de ser devido imposto do selo pelos contratos a que se referem os artigos 3.º e 4.º do presente diploma.

É dispensada a apresentação de documentos comprovativos dos requisitos exigidos para a admissão a concursos, documentais ou de prestação de provas, devendo os candidatos declarar nos respectivos requerimentos, em alíneas separadas e sob compromisso de honra, a situação precisa em que se encontrem relativamente a cada uma das condições, gerais ou especiais, exigidas para aquele efeito. Os candidatos poderão também especificar no requerimento quaisquer circunstancias que reputem susceptíveis de influir na apreciação do seu mérito ou constituir motivo de preferência legal. Os serviços, porém, exige a quaisquer candidatos a apresentação de documentos comprovativos das suas declarações.

Arti. 20.º. Este diploma aplica-se de um modo geral aos serviços dos Governos Civis, das autarquias locais e das Administrações de Bairros.

Actualidade internacional

JULGAMENTO EM ZURIQUE — Três palestinianos e um israelita compareceram ontem num tribunal suiço, para serem julgados como implicados, respectivamente, no ataque e na resposta ao ataque ao avião da companhia El Al, perpetrado em Fevereiro passado, no aeroporto de Kloten em Zurique. A sala de audiências tem capacidade para 60 jornalistas — apenas; todos os outros (e serão muitos) seguirão o julgamento através de um circuito interno de Televisão. Da esquerda para a direita: Mohammed Abu Al Heiga, Ibrahim Tawfik Youssef e Amena Dahbor, membros da Frente Popular de Libertação da Palestina, Mordechai Rachamin, agente dos serviços de segurança israelitas. Os palestinianos estão presos e o israelita encontra-se em liberdade provisória

ECLIPSE DO SOL

— uma das imagens obtidas pelos astronautas da Apolo-12

HOUSTON, 28 — (F. P. e R.) — O primeiro filme da missão lunar da Apolo-12, divulgado a noite passada, continha o que poderá ser a mais rara fotografia científica até agora tirada: uma vista da Terra a eclipsar o Sol.

A imagem, que faz parte de cerca de 64 metros de filme colorido tirado pelos astronautas Alan Bean, Charles Conrad e Richard Gordon, foi recolhida no último dia da sua missão á Lua.

O que viram e captaram no filme nunca antes tinha sido observado pelo homem.

A sequência, irregular ás vezes, mostrava imagens da Terra tapando completamente o Sol, que aparecia apenas como um círculo de um vermelho alaranjado brilhante á volta do globo.

À direita encontra-se a coroa, um grande clarão de luz que faz com que a cena pareça um espectacular anel de diamantes.

A NASA publicou também as primeiras fotografias tiradas na Lua por Charles Conrad e Alan Bean.

Numa delas vê-se distintamente a carcaça do Surveyor-3, a sonda automática americana que desceu na Lua em 20 de Abril de 1967, e ao fundo a silhueta do «Intrepid», o módulo lunar de Conrad e Bean.

A segunda fotografia mostra um sulco deixado na poeira lunar pela pequena escavadora do Surveyor-3. Regista-se que após 31 meses este sulco se apresenta tão nítido como quando foi fotografado pela própria sonda logo depois da escavadora o haver aberto. Tal facto confirma que não há praticamente erosão na Lua.

Noutra fotografia vêem-se as marcas das botas de Conrad e Bean, a bandeira americana por eles hasteada e ao fundo todos os instrumentos científicos que colocaram a pequena distância do seu módulo lunar

Uma fotografia a cores mostra o magnetometro destinado a medir o campo magnético lunar. O seu revestimento protector dourado brilha sob o efeito dos raios do sol e no fundo desta fotografia avistam-se os lunautas dispondo os outros instrumentos do minilaboratório «Alsep», que continua a fornecer informações do mais alto interesse.

ALVOS MILITARES EGÍPCIOS DESTRUÍDOS POR ISRAEL

TEL-AVIV, 28 — (R.) — Aviões israelitas destruíram alvos militares egípcios num ataque que realizaram á meia-noite, na região do canal de Suez, segundo anunciou nesta cidade ás primeiras horas de hoje um informador militar.

Os alvos do ataque de meia hora estavam situados no sector central do canal.

Todos os aviões israelitas regressaram a salvo ás suas bases, acrescentou o informador.

O ataque seguiu-se a um dia de actividade aérea sobre a rota marítima em que foram abatidos dois aviões egípcios, um caça bombardeiro e um jacto interceptor Mig-21, de acordo com comunicados israelitas.

O caça bombardeiro despenhou-se no Sinai, ocupado pelos israelitas, enquanto o Mig caiu dentro de território egípcio.

As perdas egípcias registaram-se quando alguns aviões atravessaram o canal tentando atacar alvos israelitas, mas foram interceptados pelo fogo da D. C. A.

COMPROMISSO

CAIRO, 28. — (R.) — Mohammed Hassanein Heykal, O jornalista mais influente do Egipto, afirma hoje que os Estados Unidos estavam nitidamente tão comprometidos com Israel como o estavam com o Vietnam do Sul e classifica a Grã-Bretanha de satélite dócil da política americana.

Heykal, o chefe da redacção de «Al Ahram», diz que vira com os seus próprios olhos serem transmitidos sinais de um porta-aviões americano no Mediterrâneo, indicando participação da Força Aérea israelita numa manobra recente.

O jornalista, amigo íntimo do presidente Nasser, não revela onde e quando viu os cinco sinais, os quais, declara, eram transmitidos pelo navio almirante.

Bonn: «Não» às armas nucleares

O Governo da República Federal Alemã, chefiado pelo socialista Willy Brandt diz não ás armas atómicas.

Efectivamente, Bonn preparava-se hoje para assinar o tratado de não-proliferação das armas nucleares homologado, em 1 de Julho de 1968, simultâneamente em Washington, Moscovo e Londres.

O gabinete alemão reuniu-se, esta manhã, para proceder a uma revisão-final das implicações decorrentes da assinatura do acordo. Espera-se que Willy Brandt anuncie, mais tarde, em conferência de Imprensa, a decisão do seu Governo.

Entretanto, a agência France Presse, informou que os embaixadores alemães ocidentais em Londres, Moscovo e Washington procederiam, esta tarde, naquelas capitais, á assinatura do tratado.

A aceitação do acordo, por parte de Bonn, segue-se a meses de hesitação e a acalorados debates no Parlamento.

Ainda segundo a F. P., o Governo britânico tenciona renovar, hoje, durante a homologação do tratado pelo embaixador alemão em Londres, a garantia que deu em Setembro de 1963 á Alemanha Federal, segundo a qual a carta da ONU não permite á União Soviética intervir pela força e unilateralmente nas questões internas alemãs.

Tendo o Governo Soviético dado a entender, no Verão de 1968, que a carta da ONU lhe permitia intervir na Alemanha Ocidental, o então Governo de Kiesinger baseou-se nisso para não assinar o tratado de não-proliferação.

NACIONALIZAÇÕES

CAIRO, 28 — (F. P.) — Salem Rabiah, presidente do conselho do Yemen do Sul, anunciou ontem á noite a nacionalização de todos os bancos e companhias de seguros estrangeiros que trabalham no país, das companhias portuárias e das sociedades petrolíferas.

Rabiah anunciou também a criação de um banco nacional e de uma nova organização económica destinada a coordenar as forças de produção e a planificar a economia nacional.

«A criação desta nova organização constitui o início da revolução socialista e o fundamento da nossa sociedade de transição para o socialismo», declarou ainda o presidente do conselho.

Poucas esperanças de salvar uma das crianças feridas no atentado em Atenas

ATENAS, 28 — (F. P.) — Das 32 pessoas que ontem ficaram feridas no atentado contra os escritórios da companhia israelita El Al, a mais jovem e a que se encontra em estado mais grave é o pequenino Georges Nestos, de dois anos e meio, que continua em estado crítico e não vive senão por meio da respiração artificial. Segundo as notícias chegadas hoje de manhã do hospital, os médicos conseguiram mantê-lo vivo durante toda a noite, mas são poucas as esperanças de o salvar. O seu irmão Athanassios, de cinco anos, está praticamente cego: o rosto e um dos olhos foram atingidos por multiplos estilhaços de vidro que os médicos estão a tentar extrair.

E' hoje que os «comandos» jordanos são apresentados ao tribunal de Atenas sob a acusação de ferimentos com premeditação, desordens e tentativa de homicídio.

Os dois «comandos» são Ilyas Dergarabedian, de 23 anos, alfaiate jordano de origem arménia e residente em Damasco, e Mansur Siffedin Murad Sugageh, de 21 anos, jordano, que estudava Medicina na Universidade de Atenas.

VIETNAM DO SUL

BASE DOS E. U. A. BOMBARDEADA

SAIGÃO, 28 — (A. N. I.) — Tropas comunistas, utilizando foguetões, morteiros e artilharia, realizaram ontem o maior ataque registado nos últimos 11 dias ao campo das forças especiais norte-americanas de Bu Prang. O ataque prosseguia esta manhã—anuncia em Saigão um informador militar.

A artilharia comunista que bombardeia a base está instalada em território do Camboja — acrescentou.

Bu Prang está situada a 180 quilómetros ao noroeste de Saigão e apenas a 5 quilómetros da fronteira do Camboja.

JULGAMENTO

SAIGÃO, 28 — (R.) — Começou hoje o maior julgamento de casos de espionagem até agora realizado no Vietnam do Sul, onde 43 réus têm pendentes acusações que vão desde a alta traição a actividades contra a segurança do Estado.

O réu mais importante é um antigo assistente especial do presidente Van Thieu, Huynh Van Trong acusado e preso em Julho passado por ter contactos com o Vietcong.

Entre os outros réus estão 13 mulheres, dois jornalistas e vários ex-funcionários superiores do Ministério que promove a recepção dos desertores inimigos.

Huynh Van Trong é um dos 12 réus acusados de alta traição, crime que implica a pena de morte.

«Errare simii est»

KUALA LUMPUR, 28 (R.) — Um homem, sofrendo de uma entorse no pescoço, foi tratado num hospital desta cidade depois de um macaco aparentemente julgar que a sua cabeça era um coco.

O homem passava junto de um coqueiro quando um macaco, treinado pelo dono para subir ás árvores e arrancar os cocos, saltou para as suas costas e lhe começou a torcer a cabeça.

Cláusula sobre o divórcio aprovada em Itália pela Câmara dos Deputados

ROMA, 28 — (R.) — A câmara dos deputados italiana aprovou a noite passada a cláusula mais crucial na votação para introduzir o divórcio em Itália, depois de ter rejeitado uma série de emendas dos democratas-cristãos destinada a torná-las virtualmente sem efeito.

A cláusula especificava o número limitado de casos em que o divórcio seria autorizado.

Incluia exemplos tais como a sentença de um dos cônjuges e dois ou mais anos de cadeia, condenação por tentativa de homicídio do outro cônjuge ou filhos, condenação por incesto, obrigar a mulher ou os filhos á prostituição, maus tratos, difamação ou deixar de sustentar o outro cônjuge ou os filhos.

O divórcio seria, também, permitido após cinco anos de separação, quando o casamento não tivesse sido ainda consumado dois anos depois e quando um dos cônjuges fosse estrangeiro e tivesse obtido um divórcio ou voltado a casar no estrangeiro.

Registou-se um enérgico protesto dos democratas-cristãos após os deputados aprovarem outro artigo segundo o qual quando o casamento tiver sido celebrado pela Igreja — como acontece com a maior parte das vezes em Itália — o divórcio era válido nos termos da lei civil.

Giulio Andreotti, um dos principais adversários contra o divórcio, declarou que esse artigo era ilegal porque a Itália era obrigada a reconhecer a lei da Igreja sobre o casamento nos termos da sua concordata com a Santa Sé.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

REGULAMENTADA A INDÚSTRIA HOTELEIRA

OS HOTÉIS E PENSÕES DO PAÍS SERÃO CLASSIFICADOS POR ESTRELAS

• NOVIDADE: A EMENTA TURÍSTICA

A definição dos estabelecimentos hoteleiros e similares, a dinamização de todo o processo para a construção de novas unidades, a nova classificação (por estrelas) dos hotéis e pensões, a possibilidade de classificar com interesse turístico alguns estabelecimentos que não obedeçam aos requisitos mínimos mas tenham localização excepcional ou um determinado carácter, enfim a instituição da ementa turística e a obrigatoriedade da afixação dos preçários, eis os pontos de maior interesse do Decreto-Lei n.º 49 399, ontem publicado no «Diário do Governo» com o principal objectivo de passar da inoperancia legal (reconhecida) á regulamentação de toda a actividade da industria hoteleira.

No seu preambulo o diploma começa por sublinhar a necessidade de dotar o País com (uma rede de estabelecimentos que, quantitativa e qualitativamente, esteja apta a satisfazer a procura cada vez maior e mais variada quer de nacionais, quer de estrangeiros» A lei n.º 2073, de 23 de Dezembro de 1954, continha de facto os quadros legais que deveriam regular a actividade desta industria. Mas a circunstancia de nunca haver sido regulamentada levou á sua inoperancia em muitos pontos e criou a maior incerteza entre os particulares Quinze anos depois tornava-se urgente arrumar a casa.

Assim, este decreto substitui a referida lei e fornece á Secretaria de Estado da Informação e Turismo «os meios legais que lhe permitam, no futuro, ter uma intervenção eficaz como orientadora da industria».

Atenção às estrelas

A dicotomia consignada na lei de 1954 — estabelecimentos «de interesse para o turismo» ou «sem interesse para o turismo» — mantém-se com o novo diploma. Simplesmente, é agora introduzido um critério objectivo (preferível a «critérios meramente circunstanciais») e prevê-se uma relativa margem de liberdade que permitirá, em ultima análise, classificar «de interesse para o turismo» certos estabelecimentos que não reunam todos os requisitos normalmente exigidos.

Por outro lado é atribuída á Secretaria de Estado (através da Direcção-Geral do Turismo) a competência para a classificação dos estabelecimentos, competência essa que pode ser entregue a delegações da S. E. I. T., órgãos locais de turismo ou representantes locais credenciados. A Secretaria de Estado terá também competência para orientar, nas suas linhas gerais, a industria hoteleira e similar sem interesse para o turismo, através de directrizes a fornecer aos Municípios.

A classificação dos hotéis e pensões, até aqui por classes (Luxo, 1.ª, 2.ª e 3.ª), passa a fazer-se por estrelas (de 5 a 1 para os hotéis e de 4 a 1 para as pensões), o que vem ao encontro dos hábitos do turista estrangeiro. Outra novidade: são enquadrados finalmente na lei os móteis e os hotéis-apartamentos, camuflados até agora sob a designação de «residências».

Contra a burocracia

O andamento e a resolução dos processos de instalação de novos estabelecimentos vão ser acelerados, designadamente quando neles intervêm entidades ou serviços dependentes de outros ministérios. (A notar que determinado processo está há mais de dez anos dependente de uma entidade alheia ao turismo... Será desta?).

Reconhecendo-se, entretanto, que uma unica entidade deverá ser responsável por toda a tramitação dos processos, entrega-se á Secretaria de Estado essa tarefa. Por isso o decreto fala de «dinamização» em vez de três ou quatro anos para resolver, 120 dias.

Ementa turística e preçários

Para além de várias outras disposições sobre as atribuições e competência da Secretaria de Estado, que visam fundamentalmente alargar a sua função interventora e coordenadora, são de sublinhar algumas inovações como a instituição da *ementa turística* (obrigatória nos restaurantes e demais estabelecimentos similares com serviço de restaurante), com preço a fixar para cada categoria e incluindo todos os impostos e taxas devididas; a obrigatoriedade de afixar os preços aprovados (essa afixação far-se-á no interior e no exterior do estabelecimento); e a aprovação dos mesmos preços sem necessidade da sua publicação no «Diário do Governo» (o que vem satisfazer um desejo formulado insistentemente pelas empresas)

Infracções

O novo diploma, que finalmente adianta uma definição dos estabelecimentos hoteleiros e similares (fica proibido, por exemplo, instalar clientes de hotéis ou pensões em casas particulares), inclui também todo um capítulo sobre infracções e respectivas sanções.

As sanções podem ir da advertência ao encerramento definitivo do estabelecimento, passando pela multa (até cem contos) e pela suspensão temporária Quanto ás multas, serão a dobrar no caso de reincidência nos doze meses seguintes e revertem para o Fundo de Turismo.

Mais: quando a gravidade ou as circunstancias da infracção, no caso concreto, assim o aconselharem, poderá ser decidido que seja dada publicidade, através dos órgãos de Informação, á sanção aplicada.

A reclassificação dos estabelecimentos hoteleiros vai fazer-se até 31 de Dezembro de 1970 e a dos similares até ao ultimo dia de 1971. Assim sendo, algumas estrelas poderão eventualmente aparecer já no próximo ano. Novidade ainda: o decreto admite a breve publicação de um diploma regulador do sistema «tudo incluído», que já se pratica (com enormes vantagens) em muitos países.

O dr. Augusto Sá Viana Rebelo no u

NUMA REUNIÃO

A Administração n... a real evolu...

Esta manhã, na sede da Corporação da Industria, realizou-se a primeira reunião conjunta dos vice-presidentes e da Direcção (mandato 69-73) na qual usaram da palavra os srs. drs. Sá Viana Rebelo e José Manuel do Amaral Coelho. Estavam presentes o eng.º Carlos Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa, o prof. eng.º Diogo Paiva, da Associação Industrial Portuguesa, eng.º Mário Ceca, da Associação Industrial de Moçambique, e o representante permanente da Associação Industrial de Angola, eng.º Álvaro Braga Vieira.

Entre as pessoas que assistiram á cerimónia, viam-se figuras proeminentes da vida financeira e industrial.

O dr. Sá Viana Rebelo no uso da palavra

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. dr. Augusto Sá Viana Rebelo, que agradeceu a presença de todos e pôs em relevo a actividade dos elementos cessantes, dizendo a determinada altura, depois de situar a Corporação no quadro geral das instituições nacionais:

«A Corporação tem de formar e expendir a opinião responsável do sector, e tem de ser o primeiro colaborador do Governo para a execução da sua política económica».

E, mais adiante, afirmou, depois de se referir ao esforço e dificuldades dos ultimos quatro anos:

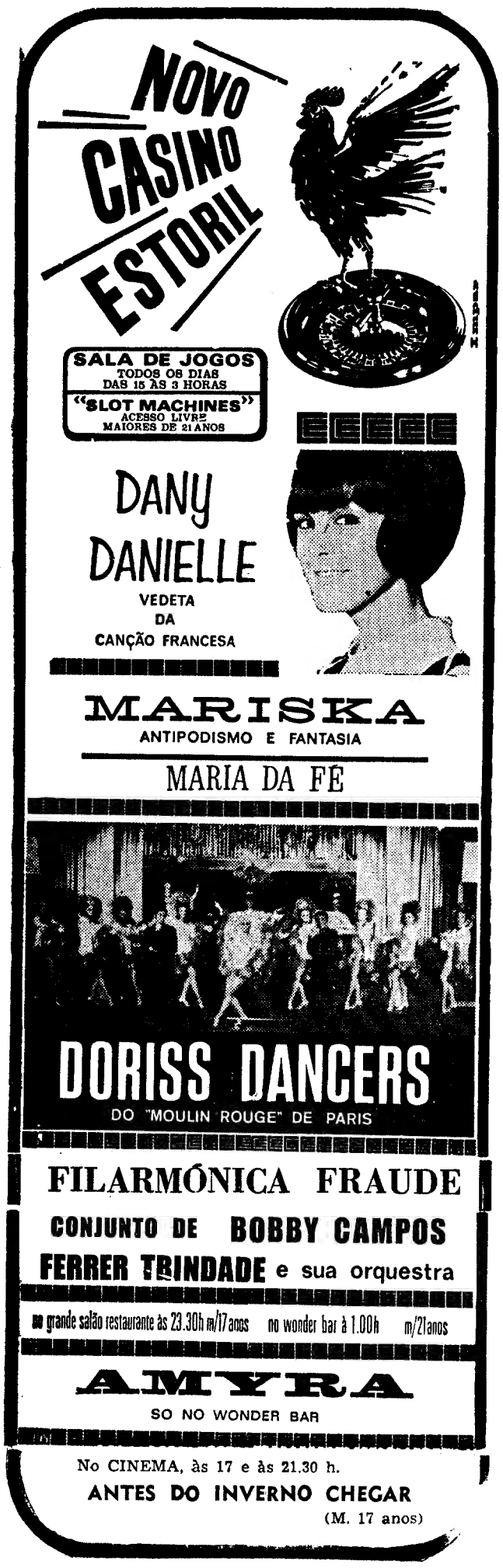
— É evidente que — para além de resultados imediatos — algo de novo se passa, em matéria de Governo, no que se refere á condução dos assuntos industriais, mas, sendo cedo para retirar apreciações definitivas, cremos estar a assistir ao desenvolvimento de um plano de sugestão intencional e metòdicamente processado, e dentro do qual, tudo o indica, terá a Corporação da Industria de ocupar o seu lugar, tal como o define, afinal, a sua lei estatutária.

A determinada altura afirmou:

— O industrial portu... já começa a pensar em ... mos de programação e ... plano para a sua produ... mas depara, para além ... uma certa incipiência n... que, muitas vezes, o para... ou inibe, também com o r... cado de consumo, directo ... intermediário, com pequ... base para «stockagem» e ... vendo quase o dia a dia ... negócio, ou, então, como ... caso das grandes empr... de metalurgia e metalom... nica, com carteiras fracas ... projectos, que lhes não ... mite encarar desafogadam... te o futuro.

E a terminar:

— Evoluir não é subver... mas aproximarmo-nos to... mais da realização do ... mundo melhor em que to... temos de caber, e para o q... todos precisamos de cola... rar. Mas não é nem com... posições de imobilismo ... presarial nem com as de ... ve ou paralisação de tra... lho que podemos camin... todos nessa senda progress... social. Temos de nos en... der uns com os outros, ... é preciso que também ... evoluindo as grandes mas...



Duas vezes m... Alim... Rico em vitaminas do c... Próprio para crianças... à venda nos bons estabelec...

Peça as receitas TARTA... Avenida da República, 46 ...

Nome .....

Morada .....

CHOCOLATES TAGUDE
BARREIRO · LISBOA · QUE...

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Jóias antigas e modernas
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

alavra

O SEMANÁRIO «MOTOR» COMPLETOU SEIS ANOS

Com um número especial de 48 páginas, «Motor» comemora, hoje, o seu 6.º aniversário, cotando-se como o mais completo semanário português da especialidade.

O jornal, afirmando-se «sempre na primeira linha», anuncia que dentro de alguns meses passará a ser impresso em «offset», na máquina que o «Diário de Lisboa» está a montar e informa que a Redacção e Administração de «Motor» passam a funcionar no 2.º andar de um moderno edifício da Rua Castilho (n.º 185).

Como especial motivo e interesse deste número festivo de «Motor», assinale-se um suplemento, largamente ilustrado, de 24 páginas, com os preços e características dos automóveis que estarão á venda em Portugal no próximo ano.

Nas restantes 24 páginas, este numero inclui numerosos artigos assinados pelos especialistas que compõem a redacção daquele semanário, como Joaquim Filipe Nogueira, José Baptista dos Santos, Bandeira de Lima, Avelãs Coelho, Augusto Vilela e Maria do Céu, além de reportagens e artigos dos seus correspondentes, entre os quais se destaca Philippe Toussaint, dos serviços de reportagem no estrangeiro.

O «Diário de Lisboa» congratula-se com o êxito de «Motor», cujos responsáveis estão íntimamente ligados á vida do nosso jornal, pois são, precisamente, os srs. dr. António Pedro Ruella Ramos, nosso director, Lopes do Souto, director-geral, e António Costa, chefe dos serviços de publicidade.

A gravura apresenta um aspecto da primeira página do numero com que o semanário de automobilismo «Motor» comemora os seus seis anos de publicação

«Diário de Lisboa--Juvenil»

Mário Castrim, concedeu ao *Passatempo Juvenil* («Paju») de Rádio Peninsular uma longa entrevista em que se debatem temas e problemas relacionados com a actividade do suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa»

«Paju» realizado por João Paulo Dinis e Aurélio Carlos Moreira, inclui a entrevista na sua emissão de amanhã, pelas 16 horas

ALARME (INJUSTIFICADO) NA RUA DA ATALAIA

Esta manhã, por volta do meio-dia, um calorífero deu que falar na Rua da Atalaia, ao Bairro Alto.

No 4.º andar do n.º 18, o petróleo de um calorífico entornou-se e incendiou-se. Muita chama, pouco fogo, alarmaram os habitantes da casa, que chamaram os bombeiros.

Quando dois autotanques do Batalhão de Sapadores Bombeiros chegaram ao local já nada haviaa fazer, porém: o fogo tinha sido extinto com a ajuda de um cobertor...

A CORPORAÇÃO ... tem acompanhado ... da Indústria

— disse o dr. Sá Viana Rebelo

...abalhadoras por forma a se ...entalizarem no trabalho de ...quipa e transmutarem a ...eivindicação» em «diálogo ...olaborante e construtivo».

...ala o dr. Amaral Coelho

Falou a seguir o dr. Amaral Coelho que terminou o seu mandato na Corporação. Apontou como força que constantemente se opõe ao progresso industrial do País a falta de mentalização nos sectores publico e privado de que é necessário de facto empregar esquemas novos talvez revolucionários, que nos façam sair de uma situação tradicional de menoridade industrial».

E na sequência deste enunciado afirmou:

— Não bastará na verdade que um Presidente de Conselho, um ministro, um secretário de Estado enunciem um princípio ou uma orientação, mesmo traduzida em texto legal, para que se atinjam as metas pretendidas. É absolutamente indispensável que dentro dos serviços, desde o mais alto funcionário ao mais modesto se compreenda que não pode haver progresso nacional e consequente aumento do nível de vida e dos conhecimentos, sem uma forte base para a Nação: a sua industria, a sua agricultura e o seu comércio. O resto, virá por acréscimo, como diz o texto bíblico.

E a terminar, afirmou:

— Tudo quanto disse se pode condensar, pois, em dois postulados que convém insistentemente difundir, mesmo correndo o risco de nos repetirmos demasiadamente: a industria é uma das bases fundamentais do progresso económico e social. Compete ao Governo e a todos os seus colaboradores reconhecer isto como verdade incontroversa, pelo que lhes compete como Servidores da Nação, ouvi-la, dialogar com ela, explicar-lhe onde o seu interesse colide com o interesse geral, e finalmente orientá-la se tal for necessário. Não esquecer nunca que uma industria próspera é a maior fonte imediata de rendimento fiscal.

— A industria por seu lado, tem de realizar-se plenamente nas funções económicas, sociais e até políticas, para tanto tem de colaborar com o Governo de espírito aberto, tem de bater-se pelas suas convicções, tem de pôr de parte um sistema fechado de gestão e colaborar com os seus pares no progresso científico através das despesas comuns de investigação.

Terá de voluntáriamente eliminar instalações ultrapassadas ou de pequena dimensão de quem as primeiras vítimas são os seus trabalhadores mal remunerados. Ou remuneramos ou ficamos sem quem connosco colabore. Tentemos agora passar das palavras aos actos.

GAGEIRO E XAVIER — Prémios do Salão Municipal de Fotografia

Com vista á apreciação dos trabalhos admitidos ao IV Salão Municipal de Arte Fotográfica, reuniu-se o júri encarregado de classificar os referidos trabalhos, que estabeleceu os seguintes prémios:

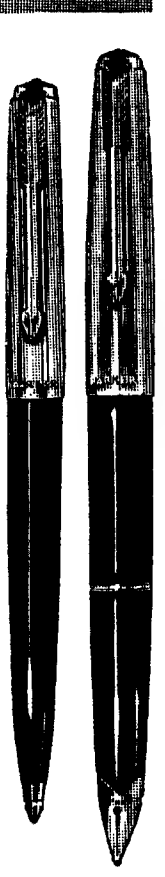
Classe de profissionais — (grupo A (preto e branco) — Eduardo Gageiro, 1.º prémio (5000$00) e 2.º prémio (4000$00); António Xavier, 3.º prémio (2500$00).

Classe de amadores — grupo A (preto e branco) — Horácio José da Cruz, 1.º prémio (5000$00); Fernando Nunes, 2.º prémio (4000$00) e Manuel Abranches, 3.º prémio (2500$00); grupo B (cor) — Fernando Nunes, 2.º prémio (6000$00) e Ruy Machado Esteves, 3.º prémio (4000$00).

O júri resolveu, ainda, não atribuir qualquer prémio no grupo B (cor) — categoria de profissionais — e o 1.º prémio deste mesmo grupo na categoria de amadores.

quem estará mais feliz: Ele ou Ela?

Bom, é difícil dizer.
É que, repare, o prazer de dar uma PARKER, é tão grande como o de receber. E isso vê-se: Note só a expressão de felicidade de ambos. Pergunta-se: Quem ofereceu? Ele ou Ela? Naturalmente que quem oferece uma PARKER sabe usar a sensibilidade e o bom gosto. Mas isto, é claro, não fica no retrato. Está dentro de nós.



PARKER

PARKER 65

PRODUTOS DE THE PARKER PEN COMPANY,

fabricantes das canetas, esferográficas e lapiseiras mais desejadas do mundo. Modelos de 60$00 a 2.350$00.

Distribuidores exclusivos para Portugal: VIALGA Representações, S. A. R. L.
Rua Joaquim António de Aguiar, 45, 2.º-D. — Telef. 53 32 54 — Lisboa-1

vo que a carne
e bem
proteínas e sais minerais.
factores de crescimento.
alimentação e supermercados.

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.
A 1

PRÉDIO

A 7 %

ALTO DE S. JOÃO

CONSTRUÇÃO EM CIMENTO ARMADO, BONS ACABAMENTOS. COMPOSTO DE 5 pisos, hab. de 3 e 5 div. soalhadas, cozinha, 1 e 2 casas de banho, despensa, marquise e hall.

RENDIMENTO 231.600$00. TODO ALUGADO

PREÇO — 3.400.000$00 C/ ESCRITURA NA MAO

MOSTRA E TRATA

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5 — 328232/3 — 561756

Djalma condenado em 15 meses de prisão

MONTIJO, 28 — «*Ao longo de 20 anos de carreira e de quase 3000 processos por acidentes de trânsito, este e um dos casos mais raros que têm surgido na minha actividade*» — disse, esta manhã, o dr. José Celestino Ramos, advogado da parte assistente, ao iniciar-se a sessão de hoje do julgamento do futebolista Djalma, o qual, como ontem noticiámos, responde no tribunal desta comarca, sob a acusação de triplo atropelamento mortal com fuga.

O dr. Celestino Ramos chamou a atenção do tribunal para «*a insensibilidade do réu*», que abandonou as suas vítimas na estrada e não participou a ocorrência em nenhum posto da autoridade. Disse ainda que Djalma «*faltou grosseiramente á verdade*», ao afirmar que o acidente fora motivado por encandeamento provocado por um camião que rodava em sentido contrário. Lembrou que o «*encandeamento não era possível, segundo foi provado no local, pelo guarda participante.*» Acrescentou que, de acordo com as afirmações das testemunhas, o réu conduzia o carro «*a velocidade vertiginosa. a mesma com que entra na grande área para marcar golos.*»

Terminou a sua alegação, dizendo.

— *Sou forçado a pedir a V. Ex.ª no aspecto criminal do pleito, o pleno rigor da lei, para que sirva, de uma vez para sempre, de lição para o réu e para quantos conduzem como ele.*

Disse ainda que a indemnização tinha de ser importante (e não apenas os 200 contos do seguro), pois Djalma aufere, mensalmente, com ordenado, luvas e prémios, cerca de 12 contos «*mais que um magistrado*»

«Cada país tem os acidentes que merece»

Seguiu-se a alegação do dr. Joaquim Pereira da Costa, advgodo de defesa do réu, que começou por rebater a acusação de falsas declarações imputada ao seu constituinte, da qual pediu que fosse absolvido.

Quanto ao triplo homicídio, referiu que o caso deve ser considerado no contexto do País, chamando a atenção para o problema da falta de uma educação de base. Afirmou, a certa altura:

— *Cada país tem os acidentes que merece.*

Acrescentou não estar provado que o réu seguisse a «*velocidade vertiginosa*», rebatendo assim as declarações nesse sentido feitas pelas testemunhas, e igualmente não estar provado que não se dera encandeamento.

Prosseguiu, chamando a atenção para o caso pessoal de Djalma, indivíduo primário, cuja única promoção social se deve ao facto de saber jogar futebol, e lembrou as palavras de Mário Wilson, segundo o qual Djalma é «*uma criança que precisa de ser orientada Tenho de ser para ele quase como um pai*». Terminou chamando a atenção para o perigo que poderá advir para o réu, de uma condenação a prisão demorada a sua, forçosamente o há-de pôr em contacto com condenados por delito comum.

Após um breve intervalo, foi proferida a sentença:

15 meses de prisão, 15 meses de multa a 40 escudos diários, 300 escudos de multa pela transgressão, 1000 escudos de imposto de Justiça pagamento da indemnização de 180 contos a quem se apresente com direito a ela e impedimento de conduzir veículos automóveis por dois anos.

No final, o juiz acentuou que a condenação fora quase reduzida ao mínimo estabelecido pela lei, para casos de reincidência e com as características daquele.

Djalma está preso há dois meses, período que será descontado na pena ora sofrida. Se for bem comportado na prisão, cumprida metade da pena Djalma poderá sair em regime de liberdade condicional. Segundo declarou o seu advogado, o jogador brasileiro não recorrerá da sentença.

No momento em que o embaixador do Chile usava da palavra, durante a evocação de Fernão de Magalhães

NA PRAÇA DO CHILE

Evocada a memória de Fernão de Magalhães

Por iniciativa da Associação dos Amigos do Chile, efectuou-se esta manhã, junto do monumento ao navegador português Fernão de Magalhães, na Praça do Chile, uma cerimónia evocativa do descobrir das terras chilenas

Usou da palavra o sr. dr. Rafael de La Presa, embaixador do Chile em Portugal, que depôs um ramo de flores (com as cores do seu país) na base do monumento. Presentes, entre outras individualidades, o vice-presidente da Câmara Municipal, D. Segismundo de Saldanha, que representava o general França Borges, e os srs. prof. eng.º Leite Pinto, dr. Henrique Martins de Carvalho, escultor Leopoldo de Almeida, comendador Abílio Brenha da Fontoura, embaixador Mário Duarte, coronel Hermes de Oliveira, membros da família Fernão de Magalhães (Conde de Alvelos, dr Luís de Assis de Magalhães e Menezes e D. Ascêncio Siqueira), D. Manuel Osório de Aragão, o presidente da Casa de Trás-os-Montes e o representante da edilidade de Sabrosa (da comarca de Vila Real), local presuntivo do nascimento do grande navegador.

Fez-se representar o ministro da Marinha e a guarda de honra foi prestada por uma deputação de cadetes da Armada.

O dr. Lopo Cancella de Abreu condecorando D. Raquel Sain

Um sistema de recuperação de crianças cegas foi anunciado pelo ministro da Saúde ao condecorar hoje D. Raquel Sain

—Quando, pela primeira vez, visitei a Fundação Sain, logo me persuadi de que se tratava de uma organização devidamente estruturada, digna de uma distinção. Hoje venho aqui conferir á sr.ª D. Raquel Sain a medalha de prata de Serviços Distintos do Ministério da Sude e Assistência — disse, esta manhã, o titular daquela pasta no decurso de uma cerimónia que decorreu na Fundação acima mencionada.

O ministro que reconheceu a utilidade da Fundação Sain, e se congratulou com a recuperação de numerosos invisuais adultos, declarou que, «no próximo ano, o Ministério porá em prática um sistema para recuperação de crianças cegas.»

Segundo aquele membro do Governo, dar-se-á futuramente preferência a invisuais para os lugares de contínuos, recepcionistas, telefonistas, etc.

Entregue a medalha referida á sra. D. Raquel Sain, usou da palavra o sr. Aristides Sain, filho da homenageada, que fez a história da Fundação, cujos problemas expôs com conhecimento de causa, pois é presidente do conselho de administração daquele organismo.

O ministro visitou, depois, as instalações da Fundação.

Estudantes do I. S. C. E. F.

No domingo, haverá, no Espelho de Água, um baile de recepção aos «caloiros» de Económicas, com a participação dos conjuntos Chave, Logos Quintetus e Bassa-Jazz-3.

As pessoas interessadas podem marcar mesas ou pedir informações na A. E. I. S. C. E. F., Rua Miguel Lupi, 11, ou através do telef. 679923.

Consultor da O. C. D. E. em Lisboa

Chegou a Lisboa o dr Jean Lessard, consultor da O. C. D. E, que, ao abrigo do programa de assistência técnica deste organismo, vem efectuar uma missão sobre «As modernas técnicas de avaliação de projectos de investimento no sector educacional».

O dr. Jean Lessard, que tomou já contactos com diversas entidades ligadas aos Ministérios da Educação Nacional e da Obras Públicas e do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, participará, no dia 5 de Dezembro, num colóquio a realizar, por iniciativa do Gabinete de Estudo e Planeamento da Acção Educativa, no Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação.

Figura de alto prestígio, o dr. Jean Lessard, de nacionalidade canadiana, é licenciado em Ciências Físicas e Matemáticas e doutorado em Ciências Económicas e desempenha, entre outras, as funções de técnico de Economia e Estatística e de director do sector de investigações económicas no Ministério da Educação do Quebec.

MUSEU GULBENKIAN

Para conhecimento do público, comunica-se que, por motivos de serviço interno, o Museu Calouste Gulbenkian estará encerrado na próxima terça feira, durante a manhã, reabrindo a partir das 14 horas.

DIÁRIO DE LISBOA

Fizeram referências ao nosso jornal ou transcreveram artigos nele publicados, os prezados colegas «Notícias de Guimarães» «Gazeta de Coimbra» «Mar Alto», da Figueira da Foz, «Gazeta do Sul» do Montijo, e «O Almonda» de Torres Novas.

ESCOLA FRANCISCO DE ARRUDA

Amanhã, ás 9 horas, a sessão cultural integrada nas actividades circum-escolares da Escola Francisco de Arruda será constituída pela apresentação de grupos corais, narrativa de um conto pelo actor Norberto de Sousa, comentários semanais do director da Escola, série cinematográfica «Ensino Visual das Ciências, e um filme recreativo comentado no intervalo.

REUNIÃO DE VOLUNTÁRIOS DA FACULDADE DE DIREITO

Realiza-se amanhã, pelas 15 horas na Faculdade de Direito uma Reunião Geral de Voluntários com a seguinte ordem de trabalhos:

1—Eleição do Conselho-Geral de Voluntários.

2—Discussão do programa de acividades.

Conferida posse ao presidente interino da Junta de Energia Nuclear

O ministro de Estado, eng Vaz Pinto, conferiu posse, hoje de manhã, no Palácio de S. Bento, ao comandante Soeiro de Brito, do cargo de presidente interino da Junta de Energia Nuclear, porquanto o titular do cargo, general Kaulza de Arriaga, se encontra a ocupar um importante posto de comando na defesa do Ultramar.

O auto de posse foi lido pelo dr Paiva Brandão, secretário-geral da Presidência do Conselho e assinado pelo ministro empossado.

O ministro de Estado, no uso da palavra elogiou o titular do cargo e referiu as altas qualidades de trabalho e inteligência do comandante Soeiro de Brito que o indicavam para desempenhar o cargo.

Memoriou depois o ministro a evolução da Junta de Energia Nuclear criada em 29 de Março de 1954 e afirmou que, *de acordo com a resolução do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, se encontra em execução um programa completo de estudo da instalação e funcionamento de centrais nucleares a incluir oportunamente na rede eléctrica primária*, realçando a importância dos problemas que a Junta é chamada a enfrentar, tanto no âmbito interno como externo.

Falou em seguida o empossado.

Palavras do comandante Soeiro de Brito

O sr. comandante Joaquim Baptista Viegas Soeiro de Brito, após os agradecimentos iniciais, referiu-se ás actividades da Junta de Energia Nuclear. Básicamente, acentuou, aquela procura «a aquisição das técnicas ou da tecnologia nuclear e a sua aplicação aos problemas nacionais» e «a exploração dos recursos naturais com interesse para essas técnicas».

Por último, recapitulou as actividades enumeradas; preparação de pessoal, fomento da aplicação de técnicas nucleares, estudos de produção de energia, prospecção e exploração mineira, extensão da acção da J. E. N. ao Ultramar e preparação da participação do sector privado nas actividades nucleares.

E concluiu afirmando que «só contando com a compreensão dos diversos sectores interessados e com forte apoio dos mais altos escalões governamentais, será possível progredir ao ritmo que se deseja e que o desenvolvimento nacional impõe».

DR. HERCULANO PEDROSO AMARO DE OLIVEIRA

FALECEU

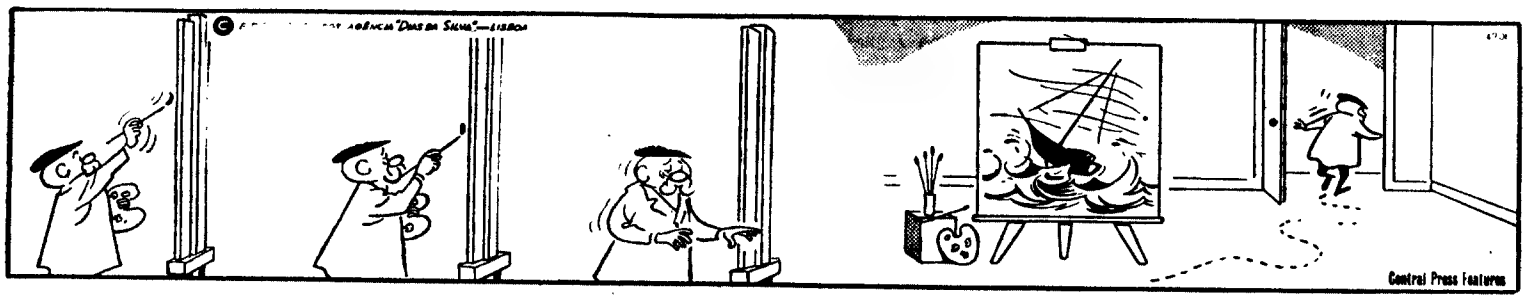
Maria de Lourdes Paredes da Silva Amaro de Oliveira, Maria de Lourdes da Silva Amaro de Oliveira, Gabriel José Paredes da Silva mulher e filhos, Altina Pedroso Reis Brandão Amaro, seus irmãos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai, filho, irmão e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Igreja de São João de Deus (Capela A), para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA SALGADO

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Novembro de 1939 publicava:

«LONDRES — Os oficiais da Aviação britânica em França convidaram, para um banquete, os pilotos alemães prisioneiros de guerra, os quais choraram ao abandonar a sala. A gentileza britânica comoveu-os, por contrastar com a insistência com que as autoridades alemãs afirmam que os aliados torturam os prisioneiros de guerra.»

PEUGEOT
MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR A LOUÇA*

100% Automáticas
Aço inoxidável
*Com capacidade para um serviço completo de 8 pessoas
PEUGEOT
a qualidade que não se discute
SABEL
Rua de D.Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta Catarina,1209-PORTO

Palavras cruzadas

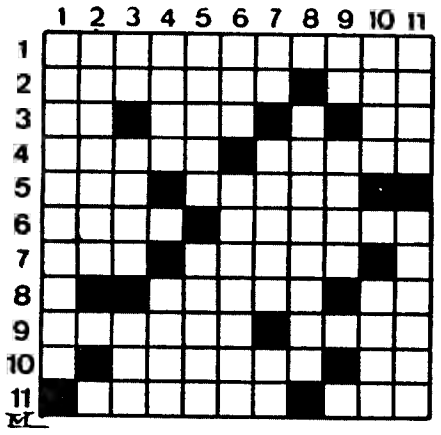
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5372

HORIZONTAIS: 1 — Quase a desfazer-se. 2 — Trepai. Rilha. 3 — Símbolo químico do antimónio. Nome de letra grega. Atmosfera. 4 — Ter em silêncio. Entusiasmo. 5 — Joeira. Impede. 6 — Risonho. Levantada. 7 — A favor. Rezara. 8 — O que dá. Arguida. 9 — Lema. Parecença. 10 — Rebater. Carta de jogar. 11 — Saltientem. Flanco.

VERTICAIS: 1 — Perdoado. 2 — Esfumar. 3 — símbolo químico do escândio. Face. Chegar. 4 — Procura. Capital do Timor português. 5 — Interjeição que designa afirmação, satisfação. Terreno com vegetação no meio de um deserto. 6 — Antigo navio á vela. Venacidade. 7 — Nome de letra grega. Espécie de andorinha. Prefixo de negação. 8 — Sepultar. 9 — Dirigir-se. Cheiro desagradável (Brasil). 10 — Tangem. Verdadeiro. 11 — Metal precioso. Contrária.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

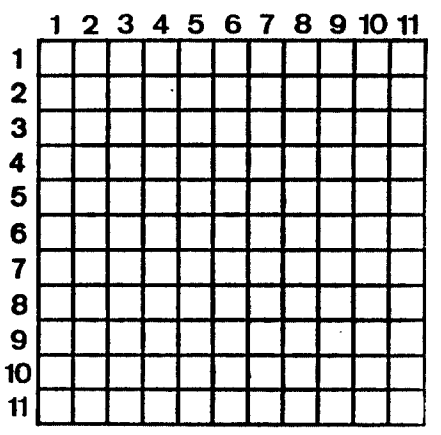


(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9215

HORIZONTAIS: 1 — Querida. Transpinais. 2 — Enviar como legado. Torna nulo. 3 — Procedera. Rio do Turquestão oriental. 4 — Mãe de Romulo e Remo. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. 5 — Atmosfera. Segura. 6 — Língua vernácula indiana. Mamífero desdentado espécie de tatu. 7 — Ordenar. 8 — Sustentar com varas ou estacas (a videira). Empregava. 9 — Hora do ofício divino. Prefixo que designa ar. Senhor em inglês. 10 — Pronome pessoal. Tostas. Átomo (abrev.). 11 — Freguesia do concelho da Covilhã. Almofeira.

VERTICAIS: 1 — Içara. Engana. 2 — Mulher cruel. Triturar. 3 — Procedia. Cobre. 4 — Oferecer. Encolerizo. Preposição latina que designa movimento. 5 — Jarro (planta). Aplana. 6 — Pertences. 7 — Diabo. Amuralhar. 8 — Ligue. Capas sem mangas. Catedral. 9 — Fama (Fig.). Lavras. 10 — Refutar. Tempo do verbo ver. 11 — Arquipélago dos Navegadores. Missiva.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5371

HORIZONTAIS: 1 — Opa. Bart. És. 2 — DE. Gap. RICO. 3 — Era. Rapinou. 4 — Capelistas. 5 — Dá. Pote. A. 6 — Olinareis. 7 — Pasmada. Rés. 8 — SOBERBO. 9 — NÃO. Ela. HÁ. 10 — Desvia. Amei. 11 — És. Assacais.

VERTICAIS: 1 — Ode. Depende. 2 — Perca. Aes. 3 — Aa. Ossos. 4 — PALMO. Vá. 5 — Bare. Hábeis. 6 — Apalpadelas. 7 — Pionara. 8 — Triste. AC. 9 — INTEIRO. Má. 10 — Ecoa. Sá. Hei. 11 — Sousa. Suais.

(**Provérbio:** DE RICO A SOBERBO NÃO HÁ PALMO INTEIRO).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9214

HORIZONTAIS: 1 — Copo. Asma. 2 — Aia. Ana. Sul. 3 — Rs. Atiira. Ia. 4 — Analisa. 5 — Ardor. Airão. 6 — Ion. Loa. 7 — Paris. Camas. 8 — Amolara. 9 — Sa. Oliva. Cr. 10 — Oio. Oca. Pai. 11 — Asca. Mosa.

VERTICAIS: 1 — Carria. Pesca. 2 — Ois. Ruia. Ais. 3 — Pá. Adora. Oc. 4 — Anónimo. 5 — Atar. Sola. 6 — Anil. Liça. 7 — Ária. Cava. 8 — Assilara. 9 — SS. Aroma. Pó. 10 — Mui. AAA. Cás. 11 — Aiago. Sinta.

o relógio do homem distinto
e da mulher elegante...

...é agora também o relógio do desportista.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Oferta excepcional

15 VOLUMES ENCADERNADOS À ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52$50
Entrega das obras contra o primeiro pagamento
Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG
WALTER SCOTT

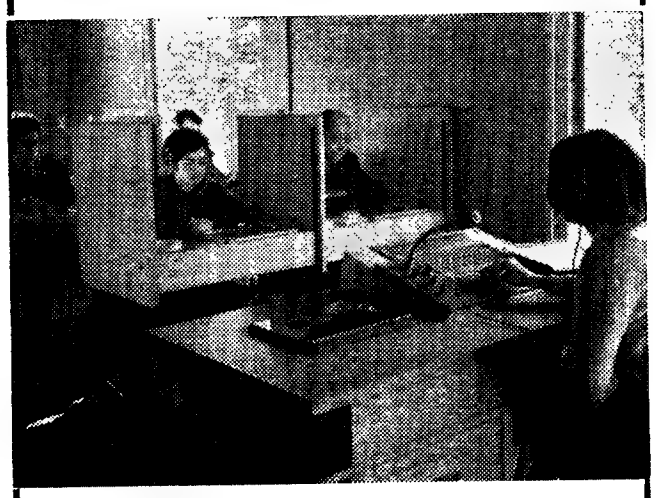
170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19×0,12 m. O numero de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista á LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou á sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt.° — Lisboa-1 — Telefs. 58796 e 58798

Recortar este cupão e remeter a
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

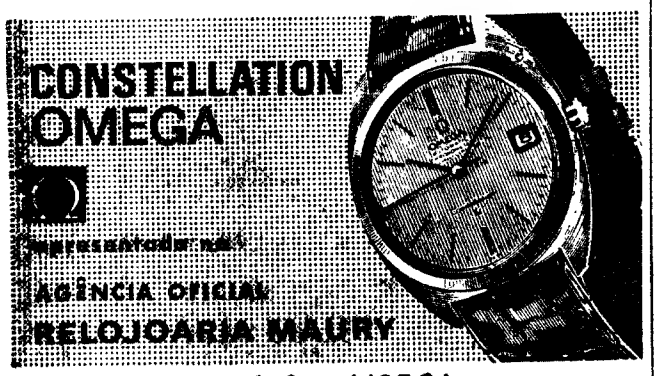
Nome .....
Morada .....
.....

Dê a si próprio
à sua mulher, aos seus filhos um
Presente de Natal



Venha visitar-nos no Chiado e verá como nos nossos cursos de 8 a 12 semanas **se aprende alegremente a** FALAR línguas.

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
Praça Luís de Camões, 36-3.°
LISBOA — Chiado — Tel. 34 986



Rua do Ouro, 202 LISBOA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 6.ª página)

ja uma obra aparentemente de *mero consumo*. «Cerimónia Secreta» parece ser esse caso: um exercício brilhantíssimo de realização, um enquadramento musical (e sonoro) inspirado, um trabalho de direcção de actores notável (nomeadamente no caso de Mia Farrow, que ultrapassa as previsões mais optimistas), uma fotografia magnífica (que restitui toda a grandiosidade dos *decors* de uma casa inglesa de fins do século passado), uma montagem sincopada, encadeando por processos novos alguns planos, etc. Tudo isto, porém, se nos afigura pretender encobrir a vacuidade do tema, extraído de uma novela espanhola aparecida na edição sul-americana da *Life*. E, no entanto, falar de vacuidade acerca de «Cerimónia Secreta» poderá parecer também uma injustiça, na medida em que a obra se acha repleta de pequenas anotações extremamente subtis e significativas que permitem prolongamentos interpretativos que Losey lança hàbilmente no decorrer da acção. Cremos, todavia, que este enriquecimento pessoal de um assunto á partida pobre, desequilibrou todo o conjunto da obra que vê o seu nucleo central bem menos importante do que as ramificações que o mesmo propicia.

Cerimónia Secreta» vê-se directamente ligado ao ritual de uma religião, aos seus movimentos mais íntimos, a um universo fechado, *huis clos* de incomunicabilidade, inferno individual de renuncia e castigo, a culminar em exorcismo ou auto-execução.

Losey disse da obra: «*O tema do filme é para mim a terrível necessidade que os seres humanos têm de outros seres humanos e a impossibilidade que a maior parte deles encontra para satisfazer essa necessidade quando ela se manifesta*».

Filme hermético, de inteligente construção e de grande dignidade de estilo, «Cerimónia Secreta» vem inscrever-se, no entanto, num conjunto de recentes obras cinematográficas que repisam, sem grandes novidades, o tema da solidão e os corolários consequentes. Porém, fá-lo com talento, é inegável, mas deixa-se levar para os terrenos da *moda* momentanea e das obsessões da actualidade. A película perde a acutilancia crítica que uma «Prisão Maior» ou um «Encontro Fatal» possuiam, para ganhar um virtuosismo formal que sufoca, sob o seu peso, a sinceridade expositiva do melhor Losey. Ou os inconvenientes de se dever exigirem sempre *coisas* excepcionais de homens excepcionais (como é o caso do autor em questão). Mais agressivo e actual era o «Rosemary's Baby», de Polanski, filme com que é possível estabelecer curiosas comparações (para além daquelas que uma mesma protagonista parece justificar)

LAURO ANTÓNIO

• NO 444

TÍTULO — «Isto Aconteceu» («Es»).
REALIZAÇÃO — Ulrich Schamoni (Republica Federal Alemã).
INTÉRPRETES — Sabine Sinjen e Bruno Dietrich.

Assenta numa maternidade não revelada ao outro responsável todo o primeiro e fundamental impulso do conflito que leva uma jovem, representativa da superabundante sociedade de consumo da Republica Federal Alemã, a eliminar a vida de um futuro ser e a pôr em risco a sua. De acordo com juizo adrede expresso, o realizador Schamoni (26 anos) definiu assim esta sua primeira longa metragem: «Este meu filme conta uma história igual a tantas, sem nada especial que a caracterize e sem tomar uma atitude contra uma prática geralmente condenada». A afirmação é ambígua e dir-se-ia ter sido feita para despistar possíveis reacções violentas contra a essência manifesta do argumento, também de autoria do próprio Schamoni. A verdade é que «não tomar uma atitude contra» representa algo de muito positivo ante a moral hipócrita de uma burguesia bem instalada, que vive na abastança, tendo como unico objectivo a boa vida, o luxo, a riqueza. Por um motivo muito essencial o realizador foi buscar aquela parente velhinha (cara de castanha pilada), que veio do Leste visitar a família e os amigos do seu tempo, já todos moradores naquele cemitério onde o protagonista mede o terreno a passos largos e sonha com o arranha-céus a erigir, englobando lá todos os caixões, e com elevador, para as pessoas idosas se não cansarem, quando vierem visitar os seus mortos.

A simplicidade, directa e documental do filme pode enganar os desprevenidos, até porque o problema, entre nós, se põe de modo muito mais simples, no que respeita á consecução dos objectivos da protagonista, mas muito mais complicado, em tudo quanto concerne aos riscos e á frequência com que se fazem tais práticas. No entanto, uma análise profunda de tudo quanto se passa na película tenderá a pôr em relevo algo de terrível: as diferenças de educação, as diferentes morais aplicáveis a homens e mulheres.

Desempenho notável.

O filme recebeu o prémio do Conselho Oficial do Estado Federal para a valorização do cinema alemão, o que diz algo da mentalidade evoluída do respectivo juri.

R. B.

FESTIVAL EM MOSCAVIDE

Em Moscavide, no Clube Familiar Moscavidense, realiza-se no próximo sábado, pelas 22 horas, uma festa de homenagem a Joaquim da Silva Meireles, que cessa brevemente as funções de presidente da direcção daquela colectividade.

Colaboram, neste espectáculo, os conjuntos «Meia-Noite», «6 Latinos», «Os fachos», «Os bambinos», «Cristal», «Lido» e «Dilectus — 5», além de «Os Condes» e do «Tinto Mondego».

VIDA SOCIAL

ARQUITECTO
JORGE ALBUQUERQUE

Seguiu para Havana, via Madrid, o arquitecto Jorge Albuquerque, presidente do Centro Português de Actividades Subaquáticas e direcção da Exposição Municipal da Vida Submersa, que se desloca àquela cidade, a convite da Academia de Ciências de Cuba, para tomar parte numa reunião do Comité Científico, da Confederação Mundial, do qual é vice-presidente.

DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

Encontra-se em Lisboa, onde veio participar no Colóquio de História e Filosofia, o vice-reitor do Liceu do Funchal, escritor e jornalista madeirense, dr. Horácio Bento de Gouveia.

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Feriados dos dias 1 e 8 de Dezembro

Comunica-nos a C. P. que por motivo dos feriados dos dias 1 e 8 de Dezembro, os comboios especiais para transporte de militares em viagem de fim-de-semana, são alterados como se segue:

— **De Lisboa,** além das circulações normais de fim-de-semana realiza-se, também, nos dias 1 e 8 de Dezembro um comboio especial com partida de Santa Apolónia às 23-45 horas.

— **Do Porto,** nos dias 30 de Novembro e 7 de Dezembro, realiza-se, apenas, o comboio que parte de Campanhã às 23-40 horas e nas noites de 1 para 2 e de 8 para 9 de Dezembro efectuam-se todas as circulações normais de fim-de-semana.

Asseguradas as ligações de todos os comboios normais e especiais até Tomar e Abrantes.

Concurso da «Rainha» das Colectividades

A Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, em reunião directiva, resolveu dar o seu patrocínio ao Concurso de «Rainha» dos Clubes Desportivos e Recreativos, uma iniciativa de Produções Joaquim Rasquilho Vieira, e instituir uma taça anual para a colectividade distinguida com o primeiro lugar e prémios para as candidatas primeira, segunda e terceira classificadas. Por sua vez, a organização entregará troféus ás colectividades e candidatas classificadas até aos terceiros lugares e prémios a todas as representações..

Na final, as concorrentes apresentam-se com as suas faixas e vestidas o mais simples possível, visto o festival ter características populares. O juri será formado por um director de cada colectividade participante e presidido por um representante da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio. Os membros do juri não podem votar nas candidatas que representam a sua colectividade. Haverá três eleições, a saber: desfile das segundas damas de honor para eleição da segunda princesa; desfile das primeiras damas de honor para eleição da primeira princesa; e desfile das rainhas das colectividades para eleição da «Rainha» dos Clubes Desportivos e Recreativos. As colectividades interessadas em participar no concurso podem fazer as suas inscrições para Produções Joaquim Rasquilho Vieira, Rua Morais Soares, 76, 4.°

ORFEÃO DE OVAR

OVAR, 28. — Estreia-se amanhã, no Cine-Teatro local, a revista «Agora, sim!», desempenhada pelos elementos do Grupo Cénico do Orfeão desta vila.

MÁQUINAS DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICAS

- Produto da indústria suiça de alta precisão
- Inteiramente metálica
- Garantia e assistência tecnica asseguradas por pessoal especializado
- Canelados perfeitos
- Facilidade de manejo

Pretende-se nomear agentes em concelhos ainda livres Consulte:

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA: R. Antônio Enes, 20-1.° Tel. 535057
PORTO: Rua Formosa, 172 Tel. 26902

Pretende receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

ROULOTTES CAVALIER

PREÇOS ESPECIAIS PARA AS POUCAS UNIDADES QUE RESTAM DA CAMPANHA DE OUTONO 69

FONSÉ, LIMITADA
Calçada da Ajuda, 72-B — LISBOA-3 — Telef. 63 29 99

IMÓVEL EM LISBOA POR 4.750 CONTOS

Riquíssimo imóvel de 6 pisos, totalmente alugado a comércio e habitações dotadas de todo o conforto moderno. Construção luxuosa c/ acabamentos fora de série. Rende mais de 7% ao Capital. Trata e mostra a

«NORTENHA»

Praça da Alegria, 58-2.° — Telefs. 36 67 31 - 36 68 12 - 36 22 28

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e peças com as mais vantajosas facilidades de pagamento, peças legítimas, estação de serviço e oficinas

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

A brigada especial é encarregada de uma missão especialíssima e perigosa

Clark Gable («O Rei») brilha esta noite em «Dois contra o Mundo»

II PROGRAMA

NOITE DE CINEMA:

«DOIS CONTRA O MUNDO»

A emissão desta noite é totalmente preenchida pela Noite de Cinema que exibe o interessante filme de Jack Conway «Dois contra o mundo» com o famoso trio constituído por Clark Gable, Claudette Colbert e Spencer Tracy.

«A Brigada Especial»

«O AVIÃO CINCO NÃO RESPONDE»

«A Brigada Especial», série policial que tem os seus adeptos, é vivida uma aventura cheia de emoção no episódio intitulado «O avião 'cinco não responde» a transmitir pelas 22 e 35. «A Brigada Especial» é encarregada de levar Tony Landon, um «gangster» célebre, preso há 15 anos, à presença do governador. Landon quer confessar-lhe onde tem escondida a sua fortuna de 5 milhões, pois tem os seus dias contados e quer deixar o dinheiro para obras de caridade. Mas...

«O patrão» de Darrin parece recear algo da «feiticeira»...

«CASEI COM UMA FEITICEIRA»:

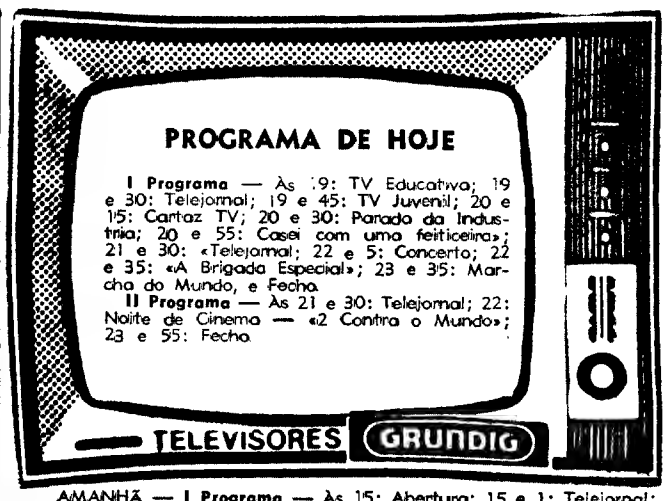
«PROBLEMAS FAMILIARES»

«Samantha recebe a visita dos sogros. Porém, a tia Clara aparece também... e as complicações começam...»

Assim principia o filme da série «Casei com uma Feiticeira», tendo como intérpretes os conhecidos Elizabeth Montgomery, Dick York e Agnes Moorehead.

CARTAZ TV

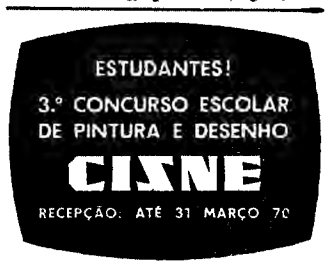
Pelas 20 e 15, Jorge Alves assinala, pela palavra e pela imagem, os programas mais sugestivos que entreterão o telespectador durante a prxima semana.



AMANHÃ — **I Programa** — Às 15: Abertura; 15 e 1: Telejornal; 15 e 15: Nós as Mulheres; 15 e 35: Momento de Decoração; 6: TV Infantil; 16 e 30: TV Educativa; 16 e 55: Movimento, Saude e Recreação; 17 e 5: Estudio sem marcação; 17 e 50: Teledesporto; 18 e 30: Expedição; 19: Nos bastidores da aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: ...E a vida continua...; 20 e 5: Banda de Musica da Força Aérea Americana; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: TV Clube; 23 e 15: «Os Invasores»; 0 e 15: Marcha do Mundo e Fecho
II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 25: Tele-Ritmo; 23 e 30: Fecho

Programa juvenil: Livros e Imprensa

Pelas 19 e 45, é apresentado o 2.º Programa para os jovens, incluindo a rubrica «Literatura Juvenil». Nela se fala dos livros e da invenção da Imprensa com os primeiros jornais diários. Define-se a Imprensa como o modo de passar qualquer texto gravado em relevo, para pergaminho, papel, ou qualquer outro material, utilizando uma prensa, etc.



canal da crítica

COPLAS AO «JOGO DA VIDA»

Na televisão tão boa
que nos vêm lá de Lisboa
e que é tão conhecida,
há uma série famosa
em que entra o Franciosa
chamada «O Jogo da Vida».

Os homens são de coragem
entram na espionagem
com uma esperteza sublime.
Os jornalistas leais
escrevem nos seus jornais
contra o mal e contra o crime.

Cada qual, na jornalária,
tem a sua secretária,
mentna nova e atraente,
a quem dirigem piropos
salgadinhos, mas non tropos,
pra fazer apetite à gente.

A 27 de Novembro
passou-se, se bem me lembro,
uma aventura falada
com bandidos no Casino.
Chefe, o Trevor, que menino!,
mais o agente Barada

A aventura maravilha
foi passada numa ilha
em dia de Santo Onofre,
mais velozes de que os ventos
tinham de apanhar os documentos
bem escondidos num cofre.

O traidor, homem sisudo,
tudo ouvia, ouvia tudo,
de maneira inteligente;
no quarto do seu senhor
escondia um gravador
na lata do detergente.

Era tudo gente má
que andava de lá para cá
com uma enorme demência.
O bandido, o peste, o mau,
resolvia tudo a pau,
porque queria a independência!

Depois mataram o Andrade
e a mãe dele. Na verdade
foram crimes bem distintos.
O jornalista Farrell
era homem very well
e pôs tudo em pratos limpos.

Não se fazia de novas
mas precisava de provas
como é hábito nos cines
pois com provas já podia
pedir a interferenCIA
dos mui valentes «marines».

Mas o Trevor, que é macaco,
que é bandido, mas tem caco,
guarda o cofre, pois então
o Farrell anda às aranhas
e com várias artimanhas
lá resolvem a questão.

Faz-se muito apaixonado
por Miss Rogers, um bocado
de mulher que nem pensar!
O mais engraçado da história
é que ela tinha uma memória
capaz de tudo fixar.

O Farrell, já entradão,
é um tipo bonitão
logo acerta, quando aponta.
Elas o olho arremelgam
estremecem, espernelgam,
e o Farrell — é aquela conta...

Estava uma noite de lua.
Diz Miss Rogers: «Sou tua,
dá-me um beijo, meu amor.»
Daí a pouco contava
tudo, tudo quanto estava
lá nos cofres do Trevor.

Pronto, os dois já podem ir
e os «marines» intervir
nas «Ilhas Ocidentais».
Foi tudo na reinação
a nossa televisão
dá umas fitas bestiais.

De modo que eu aconselho:
não queiras chegar a velho
sem ver fita tão comprida.
Não há no mundo outra assim
não há melhor jogo, pra mim,
do que este «Jogo da Vida».

Dizem para aí uns bolotas
que são fitas idiotas,
histórias de magazines.
Calai-vos, bocas de fel,
senão o grande Farrel
vai fazer queixa às «marines».

P. S. — Estes versos foram recolhidos esta manhã, por Mário Castrim, quando eram cantados por um cego que tinha olhinhos, numa feira dos arredores.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: O Grupo Coral «Os Vindimadores da Vidigueira»; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 5: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos, por Mário Princípe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 34: 14.º episódio do folhetim «O Herói da Caridade» (Vida de S. João de Deus), por Odette de Saint-Maurice; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 5: O Homem e a Sociedade; 22 e 30: Fados, por Maria do Rosário e José Luís; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 5: Programa da noite; 1: Fecha.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do mundo — Música do Tibete e da Índia; 16 e 11 — Campeador — Poema (Leon Jorgen) Orquestra Nacional da Bélgica, dirigida por René Defossez; 16 e 20: Dois concertos para órgão e orquestra de Thomas Arne; 16 e 47: Billy Kid — bailado (Copland) Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção de Leonard Bernstein; 17 e 10 — Música de câmara; 18: Música portuguesa; 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de piano; 20 e 30: Música de câmara; 21: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira, com a participação do Duo de Pianistas Bilhard-Azaïs; 21 e 37: Música de câmara de Haydn; 22: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa «A Varinha de Condão» de Jacques Normand; 22 e 28: Nocturnos (Debussy) Orquestra Filarmonia, sob a direcção de Carlo Maria Giulfini

2.º Programa (cultural MF-2) — 94,3 mc/s — Às 23: A ópera «Iolanthe» (Tchaikowsky) — Solistas, Coro e Orquestra do Teatro da Ópera Maly de Leninegrado, sob a direcção de Eduardo Grikurov; 0 e 35: Balada n.º 4, em fá menor op. 52 (Chopin), piano, Vladimir Ashkenazy; 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — MF 2 de Lisboa (94,3 mc/s); Porto (92,5 mc/s), Lousã (89,3 mc/s) e Monchique (91,5 mc/s) — Das 21 ás 23: Música ligeira; música sinfónica; música coral; solos.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Esta quinzena aconteceu; 19 e 25: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 7: Momento ABC; 20 e 12: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco...; 21 e 3: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de Frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 17 e 57 — O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita; 1 e 2: Banda sonora; 2: Fecha.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 3: Rádio Placard; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 2: Primeiro plano, 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 4: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionado; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; Rádio **Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

RENDIMENTO DE 10 %

J. PIMENTA, S. A. R. L. garante o rendimento por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do Cliente.

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (na rectaguarda do Hotel Baia).

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tel. 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

ASSIM VAI O TOTOBOLA..

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 13 - 9.ª Época

Cavalgada do Ritmo — 11X 121 11X X221; Estação Emissora do C. A. A. (NR) — 11X 121 11X 12X1; Comércio de Portimão — 111 121 112 X121; Correio dos Açores — 111 1X1 12X 122X; O Diário dos Açores — 111 121 11X 12X1; Folha do Domingo — 11X 121 11X 2X11; Gazeta do Sul — 112 121 X1X 122X; Imagens Piedenses — 111 1X1 X11 1221; Jornal de Cascais — 11X 111 X12 2X1X; Jornal Estrela da Manhã — 112 121 121 1X12; O Jornal de Felgueiras — 11X 121 111 2221; Jornal do Fundão — 111 X21 X1X X111; Jornal da Lixa — 111 12X 1X1 1211; Jornal de Santo Tinso — 121 2XX 21X X21X; Linhas de Elvas — 112 121 X11 122X; Notícias de Chaves — 11X 121 112 X22X; Povo Algarvio — 11X 121 111 2222; Reconquista — 111 1X1 111 1X11; Renovação — 11X 121 1XX 1121; O Telégrafo — 11X 1X1 112 1212; O Templário — 111 121 111 XXX1; Peça Que Não Maça — 1X1 121 11X X1X1; Notícias de Guimarães — 111 1X1 1X2 X2X2; Rádio Altitude — 111 121 11X 12X2; Rádio Ribatejo — 11X 121 111 X221; Rádio Sports — 111 111 111 2221; República — 1X2 111 112 1112; Sporting — 112 121 X1X 2X21; A Voz Desportiva — 11X 111 X11 2X11; A Voz de Palmela — 11X 121 X1X 1X2X; Jornal Beira Baixa — X11 1XX 2X2 122X; Correio de Coimbra — X12 X21 11X X122; Correio do Vouga — 11X 121 111 1121; Diário do Minho — X1X 111 112 1111; O Distrito de Setúbal — 112 121 111 1XXX; Eco do Funchal — 111 1X1 112 X121; Ecos de Cacia — 11X 121 11X 112X; Ecos do Desporto — 11X 121 11X X1XX; E. O. Guiné Portuguesa (TD) — 11X 121 11X X2XX; Eu Sei Tudo — 111 121 11X 12XX; Jornal do Sul (Actividades Desportivas) — 111 1X1 11X 2XX1; Jornal do Sul (Totobola das Leitoras) — 11X 121 11X 2XX1; Notícias de Penacova (Totofortuna) — 11X 121 112 X121; Notícias de Penacova (Totopallpite) — 111 1XX 11X 1X21; Almanaque (ENR) — 112 121 11X 12X1; Auto-Rádio (RCP) — 111 111 111 1221; Boletim Desportivo (TA) — 112 111 212 X11X; Boletim Desportivo (RP) — 111 111 111 1111; Cantinho Ricardo Lemos — 11X 121 11X 122X; O Comércio de Leixões (Desporto) — 11X 121 112 1X11; O Comércio de Leixões (DTUP) — 111 121 11X 11X1; O Comércio do Porto — 11X 1X1 11X 1XXX; Póvoa de Lanhoso (Correio das Aldeias) — 111 121 11X X22X; O Concelho de Estarreja — 111 121 112 1112; A Defesa — 111 1X1 1X1 222X; Defesa de Espinho — X12 12X 111 112X; Às 10 Espere por Nós — 11X 1X1 X22 X121; Diário de Coimbra — 11X 111 112 1221; Diário do Sul (Aqui Totobola) — 11X 12X 112 1X21; Flor do Tâmega — 11X 121 112 1212; Dos Fracos Não Reza a História — 1X2 12X X11 1111; Ideal Rádio — 111 121 112 1X2X; Jornal do Barreiro — XX1 1X1 11X X121; Jornal da Beira — 11X 121 X1X 1221; Jornal de Notícias — 11X 111 112 2XXX; Jornal de Sintra — 11X 121 11X 11X1; Litoral (Desportos) — 11X 121 X11 122X; Maria da Fonte (Desporto) — 11X 12X 11X 1222; Maria da Fonte (Voz da Póvoa) — 112 121 1X2 1XXX; Momento do Totobola (R. P.) — 12X 111 111 1X11; Mundo Desportivo — 1X1 121 112 X22X; Música e Desporto — 11X 121 11X 1211; Notícias da Amadora — 112 121 X12 122X; Notícias do Douro — 11X 121 11X 1XX1; Notícias de Felgueiras (SD) — 111 111 1XX 12X1; Notícias de Felgueiras (Totobola) — 11X 1XX XX2 1111; Notícias de Gouveia — X11 121 11X 1211; A Ordem — 11X 1X1 111 1XX1; Póvoa de Lanhoso (Desportos) — 1X2 111 111 1211; Programa Electro Mecânico — 111 11X 11X 1X11; Programa da Manhã — 111 111 111 1111; Programa Sem Nome — 11X 121 112 X222; A Rebeca — 11X 1X1 112 12X1; Rádio Clube do Norte — 112 12X 1X1 21X2; Rádio Placard (ENR) — 111 12X 112 XX21; Rádio Placard (RCP - Porto) — 111 1XX 112 X211; Rádio Placard (RCP - Lisboa) — 111 121 112 X2X1; Resenha Desportiva — 11X 1X1 11X 22XX; Só-Rádio — 11X 1X1 111 1X21; O Sorriso da Hora do Almoço — 111 111 1XX X1X1; Terra Alta — 111 1X1 112 2X2X; A Voz do Domingo — 111 121 111 XX11; Voz de Lamego — 111 121 112 1X11; A Voz dos Ridículos — 112 121 2X1 11X1; Notícias d'Évora (VJT) — 11X 1X1 112 XX21.

Notícias d'Évora (Vilda Desportiva) — 112 121 X1X 12X2; Apostolado — 1X1 X11 11X 2221; Comércio — 11X 121 X12 1X21; Diário — 11X 1X1 11X 2211; Programa C — 122 111 X12 XXXX; Passatempo PLM — 122 121 X11 XXX1; Galeria dos Desportos — 1X2 121 X12 XX21; Loja de Antiguidades — 1X1 121 112 XX21; Gazeta Radiofónica — 11X 121 11X 22X1; A Nossa Chave — 11X 1X1 112 1X2X; Lobito — 11X 1X1 X12 X1XX; Notícias do Totobola — 11X 121 1XX X111; Angola Norte — 11X 12X 111 122X; Novidades — 11X 1X1 212 X221; Correio do Douro — 111 1X1 112 1111; Comércio de Gaia — 211 121 112 2X21; Comércio de Gondomar — 211 121 112 2X21; Repórter do Dia (Angola) — 111 121 111 X1X1; Repórter do Dia (ENR) — 112 1X1 112 X1X1; De Tudo Um Pouco — 11X 111 11X X122; Vamos á Bruxa (Adesivo) — 112 121 X11 1222; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 112 121 111 X22X; Passatempo — 112 121 11X 21X1; Colina Sagrada — 111 1XX 1XX 22XX; Penalti — 11X 121 112 1122; A Lição do Menino Quim — 211 111 11X X121; O Norte Desportivo — 11X 111 112 X1X1; Notícias da Beira — 11X 121 112 XX21; Jornal Desportivo — 11X 121 11X X2XX; Diário — 2X1 12X 11X 1XX1; Brado Africano — 1XX 121 11X 2222; Noticiário Desportivo — 111 111 112 11X1; Onda Desportiva — 11X 1X1 111 1121; Onda da Manhã — 122 12X 11X 221X; Domingo Alegre — 11X 1X1 1X2 X212; Roteiro Sonoro — 111 111 XX2 112X; Relato Futebol Português — 121 12X 112 1111; Relato Futebol Ronga — 111 1X1 121 11X1; Bondiazinho — 1X1 111 XX2 X112; Cidade 69 — 211 12X 112 1211; Vamos Jogar no Totobola — 11X 1X1 112 X2XX; No Mundo do Desporto — 11X 1X1 112 2121; A Ilha Desportiva — 1X1 121 1X1 X22X; Açores Desportivo — 11X 121 X11 122X; A Voz do Casa Pia — 11X 121 11X 1XX1; Diário de Lisboa — 112 X11 121 X112.

RESUMO

CONCURSO N.º 13

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Porto-Leixões	130	6	5	10	1	1
2.	Varzim-Barreirense	122	13	6	10	1	1
3.	Guimarães-Setúbal	54	61	26	5	5	2
4.	Belenenses-Braga	136	4	1	10	1	1
5.	Académica-Sporting	25	34	82	2	3	7
6.	CUF-Boavista	122	19	—	11	1	1
7.	Sanjoanense-Beira-Mar	112	24	5	9	2	1
8.	A. Viseu-Vizela	119	17	5	10	1	1
9.	Lamas-Salgueiro	37	51	53	3	4	5
10.	Peniche-Farense	71	46	24	6	4	2
11.	Sintrense-Atlético	44	39	58	4	3	5
12.	Tramagal-Torriense	36	43	62	3	4	5
13.	Sesimbra-Montijo	82	39	20	7	3	2

E o prognóstico lógico será: 11X 121 112 1221

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Militares falecidos no Ultramar

LUANDA, 28 — (L.) — Faleceu em Angola, por doença, o soldado do recrutamento local, n.º 60159166, Francisco Jerónimo da Cunha, natural de Golungo-Alto, filho de Jerónimo Cunha e Esperança Francisco Manuel.

Também por doença faleceu o soldado n.º 62543466, igualmente do recrutamento provincial, Felisberto Miguel, natural de Balombo, filho de Miguel e de Nanjamba.

*

LOURENÇO MARQUES, 28 — (L.) — Faleceram por desastre, em Moçambique, os furriéis milicianos n.º 01235065 José Martins Vilas Boas, natural de Lisboa, filho de Mário Costa Vilas Boas e Maria Martins Vilas Boas, e n.º 70075568, Vítor Manuel Lameiras Ferreira.

Também nesta província faleceu por doença o soldado do recrutamento local numero 70314369, Castro Salamo.

Necrologia

FALECIMENTOS

Gabriel Ferreira Marques

PORTO, 28. — Na sua residência, á Esplanada do Castelo, 141 (Foz do Douro), faleceu esta manhã o sr. Gabriel Ferreira Marques, de 71 anos, industrial de ourivesaria, casado com a sr.ª D. Maria Amélia da Cruz Ferreira Marques.

O extinto era presidente do Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte e do conselho de administração do nosso prezado colega «Diário do Norte», antigo vereador da Camara Municipal do Porto e ainda proprietário da Ourivesaria Topázio, nesta cidade.

O funeral efectua-se amanhã, ás 11 horas, da residência do extinto para a igreja da Foz do Douro, onde será rezada missa de corpo presente, seguindo depois para o cemitério daquela freguesia.

FUNERAIS

D. Maria de Jesus Santos

Para o cemitério de Queluz efectuou-se esta manhã o funeral da sr.ª D. Maria de Jesus Santos, de 78 anos, viuva do sr. José Maria da Mota e mãe do nosso prezado colega de Imprensa, sr. António dos Santos Mota, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Pinto Martinho Mota e avó dos meninos Jorge e António José Martinho dos Santos Mota.

A bondosa senhora achava-se doente há tempos, tendo-se agravado o seu estado nos ultimos dias. Gozava da maior simpatia de quantos a conheciam devido ás suas qualidades de carácter e familiares. Ao nosso camarada António dos Santos Mota da delegação de «O Primeiro de Janeiro», em Lisboa, apresentamos sentidas condolências.

Dr. César Anjo

SANTA COMBA DÃO, 28. — Foi hoje a sepultar no cemitério da vizinha freguesia de Vila Borba, de onde era natural, o dr. Augusto César Rodrigues Anjo, que ontem faleceu repentinamente na cidade de Viseu.

Os restos mortais do conhecido médico e democrata de 55 anos, candidato ás recentes eleições para a Assembleia Nacional pela C. D. E. de Viseu, vieram desta cidade em autofunebre, acompanhados por familiares e inumeros amigos.

De todo o País continuam a chegar á residência do extinto centenas de telegramas e outras manifestações de pesar.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceram em combate na província da Guiné os seguintes militares: primeiro cabo n.º 073365/68, José Maria Lomba, natural de S. Pedro Velho (Miranda-la), filho de José Luciano Lomba e de Maria de Jesus, casado com Idalina de Jesus Cardoso Ferreira Lomba; o soldado n.º 077 06/68, António Abrantes do Couto, natural de S. Pedro (Manteigas), filho de Francisco do Couto e de Maria da Graça Abrantes da Cunha, casado com Maria da Conceição Fonseca dos Santos Couto. Na província de Moçambique, o soldado n.º 009119/68, Carlos Alberto Lira Marques, natural de Miragaia (Porto), filho de Armando Marques e de Angela Lira, casado com Rosa Fernanda Silva; e o soldado n.º 085880/66, José Teixeira Medeiros, natural de Ribeira Grande (Açores), filho de António Medeiros Criador e de Teresa Jesus Ferreira.

*

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceram em combate, na província de Moçambique, o soldado n.º 92269168, António José Tavares Chimita, natural de Beringel (Beja), filho de Joaquim Chimita e de Tomásia Tavares; o soldado numero 08470268, Luís Martins Bouça, natural de Couto (Viseu), filho de José Afonso Bouça e de Lídia Martins; na província da Guiné, o soldado n.º 08254868, Manuel Mendes Carneiro, natural de Ribeirão (Vila Nova de Famalicão), filho de Francisco Carneiro e de Rosa Marques Mendes.

JOÃO JOSÉ TEIXEIRA

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Assunção Maria dos Santos Xavier Teixeira, Isabel Maria dos Santos Xavier Teixeira Lima e seu marido Oscar Rocha Lima; Teresa Maria dos Santos Xavier Teixeira, Fernanda Maria dos Santos Xavier Teixeira Correia e seu marido José Manuel Correia Figueira; Luísa Maria dos Santos Xavier Teixeira, Helena Maria dos Santos Xavier Teixeira, Julio Augusto Teixeira, José Manuel Teixeira Junior, Adelaide Emilia dos Santos Xavier, Margarida Maria dos Santos Xavier de Almeida e Manuel Vicente Cipriano de Almeida e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, seu muito querido marido, pai, sogro, irmão, genro, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 10 horas, saindo da Igreja de N.ª Sr.ª de Fátima para jazigo em cemitério a determinar.

AGÊNCIA MAGNO (Telef. 534167)

DESPORTO

Hertha de Berlim — 3.º adversário do Vitória de Setúbal na Taça das Feiras

Boas perspectivas se deparam ao Vitória de Setubal na sua carreira europeia. Depois de ter eliminado o categorizado Liverpool á equipa setubalense coube como adversário na 3.ª eliminatória da Taça das Cidades com Feira o Hertha de Berlim. E ainda que os conjuntos germanicos não sejam, exactamente, o que costuma chamar-se «uma pera doce» inegávelmente que muitas são as possibilidades da turma de Setubal eliminar esta equipa alemã. A autêntica categoria da equipa portuguesa e o traquejo que já possui destas competições assim no-lo permitem antever.

O sorteio ontem efectuado em Zurique determinou a realização dos seguintes desafios para a 3.ª eliminatória:

Vitória de Setubal-*Hertha de Berlim (Al. Fed.), Kilmarnock (Escócia)-Dinamo de Bacau (Roménia), Rudo (França)-Arsenal (Inglaterra), Nápoles (Itália)-Ajax de Amesterdão (Holanda), Anderlecht (Bélgica)-Dunfermline (Escócia), Newcastle (Ingl.)-Southampton (Inglaterra), Barcelona (Espanha)-Inter de Milão (Itália), Carl Zeiss de Iena (Rep. Pankov)-Upjest de Dozsa (Hungria).*

Até ao dia 15 de Janeiro tem de estar concluída a eliminatória.

SOBRE ARBITRAGEM

Na sede da Incrível Almadense, e a convite do Núcleo de Arbitragem de Almada, profere esta noite uma palestra o nosso colaborador Manuel Ribeiro, que versará o tema *«Árbitros, atletas e público no aspecto disciplinar.»*

Outro nosso colaborador — Alves Henriques — estará amanhã na Guarda, a convite da Comissão Distrital de Árbitros. *«O árbitro e a Informação»* é o tema da palestra que vai proferir, no Grémio da Lavoura.

Campeonato Nacional de Futebol

ACADÉMICA-SPORTING

Domingo, 30 de Novembro

A C. P. organiza, em colaboração com o «Sporting Club de Portugal», um comboio especial de Lisboa a Coimbra, e volta, no dia 30 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «Académica-Sporting» ao preço de 80$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Rego	7-25
Chegada a Coimbra	10-34
Partida de Coimbra	18-35
Chegada a Lisboa (Rego)	21-46

Bilhetes à venda na Sede do

DOMINGO EM COIMBRA

JOSÉ CARLOS REGRESSA À EQUIPA DO SPORTING

Dos futebolistas do Sporting ùltimamente vítimas de lesões, dois continuarão ausentes da equipa, no desafio do próximo domingo, em Coimbra: Pedras e Hilário.

Entretanto Fernando Vaz conta com Peres, completamente recuperado e que em Londres, contra o Arsenal jogou os noventa minutos sem se ressentir da lesão anteriormente sofrida e com José Carlos vítima de doença súbita na capital inglesa que o impediu de alinhar e da qual está já perfeitamente restabelecido.

O treinador do Sporting espera, portanto, apresentar contra a Académica a seguinte formação: Damas; Pedro Gomes, Caló, José Carlos e Manaca (ou Celestino); Gonçalves e Peres; José Morais, Nelson, Màrinho e Dinis.

Acontecimentos DE ONTEM

TÉNIS DE MESA

O Benfica conquistou a Taça «Diário Popular»

Efectuou-se ontem á noite no ginásio do Estádio da Luz a final da Taça «Diário Popular» para seniores, em ténis de mesa, entre as equipas do Benfica e do Sporting.

A vitória pertenceu aos «encarnados» que voltaram a conquistar o troféu. Os resultados parciais foram os seguintes:

João Rui (Bfc.) venceu Luís Amaro (Spt.), por 3-0 (22-20, 21-12 e 21-17); Delfim Soares (Spt.), perdeu com José Alvoeiro (Bfc.), por 0-3 (19-21, 12-21 e 9-21). Em pares, Luís Amaro-Delfim Soares foram vencidos por 0-3 ante José Alvoeiro-João Rui.

RÂGUEBI

Treino da selecção Nacional

O seleccionador nacional de râguebi realizou ontem no Estádio Universitário o primeiro treino dos raguebistas convocados para formar a equipa portuguesa que defrontará a Holanda e Marrocos para a «Taça das Nações». Estiveram presentes os seguintes jogadores:

Chaves, Lino, L. Costa, Bessa, Pardal, Belo Lucena, A. Costa, Guedes, Ponte, Couto, Vasconcelos, Salgado, Carvalho, T. Mayer, B. Costa e C. Pereira, do C.D.U.L.; V. Nunes, Branco e Tavares, do Belenenses; Cunha, do Direito; Guimarães, de Económicas; Tibério e Dídio, de Medicina; Baeta, Pegado e Toni, da A. A. de Coimbra; P. Lynce, Moura e Laje, de Agronomia: L. Lynce, R. Lynce, Barata, Paixão, Raul, V. Campos, Metelo, Manzano e J. Faria, do Técnico; Cartuxo, Ramos, Nobre, Silvestre e C. Augusto, do Benfica.

Na próxima semana efectua-se novo treino.

«NACIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

EMPATE SEM GOLOS NO JOGO CUF-P. ARCOS

O público não era muito, mas já assim não sucedeu quanto ao entusiasmo.

Cenário: o Pavilhão dos Desportos. Aficiante: o encontro C. U. F.-Paço de Arcos, de grande importância para a luta pelo título do Campeonato Metropolitano de Hóquei em Patins, que terminou igualado a «zero golos!

A vitória interessava mais aos cufistas, embora a equipa da Costa do Sol ainda tivesse hipóteses.

Ambos lutaram do primeiro ao derradeiro instante para chegar á vitória. Mas aquela negou-se a ambos, embora bastas fossem as ocasiões de golo.

O Paço de Arcos terá sido mais perigoso, e, como tal, Vítor Domingos foi obrigado a mais trabalho, mas, ao fim e ao cabo, o esforço dos dois conjuntos trouxe, afinal, mais benefício ao actual guia.

De facto, o F. C. Porto vem agora para a Capital um pouco mais tranquilo, já que, se conseguir uma vitória, será campeão.

Sob a arbitragem de Manuel Soares, as equipas alinharam:

PAÇO DE ARCOS — Monteiro; Vieira, Alfredo, Rosa Soares, Correia dos Santos, Pórcio e Moura.

C. U. F. Vítor Domingos; José Carlos, José António, Leonel e José Fernandes.

Classificação actual:

	V.	E.	D.	B.	P.
F. C. PORTO	3	1	—	10-3	11
C. U. F. ...	1	2	1	2-3	8
Carvalhos ..	1	1	1	3-7	7
Paço Arcos ..	—	2	2	2-4	6

*

No final, ouvimos os dois «capitães», que nos afirmaram:

JOSÉ ANTÓNIO, da C. U. F. — O jogo de hoje foi muito bem disputado entre uma equipa mais veterana e outra bem mais jovem, portanto a luta da experiência contra a força física!

«O resultado está certo, e aquele que conseguisse ter marcado seria o possível vencedor.

«Quanto ao título, tudo pode acontecer. Aguardamos a visita dos nortenhos com calma, se bem que reconheça as boas possibilidades do F. C. Porto».

CORREIA DOS SANTOS, herdeiro de um nome famoso do nosso hóquei, «capitaneou» a equipa do Paço de Arcos, e disse-nos:

O jogo foi emotivo, bem disputado, mas o resultado não está certo! A nossa equipa atacou mais, teve mais possibilidades de golo, mas a superior exibição de Vítor Domingos obstou a que fôssemos justos vencedores!

«Quanto ao título, irá para o F. C. Porto, uma equipa jovem, com dois avançados muito rápidos e habilidosos.

«Pela nossa parte tudo fizemos para corresponder ao entusiasmo da nossa massa associativa — a quem estamos agradecidos — para lhes dar a alegria do título, mas não pode haver um campeão sem sorte!

Os «Nacionais» de juniores e juvenis

No mesmo Pavilhão dos Desportos prosseguiram os Campeonatos Nacionais de Juvenis e Juniores, com os resultados seguintes:

JUVENIS

P. de Arcos-Salesiana 2-2

Jogo equilibrado, portanto com resultado certo.

Classificação:

	V.	E.	D.	B.	P.
I. SAGRES	4	—	—	16- 2	12
P. Arcos ...	2	1	1	11- 9	9
Salesiana ..	1	1	2	10- 9	7
Carvalhos ..	—	—	4	1-18	4

JUNIORES

C. Ourique-Salesiana 4-3

Sensacional recuperação do Campo de Ourique, que, a perder por 3-0 no início da 2.ª parte, veio a vencer com muito brilho e a isolar-se no primeiro lugar.

O vencido apresentou declaração de protesto.

Classificação:

	V.	E.	D.	B.	P.
C. OURIQ.	2	—	—	13- 7	10
Valongo	2	1	1	16- 7	9
J. Salesiana	2	1	1	14- 9	9
Vigorosa ...	—	—	4	3-23	4

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL DE 7 — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão: Benfica-Técnico, Almada-Sporting e C. N. O. C. A.-C. Ourique, em categorias de honra, no Campo de Ourique, a partir das 20 e 30.

— Campeonato de Lisboa da 3.ª Divisão: Amadora-Caramão, Penha-Mirantense e Santa Catarina-Palmense, no pavilhão do Estádio Universitário, a partir das 20 e 30.

AUTOMOBILISMO — 2.ª prova de perícia do Bairro da Encarnação, ás 14 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão: Liberdade-Moscavide e C. Quebradense-Lisgás, ás 21 e 30; Universitário-Oriental e Carnide-Técnico, ás 22 e 30 — todos na Tapada da Ajuda.

— Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão: Rangel-Campolide (21 horas) e Oeiras-C. Tejo (22 h), no ginásio da Faculdade de Ciências.

FUTEBOL — Campeonato de reservas da A. F. L.: Atlético-Casa Pia A. C., Oriental-Sintrense, Torriense-Alhandra, Odivelas-Algés e Estoril-Sacavenense, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

— Campeonato de reserves da A. F. Setubal: Sesimbra-Seixal, C. U. F.-Almada, Vitória-Amora, C. Piedade-Montijo e Barreirense-Trafaria, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

GOLFE — Torneio da Taça Duque de Windsor (4.ª volta), no campo do Estoril, á tarde.

HIPISMO — Campeonato Nacional de Juniores, 3.ª prova, no hipódromo do Campo Grande ás 15 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Nacional. Metropolitano: Paço de Arcos-Carvalhos e C. U. F.-F. C. Porto, a partir das 21 e 30, no pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

— Campeonato Nacional de Juvenis. Juv. Salesiana-Carvalhos e Paço de Arcos-Inf. Sagres, a partir das 15 horas, no pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

— Campeonato Nacional de Juniores. Juv. Salesiana-Vigorosa e C. Ourique-Valongo a partir das 17 horas, no pavilhão dos Desportos em Lisboa.

NATAÇÃO — Torneio de Novembro, para nadadores de 8/9 anos, na piscina do Areeiro, ás 21 e 30.

VOLEIBOL

O BENFICA COMANDA NO TORNEIO DE ABERTURA

Referente á 4.ª jornada do Torneio de Abertura para seniores, realizado pela Associação de Voleibol de Lisboa, realizou-se ontem no Pavilhão do Estádio da Luz o encontro Benfica-CDUL que os encarnados venceram por 3-0 (15-10, 15-4 e 15-6).

A partida foi dirigida por Fernando Rodolfo e as equipas alinharam:

BENFICA — Vítor Carvalho, João Carlos, Orlando Gomes, Carlos Figueiredo, João Nogueira, António Cadete, Moisés Nobre e António Matos.

C. D. U. L. — Barata Pinto, Mena Reis, Pedro Roriz, Moniz Pereira, António Ferreira e Nuno Pinto.

Apenas no 1.º «set» a equipa do C. D. U. L. ofereceu boa réplica a um adversário que de momento está em boa forma e por isso não teve dificuldade em alcançar um excelente triunfo. Assim, o Benfica transpôs mais um obstáculo e comanda a prova sem qualquer derrota colocando-se desta forma em óptimas condições de conquistar o torneio.

uma escolha de mestre
merrison

Aprenda este segredo secular, o segredo da perfeição. Aprenda a desejar o melhor dos sabores. Aprenda a conhecer o whisky que passará a ser o seu whisky.

TEACHER'S
Highland Cream

o mestre entre os whiskies

BB Soc. Com. Blandy Brothers (Lisboa) Lda.
R. Victor Cordon, 31-1.º — Telef. 36 65 51

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

Em Carcavelos, a estrear, composta de rés do-chão e 1.º andar, c/ grande salão, coz quarto, casa de arrumos, casa de banho e lavabos. no 1.º andar 4 quartos c/ roupeiros, e 2 casas de banho, grandes varandas c/ lindas vistas, etc., garagem e casa de lavagem, toda murada, etc. Mostra e trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª. Avª Almirante Reis, 104-2.º T, 536111/2/3, Lisboa.

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS.

não compre sem consultar a

PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

(H. NUNES)

PUBLICIDADE

Telef. 847260

ANDARES

VENDEM-SE À ESTRADA DE BENFICA — Com facilidade de 130 contos á Caixa, 4 c. assoalh., 2 c. de banho, hall e despensa em prédio de boa construção c/ elevadores. Preço 380 contos. Ver Estrada Calhariz de Benfica, lote 10

No BOMBARRAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Garrudo & Ramos.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2 hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda Casa Laires. Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs. 325487 370618 (Junto à P da Figueira)

CASAS

para alugar

Procure V. Ex. nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. IMOBILIÁRIA INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs: 20-34755

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

PRÉDIO

1.270 CONTOS

A render 8%. Perto de Queluz, 8 inq. de habitação com 3 e 4 divis. ass. Construção moderna com excelentes acabamentos. Rendimento anual de 101.400$00.

ORCOSI

R. 1.º de Dez.º, 45-3.º, Esq.º LISBOA
Telefs. 367444/323172

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubief Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

PRÉDIO

À PRAÇA DO CHILE

- CONSTRUÇAO ANTIGA, COMPOSTO DE 6 pisos, 12 inq., hab. de 4 e 5 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, corredor. PODE-SE ENTREGAR UM 1.º ANDAR VAGO.

RENDIMENTO — 69.600$00.

BOM NEGÓCIO, POSSIBILIDADE DE AUMENTO.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5 — 328232/3 — 561756

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO

Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

HIPOTECAS SOBRE PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.

SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

POR 4,60

diários, leve para casa

1 FRIGORÍFICO c/ congelador a toda a largura

+1 FOGÃO 2 bicos e forno

+1 PANELA de pressão

pagando em 24 meses

condições vantajosas
marcas consagradas

ASTRO TÉCNICA
RUA DOS ANJOS, 71-B
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 58-B - TEL. 561531
LISBOA-1

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

CONCURSO PÚBLICO PARA VENDA DE SUCATA

Recebem-se propostas até às 10 horas do dia 22 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições do H. de S. José, em qualquer dia útil das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 24 de Novembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) *Alexandre Pinheiro*

HIDRO ELÉCTRICA PORTUGUESA, SARL

TROCA DE ACÇÕES

A Hidro Eléctrica Portuguesa, SARL e a Hidro-Eléctrica do Douro, SARL, com sedes nesta cidade, vêm por este meio avisar os Accionistas da primeira destas Empresas de que:

1.º — Foi celebrada, em 18 de Outubro passado, a escritura pública relativa ao contrato definitivo da cessão da concessão do aproveitamento hidroeléctrico do rio Távora;

2.º — Os accionistas da Hidro Eléctrica Portuguesa que, para efeito de troca das suas acções por acções da Hidro-Eléctrica do Douro, as não tenham já depositado na sede desta última Empresa, ainda o podem fazer, dentro do prazo de 30 dias, a contar desta data;

3.º — Para tal, devem dirigir os seus pedidos, por escrito, à Sede da Hidro-Eléctrica do Douro (à rua do Bolhão, 36 — Porto), indicando o número de acções que tomam o compromisso de trocar e qual a natureza (nominativas ou ao portador) das que desejam receber, bem como a espécie que pretendem (de 1, 5, 10 e 100 acções).
Com a formulação destes pedidos de troca deve ser feito o depósito dos respectivos títulos ou, no caso de o mesmo não ser possível, apresentado documento justificativo dessa impossibilidade.

4.º — A troca efectivar-se-á contra a entrega de cautelas definitivas da Hidro-Eléctrica do Douro, SARL, depois de expirado o prazo de 30 dias acima mencionado; a substituição das cautelas definitivas pelos respectivos títulos será, por sua vez, realizada no 1.º trimestre do próximo ano, altura em que serão pagos os juros intercalares a que os Accionistas tenham direito.

5.º — As acções da Hidro-Eléctrica do Douro, SARL, referidas no n.º 2.º darão direito ao dividendo do exercício de 1969.

6.º — Na medida em que estatutàriamente for possível, será respeitada a preferência dos Accionistas da Hidro Eléctrica Portuguesa, manifestada através dos seus pedidos, quanto à natureza das acções (nominativas ou ao portador) que desejem receber em troca.

Porto, 27 de Novembro de 1969.

OS CONSELHOS DE ADMINISTRAÇÃO

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho—Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446

Taunus 17-M Super, de 4 portas, 1967; Volkswagen, 1500, 1968; Opel Kadett de 4 portas, 1967; Opel Rekord 1700 de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Saab de Luxe, 1965; Austin Cooper, 1963.

Fac. troca e pag.

Vende: MARCELO

Av João Crisóstomo, 47 C

MERCEDES BENZ 180, nunca andou na praça, 43 000$. Volkswagen, 32 000$. Alfa-Romeo Giulietta, 35 000$00.

VENDE: Albertino Henriques da Silva, Ld.ª, R. Garrido, 73-A

Contacto

(H. NUNES)

Telef 847260

PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. República, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A
- 714391 — OLIVAUTO Av. de Madrid, 16-B

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

Em PORTO COVO, o «Diário de Lisboa» vende-se na casa do sr. António Augusto Vilhena.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERRO vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferro — Rua de S Julião, 64-66.

TELEVISORES

«NORDMENDE» não e uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na:
Av. Almirante Reis, 172-A
Telef 533592

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — LIVRE COMO O VENTO — E U R O P A

EUROPA
(M. 6 anos) Tel. 661018
(Veja anúncio especial)
MARK LESTER (o intérprete de «OLIVER») em
LIVRE COMO O VENTO

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153/4
Às 15.15, 18.15 e 21.30
5 grande realizadores italianos dizem o que pensam sobre a mulher
A MAGIA DA MULHER
com Silvana Mangano, Clint Eastwood, Totó e Alberto Sordi

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Para o público que só gosta do melhor!
William Holden — Ernest Borgnine — Robert Ryan em
A QUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O HOMEM DE KIEV
com Alan Bates e Dick Bogarde

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL COM O ARROJADO FILME
A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE
com Vivien Leigh e Warren Beatty
Apesar de ser muito novo... ela quis que fosse o seu pecado...
TECNICOLOR

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
QUANDO BEIJAS UM DESCONHECIDO OS AMBICIOSOS

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
Em continuação de estreia um filme superior
A BATALHA DE INGLATERRA

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
FRANK SINATRA
num filme policial de grande categoria
O DETECTIVE
com Lee Remick

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
Uma obra de rara linguagem cinematográfica
ISTO ACONTECEU
com Sabine Sinjen e Bruno Dietrich

AVIS
(M 12 anos) Tel 47163
As 21.45
5.ª SEMANA
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
QUIMERA
com Gianni Morandi e Laura Efrikian

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.15 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO!
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina mais disputada do Mundo!
ISADORA
O filme mais importante do ano!
TECHNICOLOR
Metro: Estação Picoas

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILÚ e CALVÁRIO
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMÍNIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
O F. B. I. CONTRA A MAFIA
O TEMPLO DO ELEFANTE BRANCO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O extraordinário filme russo premiado no Festival de Cannes
O 41.º
Uma mulher prisioneira do seu próprio prisioneiro

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
O extraordinário filme russo premiado no Festival de Cannes
O 41.º
Uma mulher prisioneira do seu próprio prisioneiro

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
Elizabeth Taylor, Robert Mitchum e Mia Farrow
Num extraordinário e inquietante filme!
CERIMÓNIA SECRETA
Uma obra-prima em technicolor de Joseph Losey
R. Bulhão Pato (à Av Roma)

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Color
Jean Paul Belmondo num filme de Robert Enrico
O GRANDE AJUSTE DE CONTAS (HO!)
com Joanna Shimkus e Sidney Chaplin

CONDES
(Adultos) Tel. 522523-326710
As 15.15 18.15 e 21.30
ISADORA
com Vanessa Redgrave
É sublime.. imagem lírica onde a arte e o amor se confundem...
Grande Prémio de Cannes 1969 (versão integral)

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30
ANTES DO INVERNO CHEGAR
com Topol, David Niven, John Hurt e Anna Karim

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
MINUTO A MINUTO SEM RESPIRAR
com Carol White e Paul Benke
QUINZENA CINEMA AMERICANO
Hoje — Adultos — 18.30 h.
O AGIOTA, de Sidney Lumet com Rod Steiger e Geraldine Fitzgerald
Dia 2 de Dez.: «O Último Degrau» (Adultos)

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 21.45 h.
2.ª SEMANA
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroianni

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Em continuação de estreia
Um sensasacional e espectacular filme
A BATALHA DE INGLATERRA
com um fabuloso elenco

LIDO
Praça D João I — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30
Um romance de amor e ódio! Filme premiado com 3 «Óscars»
O LEÃO NO INVERNO
com Katharine Hepburn e Peter O'Toole

OUTROS ESPECTÁCULOS

C I R C O

COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (12 anos).

T E A T R O S

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A dança da morte» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h: «Esperteza saloia» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Oração a dois Verdugos» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Volpone» (17 anos).

C I N E M A S

OLIMPIA — Às 14 e 19: «O mistério da Ilha maldita» (12 anos).
PROMOTORA — Às 15 e ás 21: «A viagem» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 14 e 19: «Duelo sem tréguas» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 15 e ás 21: «A ultima cavalgada a St.ª Cruz» (17 anos).
CINEARTE — Às 15 e ás 21: «O roubo da Pietá» (17 anos).
IDEAL — Às 15 e ás 21: «Ninguém foge para sempre» (17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Os canhões de Navarone» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O numero do amor» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A batalha de Inglaterra» (12 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «O cérebro» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Antes do Inverno chegar» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O casamento» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Adoráveis conspiradores» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Brincadeiras proibidas» (12 anos).

CAPITÓLIO
Tel. 320379
AS 21.45 H.
(Maiores 17 anos)
Um êxito memorável
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de B. SANTARENO
SÁBADO — Tarde a preços reduzidos
DOMINGO — Tarde dedicada a estudantes

GIL VICENTE — Cascais Telef 280915
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA AS 22 HORAS
EUNICE MUÑOZ interpretando **ARRABAL**
com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA e CARLOS PAULO
Trad. ANTONIO BARAHONA DA FONSECA
Encenação **CARLOS AVILEZ**
SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M
Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses.)

ALCÂNTARA — Probidade, R de Alcântara, 15-A-B (638589).
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318)
ALTO DO PINA — Eusil, R Barão Sabroso, 104 (841912)
ALVALADE — Rainha Santa, Rua Alf. Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ Alentejo, Av do Igreja, 28-B (712682).
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845518)
AREEIRO — Belo, Av de Roma, 53-A (776314) ✲ Estados Unidos, Av Estados Unidos da América, 6-B (725859) ✲ Central do Areeiro, Av Paris, 2 (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av 5 de Outubro, 283-A (763016) ✲ Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ✲ Saldanha, Av Praia da Vitória, 53-55 (43938)
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (311216).
BAIXA — Frazão, R das Portas de St.º Antão, 72 (328180) ✲ Durão, R. Garret, 90-92 (324166)
BENFICA — Marques, E de Benfica, 648 (700096) ✲ Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) ✲ S. João, Est da Luz, 124-A (783179).
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ Rualto, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A-5-B (651721)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CHILE — Lab.º do Brasil, R Alves Torgo, 29-31 (46843).
CONDE BARÃO — Lys, R da Esperança, 17-19 (660913)
CONDE REDONDO — Branco, Av Duque de Loulé, 61-65 (45048)
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç da Estrela, 130 (660339)
GRAÇA — Anunciada, R do Vigário, 74 (866360) ✲ Progressiva, Rua St.ª Marinha, 18 (863619)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R do Lumiar, 122-124 (790332)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R C., 8, Lote 300 (311091) ✲ Central dos Olivais, Rua Alferes Barilaro Ruas 7-C, Olivais-Norte (315539)
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 15-A (778439)
PAMPULHA — Infante Santo R do Olival, 290 (661003)
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (32545).
PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C — (610741)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — Mariuz, Calç da Picheleira 40-B-C (720703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728)
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua F. Elísio 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (321771).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R. do Grelo, 25 ✲ Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.º António, 7-9 (840125).
MOSCAVIDE — Varela — Av.ª de Moscavide, 44 (Tel 2518520). ✲ Império — R de Olivença, 48-A (251234)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Nito — Av Comb G Guerra, 64 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (Tel. 2432058)
OEIRAS — Central, R João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Brandão — Av da Republica, 77-C (Tel 2471054)
ESTORIL — S. João, S João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — Suiça — Cruzeiro (Tel 260087)
CASCAIS — Misericórdia — R do Regimento 19, 41 (Tel 280141) ✲ Cascais — R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra
AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos; — Rua Elias Garcia, 85 (Tel 930072); Clabel — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551); S. Jorge — R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — Damaia, P Alexandre de Gusmão, 9-A (970523).
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 e 51-A (el 950123)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 29100 12).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — Largo Rainha D Amélia, 20 (Tel. 980155)
VENDA NOVA — Neva, R. Elias Garcia, 10 (Tel 933920).
COLARES — Coleres — Abreio (Tel. 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 5 Tel (234 00
ALHOS VEDROS — Portugal — Avenida do Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA — Nuno Álvares — Av. D Nuno Álvares Pereira 39 (Te 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional 221-B (Telf 224141)
BARREIRO — Pimenta — R Cons. Joaquim António Aguiar 259 (Te 2273012)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, P 5 de Outubro 62 — (270 2
MOITA — União Moitense — Av. Dr Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Moderna, R Bulhão Pato 60 (230156)
SESIMBRA — Leão — Av Salazar Telf 22947)
SETUBAL — Normal do Sul, P do Bocage (22216)
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho 38 (Tel 228560)

SERVIÇOS URGENTES

Teletones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo). 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ✲ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av Duque de Loulé)

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
DIARIAMENTE AÇORDA DE LAGOSTA
AR CONDICIONADO — ABERTO AOS DOMINGOS
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junto da Estação do Metro das Picoas)

Diário de Lisboa
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1966
Lisboa 2 — Portugal

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **AMNISTIA**

SAN JUAN (Argentina), 28 — (R.) — O presidente Juan Carlos Ongania anunciou, a noite passada, uma amnistia geral para todas as pessoas presas durante o estado de sítio imposto na Argentina em Junho último e também para todas as pessoas condenadas a penas de cadeia por tribunais militares durante a agitação entre a classe trabalhadora que se registou antes.

● **PROFESSOR EXECUTADO POR ESPIONAGEM**

SEUL, 28 — (R.) — Foi hoje executado na prisão de Sudaemum, desta cidade, por espionagem a favor da Coreia do Norte, o professor Sang-Su Yoon, da Coreia do Sul.

O professor era um dos 16 réus julgados por implicação num grupo de espionagem com base na ilha de Imja-Do.

● **MANIFESTAÇÃO EUROPEIA**

BRUXELAS, 28 — (F. P.) Uma manifestação contra o nacionalismo renascente na Europa e a favor de uma sociedade europeia democrática será organizada em Haia no dia 1 de Outubro por ocasião da conferência cimeira dos «seis», anuncia o secretariado do M. F. E. (Movimento Federalista Europeu) presidido por Etienne Hirsche, antigo presidente do Euratom e cuja sede é em Bruxelas.

O M. F. E. apela para todos os cidadãos europeus no sentido de participarem nesta manifestação

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado nas regiões do Norte e muito nublado nas do Sul, o vento era fraco a moderado de Nordeste e chovia nalgumas regiões do Sudoeste, por influência de uma depressão localizada a leste da Madeira.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 15°,5; mínima: Penhas do

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 4°; Penhas Douradas, 0°; Coimbra, 6°; Portalegre, 7°; Lisboa, 6°; Faro, 12°; Funchal, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 8°,3; na água do mar: 14°. Saúde, —5°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado, à excepção das regiões do Sul, onde poderá estar temporàriamente muito nublado; vento fraco a moderado do quadrante Leste; e possibilidade de aguaceiros fracos nas regiões do Sul.

Amanhã:
Nascer ás 8 e 34
Ocaso ás 18 e 16

Dia 2 Dia 9 Dia 16 Dia 23

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 28 — 6 e 48 (3,7 m); 19 e 16 (3,4 m). Dia 29 — 2 e 27 (3,6 m); 19 e 59 (3,3 m). Dia 30 — 8 e 10 (3,5 m); 20 e 49 (3,2 m).
BAIXA-MAR: Dia 28 — 12 e 30 (1,4 m). Dia 29 — 0 e 33 (1,5 m); 13 e 10 (1,5 m). Dia 30 — [illegible] e 17 (1,7 m); 14 (1,6 m)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O ENG. AMARAL NETO É O NOVO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Para encerrar a última sessão preparatória, antes da abertura oficial da Assembleia Nacional, efectuou-se esta tarde a eleição da mesa definitiva da Câmara.

Como se previa, o lugar anteriormente desempenhado pelo falecido dr. Mário de Figueiredo passa a ser ocupado pelo deputado engº Amaral Neto, do círculo de Santarém.

O novo presidente figurava em todas as listas organizadas pelos diferentes grupos de deputados.

Câmara Corporativa

A Câmara Corporativa elegeu também esta tarde a sua mesa definitiva.

Foram eleitos: Presidente dr Luís Supico Pinto, 1.º vice-presidente engº José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich, 2.º vice-preesidente general Luís Maria da Câmara Pina, 1.º secretário dr. Bento de Mendonça Cabral Pereira do Amaral e 2.º secretário Samuel Diniz.

A CONTESTAÇÃO ANALISADA POR MAHEU

PARIS, 28 — (F. P.) — «O grande interesse que vejo na contestação da juventude é de acentuar a importancia dos fins, do porquê das coisas», declarou o director-geral da UNESCO, René Maheu, falando perante a associação Imprensa, Informação e Juventude.

Maheu recordou que a UNESCO tinha proclamado 1970 «Ano Internacional da Educação», em que serão meditados os problemas da juventude e da educação, com vista á sua tradução em actos concretos. Salientando que o problema da alfabetização dos adultos é o que mais preocupa a UNESCO actualmente.

Fotógrafo alemão condenado por espionagem

COLÓNIA 28 — (R.) — O fotógrafo Heinz Suetterlin, da Almeanha Ocidental, foi condenado hoje a 7 anos de prisão por espionagem a favor da União Soviética.

Segundo se afirma, Suetterlin forneceu ao Kremlin durante seis anos documentos confidenciais e secretos do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Bonn.

GAMA E SILVA ESTARÁ EM LISBOA EM DEZEMBRO

RIO DE JANEIRO, 28 — (A. N. I.) — Na primeira quinzena de Dezembro deve seguir para Lisboa o novo embaixador do Brasil, prof. Gama e Silva, a fim de assumir o seu cargo.

Na sua companhia irá o novo adido cultural á Embaixada, prof Leandro Tocantins.

Entretanto, o governador da Guanabara, Negrão de Lima, declarou ao «Correio da Manhã» que «A concessão de voto aos portugueses está justificada por motivos óbvios.» E acrescentou: «Há muitos anos que o povo português participa dos acontecimentos brasileiros por causa dos laços de amizade que unem as duas nações. As nossas relações com Portugal são especialíssimas, pois Portugal está presente na formação brasileira. Portugal é a pátria de que descendemos e, por outro lado, a colónia portuguesa participa no nosso progresso, como também acompanha a vida brasileira com muito carinho.»

RECONSTITUIÇÃO

SÃO PAULO, 28 — (A. N. I.) — A reconstituição do milagre de Fátima será a apoteose final do segundo festival português do Brasil, que se realiza no próximo dia 30, no estádio do Ibirapuera, em São Paulo

INSTITUTO DE ARTE E DECORAÇÃO

No prosseguimento do seu programa de exibições de filmes de arte, são projectados hoje, ás 18 horas, na Escola Internacional de Decoradores do I. A. D. E., no Palácio Quintela, os filmes: «Desenhos de Leonardo da Vinci» e «A janela aberta».

A ALEMANHA ASSINA

BONN, 28 — (F. P.) — O Gabinete Federal Alemão decidiu assinar o tratado de não proliferação nuclear.

O chanceler Willy Brandt, anunciou hoje, numa conferência de Imprensa que os embaixadores da R. F. A. nas três capitais depositárias (Washington, Moscovo e Londres) receberam instruções para assinarem hoje o tratado de não proliferação nuclear.

O chanceler indicou que a R. F. A. não procederá á ratificação parlamentar do tratado senão depois de um acordo satisfatório acerca dos controles entre a Euratom de Bruxelas e a Agência Internacional de Energia Atómica de Viena.

«ALBUM DE LISBOA»

(Continuação da 1.ª página)

O «Album de Lisboa» faz reatar a tradição de iniciativas que o nosso jornal tem promovido, sempre com êxito assinalável. Neste empreendimento, Lisboa é o tema, com a sua história, o seu pitoresco e a sua tradição, e, também, nos aspectos em que se afirma como grande cidade moderna, em tudo digna da nossa época.

A cidade-capital que dia a dia se valoriza, num ritmo de progresso intenso e constante, é, assim, o elemento-base duma iniciativa que, sem dúvida, irá despertar o entusiasmo de muitos milhares de leitores.

Hoje, apenas diremos que os prémios que reservamos aos concorrentes são valiosos, aliciantes, tentadores. Dentro de pouco os revelaremos.

motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor

SEIS ANOS DE AUTOMOBILISMO

● ARTIGOS DE Filipe Nogueira — Maria do Céu — Baptista dos Santos Eng.º Farinas de Almeida — Avelãs Coelho — Augusto Vilela

- «GRAND PRIX 1969» POR PHILIPPE TAUSSAINT
- «G. P. DE MACAU» PELO CORRESPONDENTE DO MOTOR
- «TESTE: RADIADORES» POR BANDEIRA DE LIMA
- «PONTO DE VISTA» POR F. ROMÃOZINHO
- VOO DA APOLO 12, POR ALVES SARAIVA

... E UM COMPLETO SUPLEMENTO PROFUSAMENTE ILUSTRADO, COM

OS PREÇOS E AS CARACTERÍSTICAS DOS AUTOMÓVEIS À VENDA EM PORTUGAL

48 PÁGS. 2$50

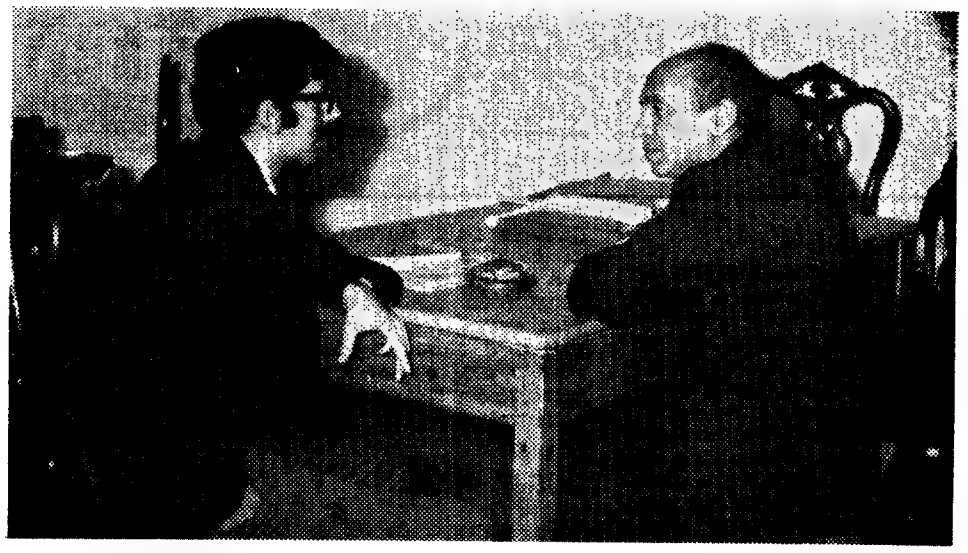
motor

SAIU HOJE

motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor — motor

Frente a frente: Há um problema de gerações?

Diálogo entre um estudante e um antigo professor versando esta questão de premente actualidade



O suplemento «Mesa Redonda» — já aqui o dissemos — pretenderia ser como que um clube de discussão. Não da discussão pela discussão, mas como técnica de confronto de ideias, interpretações dos fenómenos e dos problemas e, igualmente, de confronto de soluções. Neste esfoço de estimular as pessoas a emitir os seus pontos de vista, ao debate de opiniões, sempre necessário e frutuoso, temos usado diversas fórmulas: mesas-redondas, inquéritos, entrevistas, etc.

Num dos ultimos numeros ensaiamos uma variante: pôr «frente a frente» duas pessoas predispostas a dialogar sobre determinado tema. Fizemos a experiência com dois estudantes: Isabel Maria Lopes de Sena, que foi aluna de uma universidade americana, e João Bonitácio Serra, aluno de História da Faculdade de Letras de Lisboa.

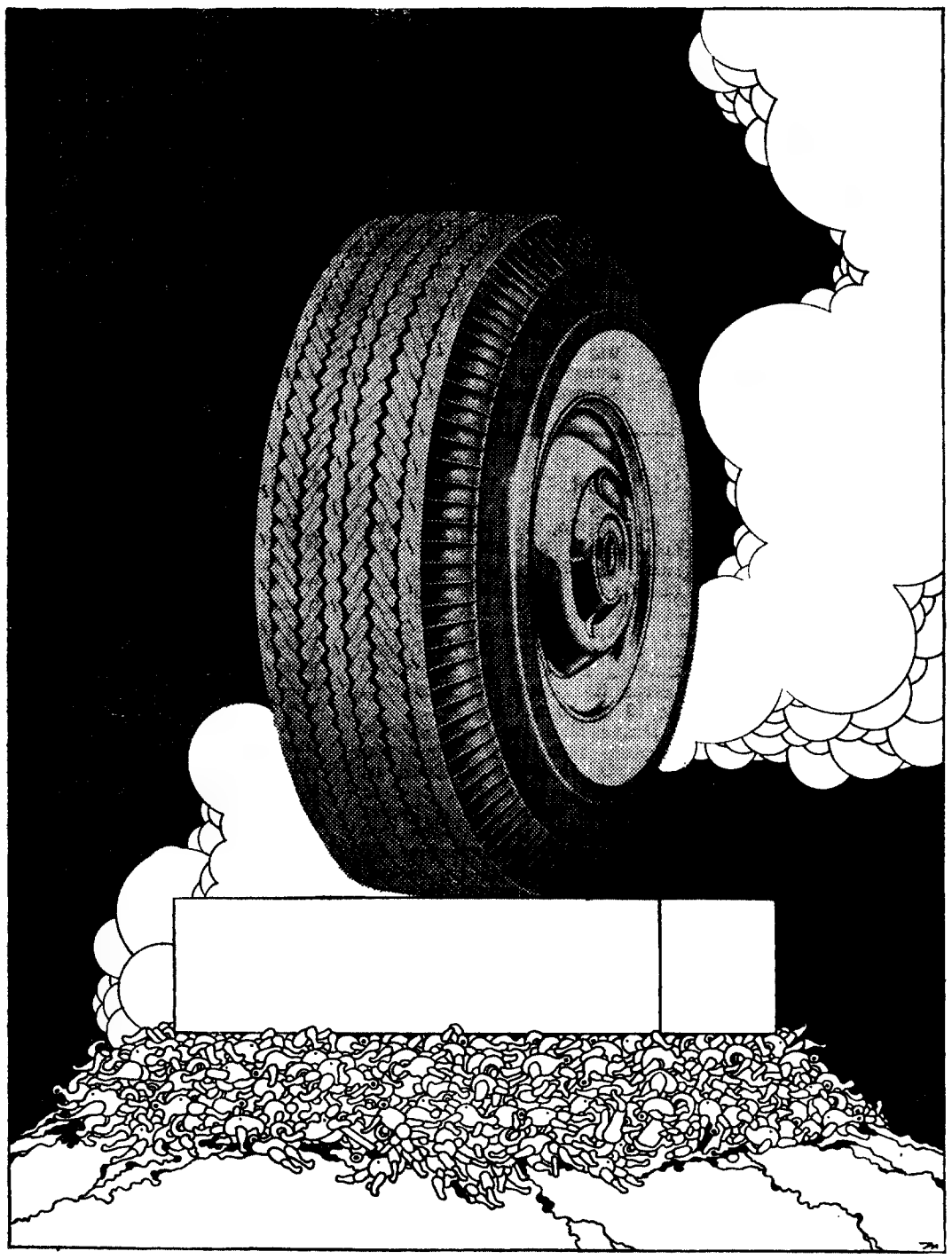
Os resultados desta experiência — apesar das dificuldades naturais e compreensíveis — animaram-nos a prosseguir. Hoje damos o resultado do diálogo travado entre duas pessoas de gerações diferentes: o dr. João Sá da Costa, antigo professor de História e Filosofia e actual dirigente de uma editora (45 anos) e o estudante Virgílio Barata Salgueiro, aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa (23 anos).

O tema do diálogo foi, precisamente, o seguinte: «Há um problema de gerações?» *Cremos que o resultado deste debate se reveste de incontestável oportunidade e do maior interesse para os nossos leitores.*

(Ler Diálogo na página central)

MESA REDONDA

Monumentos Nacionais (3)



Desenho de João Abel

Os problemas espaciais e a vida moderna

J. TIAGO DE OLIVEIRA

«Per aspere od astra», aos astros por caminhos ásperos, eis um lema bem antigo.

Mas valerá a pena a aspereza dos caminhos, a intensidade dos treinos, as despesas fortes, a conglomeração de cientistas, técnicos e executantes, todo esse amálgama de inteligência e acção para levar a cabo — com inevitáveis dificuldades e falhanços e a glória de os superar, com sucessos e insucessos — um voo orbital ou suborbital, um programa espacial? Foi esta, transmutada em termos adequados, a pergunta dos velhos do Restelo de Quinhentos, quando já ia longa a execução da empresa das Descobertas. Decerto a fizeram também quaisquer velhos do Sena ao ver construir o Louvre ou do Cambodja ao erguer-se dos seus tempos. Acharemos nós, portugueses, que a empresa das Descobertas não valeu a pena? E, mais recentemente, não terá tido sentido o voo de Gago Coutinho-Sacadura Cabral?

Porém, os homens meramente pragmáticos, para os quais a tendência a aventura racionalizada — que tão fortemente distingue o homem dos outros seres — é mera ilusão de juventude que o tempo desfaz em poeira e nada, não aceitam solvabilidade. E põem, de facto, uma questão sólida, forte: a de que tanto havendo a fazer sobre a Terra, na eliminação da fome, da doença, da miséria, tanto havendo a fazer na difusão do ensino e da cultura, tanto havendo a fazer na promoção social dos povos e na elevação do nível de vida das minorias e povos oprimidos, tanto havendo a fazer em tantos domínios, se não seria melhor investir essas somas gigantescas no início de um programa planetário para a elevação e dignificação do Homem.

Anotemos desde já que pôr a questão deste modo — embora tenha aspectos válidos — é glissar para uma velha posição reaccionária dos anos 30, quando se propunha «uma moratória para a Ciência», a suspensão da pesquisa científica, a procura do meio progresso tecnológico em face da Ciência já estabelecida (e que alguns velhinhos do Restelo talvez ainda defendam entre nós), é um princípio de retorno ao obscurantismo.

Aceitemos, porém, o jogo e analisemos, no seu campo, o impacto dos programas espaciais. Decerto, inequivocamente, razões militares estão por detrás dos gigantescos programas es-

(Continua na pág. 10)

Dificuldades para o turismo interno

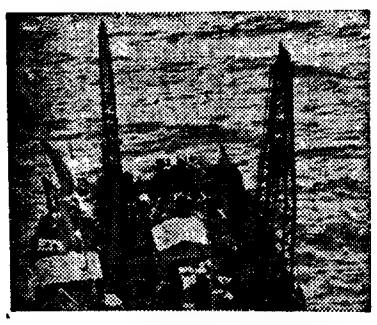
● ENTREVISTA COM O DR. LICÍNIO CUNHA (na pág. 3)

ASSIM VAI O MUNDO

Petróleo

Um técnico checoslovaco de economia revelou que a União Soviética informou os seus aliados da Europa Oriental de que deviam deixar de a considerar como a sua unica fonte abastecedora de petróleo. Pelo contrário, os russos recomendam que as nações comunistas do Leste europeu procurem, cada vez mais, obter petróleo nos países subdesenvolvidos, especialmente no Médio Oriente.

A razão desta atitude é que os novos jazigos descobertos na Rússia têm sido encontrados



na Sibéria e noutras zonas remotas, o que representa problemas de transporte muito graves.

Esta nova situação foi abordada no jornal «Svoboda», pelo vice-presidente da Comissão Federal da Industria, Vlastimil Plechac, e deve relacionar-se com a visita ao Irão do presidente Ludvik Svoboda e á presença em Praga do ministro do Petróleo do Iraque, Rashid Riffai. Julga saber-se que, durante a sua visita ao Irão, o presidente assinará um contrato para o fornecimento de petróleo daquele país, durante os próximos 10 ou 15 anos.

A maior parte do petróleo consumido na Checoslováquia vem agora dos campos petrolíferos situados na região do Cáspio, mas as novas fontes de petróleo na Russia deslocam-se cada vez mais para leste.

Quase nada

No discurso de 31 de Outubro, em que definiu a sua politica para a América Latina, Nixon apenas se comprometeu a uma coisa: a autorizar os países latino-americanos que recebem ajuda publica dos Estados Unidos a não gastarem unicamente os dólares da ajuda em comprar na América do Norte.

Porém isto mesmo não possui um grande alcance, porque os dólares (segundo o discurso de Nixon) não podem ser gastos na Europa nem na Asia, os países ajudados só podem comprar com o dinheiro da ajuda noutros países latino-americanos.

De resto a ajuda publica continua a ter tendência para diminuir. Os créditos concedidos pelo orçamento de 1969-70 foram reduzidos em 100 milhões de dólares pela Comissão dos Negócios Estrangeiros da Camara dos Representantes. Daí que Nixon tenha sugerido no seu discurso que os investimentos privados constituem a principal possibilidade de desenvolvimento da América Latina.

Morta, a Aliança para o Progresso foi substituída por quase nada.

Tempo de agir

«O conselho da Europa deve suspender a Grécia, a não ser que o governo de Atenas manifeste vontade de restabelecer ràpidamente a democracia ou esteja pronto a tomar a iniciativa de se retirar» — declarou no passado dia 23, ao microfone da B. B. C., o secretário do «Foreign Office», Michael Stewart.

«A Grã-Bretanha não teria conseguido impor este ponto de vista se o tivesse defendido na última reunião da Comissão Ministerial do Conselho, porque os outros membros teriam pensado que o Governo grego necessitava de tempo para operar as modificações necessárias. Mas nessa reunião estabelecemos um calendário preciso, e agora é tempo de agir — acrescentou Stewart.

As raízes

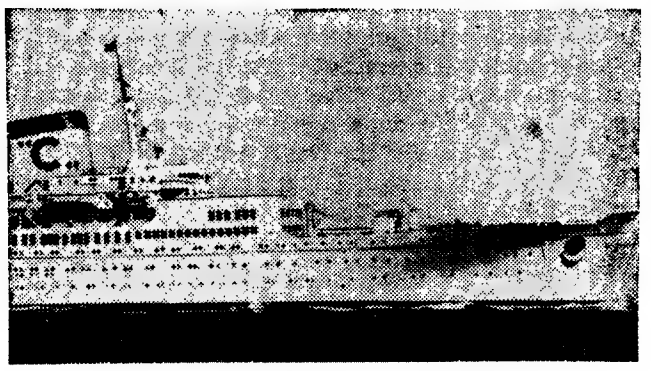
«Estamos numa polémica com os economistas brasileiros, de vanguarda (de direita e de esquerda) cujo objectivo é criar uma sociedade de consumo de tipo soviético-americano, e isso destruindo as raízes, as caracteristicas da nossa civilização. Preocupamo-nos — nós, os cineastas e artistas da nova geração — em demonstrar que o desenvolvimento económico não terá um sentido humanista se não permitir — mesmo num sistema socialista — o desenvolvimento integral do espírito tropicalista». Palavras de Glauber Rocha, o conhecido realizador brasileiro.

O papel da tradição numa transformação social está longe de ter encontrado uma definição satisfatória

Alfabetização

Quase já não existe analfabetismo em Itália, de modo especial entre a população jovem. Além da instrução primária os jovens frequentam de modo geral cursos industriais e profissionais — afirmou no Parlamento o ministro italiano da Instrução Pública. O avanço conseguido pela Itália neste domínio corresponde às exigências do país em matéria de mão-de-obra especializada.

Entre os adultos de idade mais avançada encontra-se ainda um pequenissimo número que não recebeu instrução; mas, segundo um relatório do Conselho Nacional da Economia e Trabalho, a percentagem dos analfabetos em Itália entre os trabalhadores ocupados na indústria figurava, em 1968, apenas com 2,3 por cento.



Bandeira de conveniência...

O Japão tornou-se a segunda potência marítima do mundo depois da Libéria e à frente da Grã-Bretanha. Os Estados Unidos, cuja frota de comércio está em constante regressão, passaram do terceiro para o quinto lugar, antes da U. R. S. S., cuja marinha se encontra em plena expansão.

Segundo as estatísticas da «Lloyds» apuradas em Julho, a frota da Libéria, país de «bandeira de conveniência», ainda aumentou mais de 3 495 000 toneladas em relação ao ano passado, atingindo 29 215 000 toneladas. O Japão aumentou a sua em mais de 4 milhões de toneladas (22%), para 23 987 000 toneladas. A Grã-Bretanha, embora ultrapassada e posta a distância por este país, registou um forte aumento anual: 1 923 000 toneladas, o que eleva a sua tonelagem global para 23 844 000 toneladas. Seguem-se a Noruega (19 679 000 t, +12 000 t), os Estados Unidos (19 550 000 t, — 118 000 t), a U. R. S. S. (13 705 000 t, +1 643 000 t), a Grécia (8 581 000 t, +1 165 000 t), a Itália (7 038 000 t, +414 000 t), a Alemanha Federal (7 027 000 t, +499 000 t), a França (5 962 000 t +166 000 t), Panamá (5 374 000 t, +277 000 t) e a Holanda (5 255 000 t, — 13 000).

A tonelagem mundial das frotas mercantes, com um total de 211 661 000 t no final de Julho de 1969, aumentou 17 509 000 t, ou sejam 8,2% em relação ao ano precedente.

ASSIM VAMOS NÓS

Recurso

O Ministério Publico recorreu do Acórdão do passado dia 11 de Julho do Supremo Tribunal Administrativo, nos termos do qual foi declarado nulo o despacho que dissolveu a Pragma —Cooperativa de Difusão Cultural e Acção Comunitária. O recurso foi interposto para o Pleno do referido Tribunal.

Saldo

Ascendeu a 90 242 contos o saldo positivo da balança comercial de Angola relativo ao periodo que medeia entre Janeiro e Agosto do ano corrente. Em idêntico periodo do ano passado registou-se um saldo negativo de 851 433 contos.

O total de exportações da mesma Provincia registou este ano uma diferença (para mais) de 2 372 039 toneladas relativamente ao montante ocorrido também entre os meses de Janeiro a Agosto de 1968. As importações de Angola em igual periodo elevaram-se a 5 673 136 contos.

Só multas?

Na reunião do Municipio de Lisboa, do passado dia 20, o vereador Arraiano Tavares, que interveio pela primeira vez, escolheu para tema da sua intervenção um problema cuja grandiosidade não cessa de esmagar milhares de munícipes e de muitos forasteiros: o problema do transito.

O referido vereador renunciou ao eufemismo e não receou chamar as coisas pelo seu nome. Falando da inconsciência de muitos automobilistas e dos perigos que dela derivam para os

próprios e para o publico, não hesitou em pedir que sejam «tomadas medidas severas e imediatas de modo a reduzirem-se ao minimo as trágicas consequências de tanta inconsciência e bestialidade».

E o vereador Arraiano Tavares isso se apressou a acrescentar: «O peão está indisciplinado mas nada se faz para o educar. O automobilista julga-se o dono e senhor da Cidade e a repressão só existe para a aplicação de multas em estacionamento proibido». Terminou por isso a sua fala apelando «para que se regulamente uma fiscalização rigorosa, punindo-se severamente os prevaricadores de modo que se eduquem violentamente aqueles que não o desejem fazer de outro modo».

Esta será uma parcela das soluções que se impõem. Mas terá de se convir que é uma parcela importante. Diremos mesmo decisiva.

Salários

No Japão, os salários têm continuado a aumentar durante os ultimos anos e a noção de que os salários japoneses são baixos está-se tornando coisa do passado — lê-se na Revista Semanal de Informações Económicas e Financeiras do Banco de Portugal, de 19 do corrente.

Desde 1961 que os salários naquele país têm aumentado mais de 10% quase todos os anos. Esta tendência tem-se acentuado sobretudo a partir de 1967. E a julgar pelos resultados das negociações de salários efectuadas na ultima Primavera, a média de aumentos de salários em 1969 atingirá provàvelmente os 16 a 17%. O rápido aumento de salários no Japão, sem paralelo em qualquer outro país, encurtou rápidamente as diferenças de salários entre o Japão e outras nações industriais. Os salários japoneses já estão nivelados aos da França e da Itália. Além do mais, a diferença tem diminuido em termos de salários reais (isto é, se se tomar em consideração a capacidade aquisitiva do salário), sendo os salários japoneses já tão elevados como os padrões dos países ocidentais, excedendo os da França e da Itália.

Proibições

De uma entrevista de Jean Genet: «O meu caso é muito curioso. A minha obra está proibida na União Soviética, quem me condenou foi o estalinista, já falecido, Zdhanov. Deixam-me entrar na U.R.S.S. mas não deixam traduzir as minhas obras. O que acontece nos Estados Unidos também é curioso. Publicam todos os meus livros, «As Criadas» e «Os Negros» chegaram ás mil representações em Nova York Chicago, Los Angeles... Dão-me muitos dólares mas não me permitem entrar.»

Livros

Em 1968 foram publicados na Hungria 5030 titulos de livros — segundo o Instituto Central de Estatística do mesmo país. Desse numero, 731 eram de carácter literário, 226 de literatura para jovens, 838 de obras de divulgação e 638 de obras científicas. Relativamente ás obras de literatura, 126 títulos referiam-se a poesia, 465 a novela e contos e 47 a obras de teatro. Ainda segundo o mesmo Instituto a tiragem média de cada um dos livros publicados foi de cerca de nove por cento superior á dos anos anteriores.

Dificuldades para o turismo interno: insuficiência económica

ENTREVISTA COM O DR. LICÍNIO CUNHA

E como se chega ao Portugal desconhecido?

Licenciado em Economia, o dr. Licínio Cunha tem-se dedicado ao estudo dos problemas do Turismo. Com vasta colaboração sobre o assunto, publicada em revistas e páginas especializadas de jornais, o dr. Licínio Cunha, que é actualmente consultor, para a parte termal, do Grémio dos Concessionários de Termas, e a nível internacional, membro da Comissão Económica da F. I. T. E. C., participou já em diversos congressos, no País e no estrangeiro, nos quais apresentou comunicações. Ex-técnico do Gabinete de Estudos e Planeamento do Turismo (do extinto Comissariado do Turismo), é, pelos seus vastos conhecimentos em matéria de Turismo, pessoa indicada para uma troca de impressões sobre o assunto. Daí que «Mesa-Redonda» o tenha procurado.

MESA-REDONDA — *Que pensa da campanha em curso com vista a intensificar o turismo interno?*

LICÍNIO CUNHA — A pergunta parece-me poder ser tomada em duas acepções: uma, respeitante à forma como a campanha tem decorrido e aos seus efeitos práticos, e outra, respeitante à sua necessidade e aos seus objectivos.

Quanto à primeira acepção, parece-me notar-se um certo alheamento do sector privado, ou, talvez, uma desconexão de esforços, não sei bem, que poderá fazer com que a campanha se transforme num acontecimento à margem do contexto turístico, e, portanto, sem possibilidade de produzir grandes consequências. Qualquer campanha deste tipo que não for apoiada pela acção do sector privado corre o risco de ser insuficiente.

É claro que ainda é muito cedo para concluir se a campanha tem sido, ou não, eficiente. Os técnicos de turismo são de opinião de que uma campanha publicitária produz o seu máximo efeito um ou dois anos depois de lançada, e, portanto, pouco se pode dizer da que está a decorrer. Trata-se de criar uma certa mentalização nas populações, e isso não se consegue com uma única campanha.

Aproveito para referir, no entanto, que, para que esta (ou outra) campanha seja feliz é necessário que seja completada com manifestações e informações que lhe dêem algum conteúdo real. Não basta dizer que há «um Portugal desconhecido que espera por nós». Isso é fácil, mas já é mais difícil emprestar-lhe conteúdo real, isto é, materializar a ideia que o «slogan» contém: há um Portugal desconhecido, sim, mas como se chega até ele? É acessível à generalidade das pessoas? O que é que ele oferece em contrapartida de um deslocamento e de um gasto? Apenas uma bela paisagem? Parece pouco para concorrer com outras alternativas de gasto que diàriamente se oferecem às pessoas. Esse «Portugal desconhecido» oferece vantagens em relação a essas alternativas? Há que mostrá-las.

Note, que não tenho acompanhado de perto a campanha que se tem vindo a efectuar, e estou a raciocinar apenas como sujeito a quem essa campanha também é dirigida.

Quanto à segunda acepção da pergunta a que me referi, parece-me que a sua necessidade se impunha desde há muito, mas compreendo perfeitamente que, face à escassez de meios com que o órgão oficial de turismo se defronta, não é possível desviar verbas para a promoção do turismo interno, quando elas são mais que insuficientes para renovar o turismo externo. Ainda agora eu pergunto a mim mesmo qual a opção mais rentável: a que aproveite os escassos meios de que se dispõe para se manter, pelo menos, um determinado nível da procura externa, cada vez mais solicitada por uma concorrência agressiva, ou desviá-los para a promoção do turismo interno, sabendo-se que as verbas disponíveis estão muito áquem de poderem satisfazer a primeira?

No entanto, as campanhas deste tipo parecem-me sobremaneira úteis para fazerem chegar os benefícios do turismo a locais onde os estrangeiros pouco se desloquem, e canalizarem riqueza para pontos onde seja difícil, ou mais difícil, desenvolver, pelo menos a curto prazo, actividades mais reprodutivas. É claro que, no nosso caso concreto e actual, parece-me poder pôr-se o problema de saber se estas campanhas não poderão vir a agravar as pressões inflaccionistas que se manifestam entre nós, mas isso é problema que acho dever ser convenientemente estudado, e, por isso, apenas o afloro.

Há um aspecto muito positivo desta campanha que quero realçar, e que é o da mentalização das populações face à presença dos turistas estrangeiros mas ter-se-á de ir mais longe e utilizar meios, porventura, mais eficazes e que foquem aspectos como a cobrança de preços justos, deixar de se cuspir para o chão, etc. A utilização das escolas e liceus poderá vir a produzir bons frutos

M.-R. — *Quais os principais obstáculos à prática do turismo, por parte da grande massa dos portugueses?*

L. C. — Pois parece-me que o maior obstáculo é o fraco rendimento per capita. Uma população com um rendimento anual *per capita* que não chega aos 14 contos, e que, ainda por cima, está perante um constante agravamento de preços, o que dificilmente lhe permite satisfazer as suas necessidades básicas, não pode ter grande propensão a

(Cont. na pág. seguinte)

O fraco rendimento da nossa população — principal obstáculo á prática do turismo

«Há falta de mentalidade turística em certas entidades responsáveis»

(Cont. da pág. anterior)

fazer turismo. É claro que existe uma importante procura turística nacional, e a atestá-lo estão as dormidas já registadas na nossa hotelaria, indicador, aliás, insuficiente por ser parcial, e parece existir uma procura potencial bastante significativa. Daí, contudo, á grande massa dos portugueses poder fazer turismo vai um abismo.

Encontramos, é claro, 1 500 000 portugueses entrados em Espanha mas esse número tem de ser considerado no seu verdadeiro significado. Nele se incluem os Portugueses emigrados que vêm passar férias a Portugal, sendo, contados duas vezes e os Portugueses que, por terra, vão além de Espanha são contados também duas vezes, incluindo, ainda, as visitas ás cidades fronteiriças.

Além dos baixos rendimentos temos o problema dos alojamentos. Eles não estão adaptados á procura nacional: foram planeados para a procura estrangeira e não são acessíveis ás bolsas dos nacionais.

Depois temos os transportes. Não existe uma rede de transportes eficientes que levem as pessoas a todo o lado. Os nossos caminhos-de-ferro são morosos e desconfortáveis. Fazer uma viagem por caminho-de-ferro, para certas zonas, é um verdadeiro martírio e só por necessidade; não para fazer turismo! E note-se que são justamente as zonas, mais desconhecidas do «Portugal desconhecido» as mais mal servidas. É certo que algumas agências organizam já viagens atraentes pelo País, mas isso não serve para aqueles que querem passar férias fora da sua residência

Há ainda outro obstáculo á prática do turismo por parte da grande massa dos portugueses: É que só uma pequenissima parcela da população tem um período de férias suficientemente amplo para se deslocar. Entre nós as férias ainda são consideradas um luxo quando em todo o lado se consideram uma necessidade imperiosa. Em alguns países, os médicos da medicina do trabalho defendem já que os trabalhadores devem gozar dois períodos anuais de férias de três semanas cada um, enquanto entre nós a maior parte da população não tem direito a férias pagas. De entre os países membros da U. I. O. O. T., quase todos os países do mundo, Portugal aparece como o país que concede, obrigatóriamente, o menor período de férias pagas: 6 dias.

M. R. — *Serão inconciliáveis o desenvolvimento do turismo interno e os esforços tendentes a atrair maior número de turistas estrangeiros?*

L. C. — De modo algum! São perfeitamente compatíveis e tem-se mesmo considerado que é o turismo interno que prepara e desenvolve o turismo externo.

Podem, naturalmente, verificar-se dificuldades na satisfação da procura externa em virtude do aumento do turismo interno, de modo especial nas épocas de ponta, mas isso verifica-se em todo o lado. O que há é que orientar os nacionais para as zonas menos frequentadas pelos estrangeiros como, por exemplo, as zonas do interior ou certas zonas do litoral. Para isso ter-se-ão de criar as indispensáveis condições. A adequação do equipamento turístico existente no interior do País á procura turística nacional parece perfeitamente viável: aproveitamento das barragens que poderão ser um substituto dos lagos naturais que fazem o encanto dos países da Europa Central, das estâncias termais com a modernização do equipamento já existente, a transformação de casas rurais em alojamentos para turistas, a criação de aldeias de férias, etc., parecem meios capazes de atrair o turista português que, na maioria prefere passar as suas férias no interior.

Ter-se-ão de criar maiores incentivos para os nacionais passarem as suas férias no Outono e na Primavera, podendo a Madeira vir a desempenhar um importante papel nesse aspecto, não esquecendo mesmo a Serra da Estrela.

A existência de importantes movimentos turísticos internos pode levar a equipar determinadas zonas agora desequipadas ou mal equipadas, e permitir assim, a atracção no futuro de correntes turísticas externas, como será, por exemplo, o caso das termas.

M. R. — *Quais, em sua opinião, os problemas que mais têm afectado o desenvolvimento do nosso turismo?*

L. C — Não receio indicar, em primeiro lugar, a falta de mentalidade turística de certas entidades responsáveis, da administração. O turismo ainda é encarado com certo menosprezo e as verbas que se gastem com a sua promoção são vistas como dinheiro deitado á rua ou que apenas serve para fazer uns papeis bonitos e com lindas fotografias. Os que se dedicam ao turismo são ainda olhados como pessoas que gostam de passear e pouco mais! Até já tenho ouvido que o turismo é tão maléfico que as entradas de estrangeiros deviam ser mais dificultadas.

Depois, a demasiada dispersão de responsabilidades que têm a ver com o turismo favorece essa falta de mentalidade. O turismo tem a ver com quase todas as actividades mas na maior parte delas aparece como factor secundário em que raramente se pensa. Planeia-se, executa-se sem se pensar no turismo, em actividades que têm fortes implicações com o turismo, sem que os responsáveis por este sejam ouvidos. Isso leva a que sejam tomadas medidas que o afectam gravemente como por exemplo, certas formalidades de fronteiras ou certas imposições fiscais ou parafiscais. Mas há outros problemas com incidências talvez mais graves. Até agora, que eu saiba, ainda se não fizeram campanhas publicitárias sistemáticas e cientificamente baseadas para promover o turismo português, interno ou externo. Apenas se têm realizado campanhas isoladas a nível regional. Ora essas campanhas são absolutamente inoperantes. Fizeram-se, por exemplo, campanhas na Escandinávia e no Benelux mas não tiveram continuidade e portanto não podem ter tido efeito significativo. A publicidade, para ser eficiente, implica a aplicação de sucessivas doses e que seja realizada com base em estudos de mercado prévia mente realizados, mas nada disso tem acontecido com a nossa publicidade turística.

O III Plano de Fomento prevê durante o período da sua vigência, um gosto em promoção turística de 480 mil contos por parte dos organismos oficiais. Ainda não foi tornada publica qualquer campanha, ou a preparação de qualquer campanha, a realizar com a extensão que aquela verba sugere e entretanto o nosso turismo vai estagnando, enquanto os países nossos concorrentes nos vão suplantando. E já não me parece possível gastar aqueles 480 mil contos em campanhas publicitárias eficientes por requererem estudos de mercado necessáriamente moroso e meios humanos que, creio, não estão disponiveis neste momento

Numa época de acções rápidas ainda se não aceitou quanto ao estabelecimento de uma regulamentação dos voos de fretamento. É cada vez maior o numero de turistas que escolhe este tipo de voos e nós teimamos em querer impor medidas que contrariam as tendências dos turistas. Em breve entrarão em funcionamento os grandes aviões supersónicos, que transportarão, num futuro próximo, cerca de 500 pessoas. Esses aviões hão-de permitir deslocar os turistas para zonas cada vez mais distantes a preços mais baixos e isso significa que veremos deslocar-se a procura para países que até agora não nos faziam concorrência, se não actuarmos rápidamente de modo a criar hábitos de viagem para o nosso País. E não será com politicas restricionistas que tal se conseguirá.

Muito mais haveria a dizer mas permita-se-me, por ultimo, referir o tipo de construções hoteleiras que se tem vindo a adoptar. É preciso acabar de vez com o mito do turismo de qualidade que não serve para os estrangeiros e muito menos para os nacionais. Não podemos adoptar politicas turísticas á margem dos nacionais.

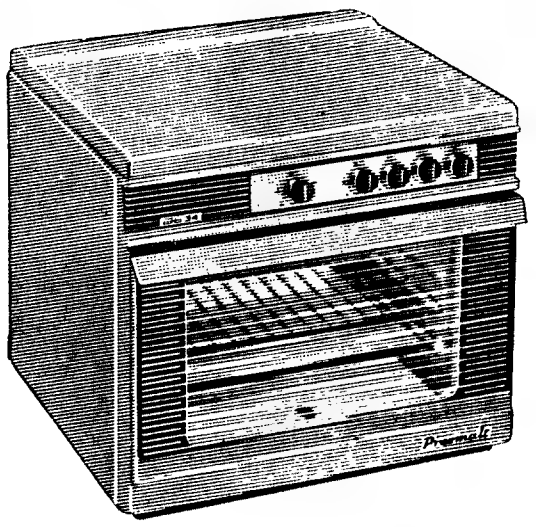
Entre nós, Portugal é considerado muito barato para os estrangeiros, mas o facto é que se consultarmos ofertas de férias por agências de viagem estrangeiras é normal encontrarmos Portugal entre os países que oferecem, para o mesmo numero de dias, programas mais caros. É claro que aí também entra em jogo o problema dos voos de fretamento mas não só. E o preço ainda é das poucas coisas que nos pode servir de arma para concorrer nos mercados internacionais e já não levamos vantagem.

troque o seu fogão "modesto" pelo NOVO

inox Presmalt

Minha Senhora:

A Presmalt acaba de lançar no mercado a última maravilha para cozinhas modernas:
Um fogão em aço inoxidável, com vidro na porta do forno, que é o primeiro do tipo a ser vendido em Portugal.
Mais ainda, a Presmalt valoriza, no acto da compra, o seu fogão antigo. Dirija-se hoje mesmo a um dos estabelecimentos nossos representantes.
Dê à sua cozinha um presente sensacional: Inox-Presmalt.



UMA BELEZA PARA OLHAR... E COZINHAR!

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.
Av. Duque de Loulé, 47 · LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS
PARA
EMPRESA INDUSTRIAL (ÁREA DE SACAVÉM)

Chefe de Serviço de Pessoal

- Com experiência profissional comprovada. Prática de desenvolvimento de relações humanas. Conhecimento das funções e da orgânica adequada a Serviços de Pessoal. Promoção e acompanhamento de acções de formação.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: Vencimento compatível com a experiência, os conhecimentos e as aptidões. Estabilidade de emprego Regalias sociais. Refeitório. Transporte privativo desde Lisboa. Gratificação de 2 meses, ao fim de 1 ano de serviço

Resposta para a NORMA indicando vencimento actal, «curriculum» escolar e profissional, e idade. Rigorosa confidencialidade.

Indicar referência: 122/CE 5.

Os direitos do escritor

FERNANDO ECHEVARRIA
JOSÉ AUGUSTO SEABRA

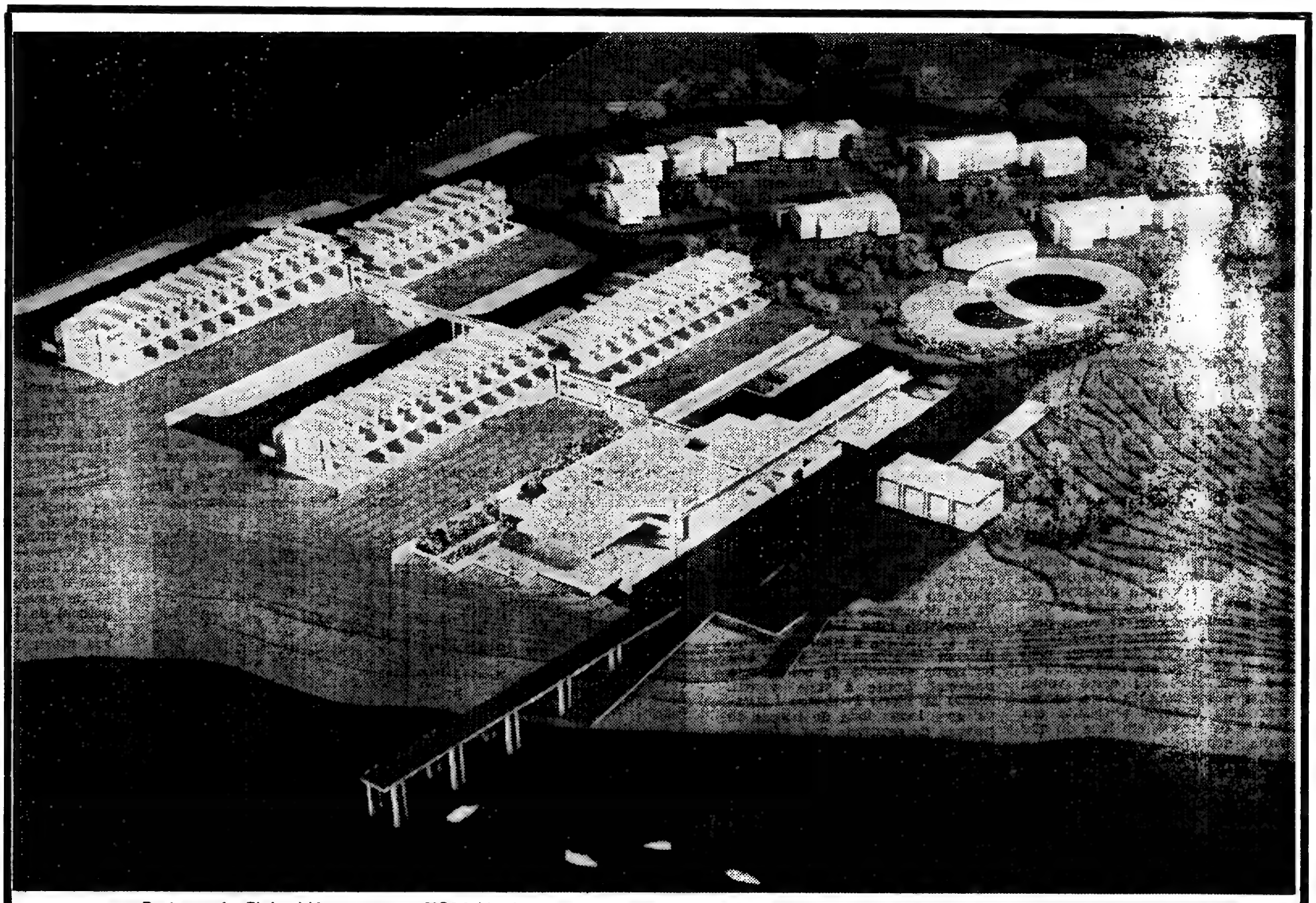
Quando se fala dos direitos do escritor, da liberdade do escritor, tem-se por vezes em vista a defesa de uma espécie de privilégio ou franquia de que, como todo o artista em geral, o escritor deveria gozar perante a sociedade, enquanto ser de excepção, se não à parte. Assim se sanciona, afinal, implicitamente, uma situação de marginalidade, para a qual se pede a mera tolerância dos poderes constituídos, da opinião pública e dos grupos sociais dominantes. É verdade que nem sequer esse luxo certas sociedades e regimes totalitários se permitem, por o considerarem já de si perigoso e suspeito, pelo contágio que poderia exercer sobre o conformismo e a submissão das maiorias amorfas, que precisamente se trata de manter domesticadas. Mas onde o reconhecimento de uma certa margem de liberdade é aceite pelas instituições organizadas, é esse um dos meios de neutralização dos riscos de uma contestação mais radical pelo escritor, agindo como fermento sobre a sociedade.

Ora, os direitos por que todo o escritor digno desse nome sempre lutou e que enquanto criador autêntico *apesar de tudo* sempre se outorgou, quaisquer que fossem as imposições a que tivesse de negar-se (pelo próprio silêncio nos casos-limite de impossibilidade absoluta de uma criação livre), decorrem não da reivindicação de um privilégio mas dos demais direitos fundamentais em igualdade com os outros homens, direitos que no seu caso assumem simplesmente formas específicas e necessárias. Específicas, porque consubstanciais ao acto mesmo de escrever, à natureza da criação literária. Necessárias, porque não se poderá conceber a possibilidade de criação quando haja coacção ou interferências alheias à obra enquanto tal, isto é, enquanto determinação livre do seu autor: necessidade e liberdade em literatura e arte confundem-se. Esta liberdade necessária estende-se de resto aos próprios leitores, dado que só através da fruição dos seus destinatários, pelo menos virtuais, se consuma e torna perfeita a existência de uma obra.

A partir daqui, para que uma discussão sobre os direitos do escritor tenha sentido e se torne fecunda, para além de todas as divergências inevitáveis que dizem já respeito às concepções filosóficas ou estéticas sobre que procure fundar-se a liberdade de criação, há pois que assentá-la num pressuposto liminar, numa sociedade normalmente constituída, o escritor deve usufruir dos mesmos direitos que os demais cidadãos: direitos individuais, direitos sociais, direitos cívicos. Nem mais, nem menos. Para o escritor, como para os outros intelectuais, deriva neste plano apenas uma obrigação e responsabilidade, que é a de defender tais direitos, sempre que estes sejam ou ameacem ser violados, constituindo assim como que uma consciência vigilante da sociedade.

O que nos interessa acima de tudo neste artigo é precisar exactamente, dentro das condições em que se encontram os escritores no nosso País e das circunstâncias transitórias que este atravessa de tacteamento de um diálogo aberto e públ[illegible]ários

(Continua na pág. 8)



Projecto do Clube Náutico que a TORRALTA esta a construir em St.ª Filomena-Alvor. Um conjunto de 4 grupos de apartamentos, com capacidade para 180 camas darão apoio às instalações do Clube que, além de salas de convívio e restaurante, dispõe de serviços de assistência e armazenagem de barco de recreio

ao acaso da rua

Sabe o que é uma cooperativa?

● Quando escasseou o bacalhau...

Neste inquérito breve, feito ao acaso dos encontros, ficamos com a ideia de que, toda a gente, ou quase toda a gente, num centro urbano como Lisboa, ouviu já falar de cooperativas. E que a maioria, com motivos mais ou menos claros, com razões mais ou menos lucidas, com graus mais ou menos elevados de esclarecimento, aceita a vantagem da sua existência. A concordancia de opiniões por nós registadas foi perfeitamente acidental. Digamos que apenas forçamos o acaso em duas circunstâncias: deslocando-nos á Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, a hora do almoço, em busca do depoimento de um associado, e procurando, no Montepio-Geral, um antigo e prestigioso cooperativista: o sr. Desidério Costa.

O restaurante da velha cooperativa da Calçada do Duque mantinha a animação dos velhos tempos em que a C. T. P. chegou a ser a maior cooperativa de consumo do País, aliando a essa actividade uma animada vida cultural.

O sócio que abordamos é o sr. António Pescada, de 31 anos, empregado de escritório numa editora de Lisboa.

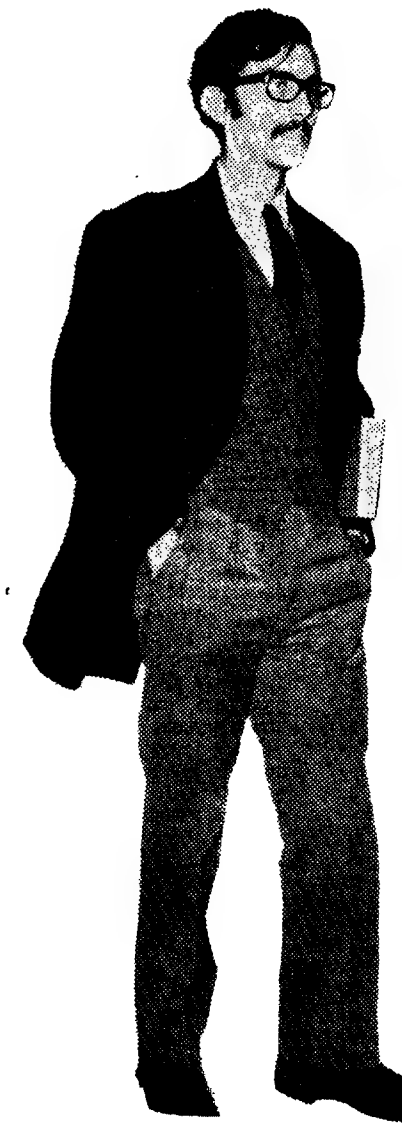
— Almoço quase todos os dias na Cooperativa porque fica perto do local onde trabalho. Além disso, como pertenço á direcção, vejo o que há para resolver.

A principal vantagem que o sr. António Pescada encontra na cooperativa de consumo é a eliminação do intermediário.

— Bem vê — explica — se as pessoas se agrupam numa cooperativa para comprarem directamente ao produtor, fazem-no em melhores condições do que indo junto do retalhista, porque não só compram mais barato como podem obter a melhor qualidade.

— Em sua opinião, que impede a generalização das cooperativas?

— Muitas coisas. A falta de esclarecimento das pessoas, por um lado. Dificuldades de subsistência das cooperativas, por outro. Não podemos esquecer que as cooperativas, integrando-se numa sociedade de consumo de tipo capitalista, sofrem uma concorrência feroz. A prosperidade das cooperativas implicaria uma igualdade de possibilidades, semelhantes ás que são concedidas aos grandes armazenistas. Ora acontece que essas facilidades são concedidas em função do capital das entidades e não do numero de pessoas que representa. Quer um exemplo? Quado escasseou o bacalhau o conjunto das cooperativas, associadas na U. N. I. C. O. O. P., tinha uma quota de bacalhau muito menor do que qualquer armazenista — o que não correspondia nem ás necessidades de consumo, nem ás possibilidades reais de distribuição.



FRENTE A FRENTE

Há u

JOÃO SÁ DA COSTA — A minha primeira intervenção é no sentido de fazer a pergunta relativa ao tema: «Você admite que haja problema de ger[illegible]ões?»

V. BARATA SALGUEIRO — Há um problema de gerações imbricado em problemas sociais, problemas políticos e problemas estruturais. O problema de gerações não é a questão primacial da nossa sociedade, mas é uma das suas grandes questões.

JOÃO SÁ DA COSTA — Eu diria que há, na medida em que se admitir uma diferenciação de experiências. Nessa medida, poderá haver divergências — mais graves ou menos graves conforme a organização da vida social. Só que não podem ser entendidas perfeitamente se as isolarmos de um conjunto mais vasto de problemas—de natureza política, económica, cultural, de matiz social, em suma.

VIRGÍLIO BARATA SALGUEIRO — Essa diferenciação de experiências conduz, de facto, a mentalidades diversas que se chocam. O que é ponto assente para mim é que, seja essa a explicação, seja outra qualquer, existe um choque de gerações — e não só no nosso País,

A GRÉCIA DOS CORONÉIS (2)

O rei, símbolo da resistên

ENRIQUE RUIZ GARCIA

O Governo de Caramanlis foi o Governo perfeito para os americanos da Doutrina Truman, porque nunca acontecia nada. A guerra fria era uma lousa que não deixava lugar ás complexidades. Mandava quem mandava. Mas no fimo, incerto e apagado pulso do povo, logo que a lousa da guerra fria começou a deixar de dividir o mundo em bons e maus, condenados de antemão aos seus respectivos infernos simplificados pelos dominadores, assomou a complexidade, isto é, a vida. As eleições de 1963 revelá-lo-iam: a União do Centro (os liberais de Papandreu e Venizelos mais os grupos da União Populista) obteve 140 deputados, contra os 99 de 1961. Mas Caramanlis só conseguiu 130. Por outras palavras, perdeu 47. Era uma revolução parlamentar que evidenciava a profunda crise que estava latente, desde o papel listrado de Churchill á Doutrina Truman, no soterrado corpo do povo. Até a esquerda-esquerda — a E. D. A. — obteve quarenta lugares. A maioria era insuficiente e depois da demissão de Caramanlis os votos obtidos por Papandreu para governar foram 167. Em suma, o voto de confiança contava com 27 votos pertencentes á extrema esquerda. O terrível fantasma da guerra civil brotou de novo em Papandreu e, por isso, rechaçou esses votos. Houve novas eleições para encontrar uma maioria adequada em 1964, e os gregos, em face do que tinha acontecido, escolheram o lado pragmático. Deram ao velho Papandreu 171 lugares e 107 a Caramanlis, e só 22 á E. D. A. Era o poder maioritário para a União do Centro.

O novo regime coincidiu com um novo monarca — Constantino II herdou o trono ao morrer Paulo I, em 1964 — e o novo monarca coincidiu com os velhos poderes. Falou-se de que existia uma conspiração entre os oficiais para derrubar a monarquia — o grupo «Aspida» — e as investigações dos fiéis descobriram entre os infiéis do «Aspida», um nome que colocava George Papandreu entre a espada e a parede: o de seu filho André, economista e professor residente nos Estados Unidos. O primeiro-ministro pede ao rei a destituição do ministro da Defesa e do chefe do Estado-Maior que, no fundo, actuam como uma cunha activa frente ao Governo democrático. O rei não assina o decreto. Papandreu apresenta a demissão.

Novas eleições? Aceita-se que se verifiquem a 28 de Maio de 1967. O país queria — pensava-se — proporcionar uma imensa maioria aos demitidos. Mas essas eleições não se realizaram nunca porque a 21 de Abril, entre a meia noite e a manhã, o Exército dos Coroneis desfere um golpe de força. Com matemática precisão ficam ocupados todos os pontos-chaves. Milhares de pessoas em trajos menores — dizia-se que iam lançar-se numa revolução, o que não deixa de ser humoristico — foram detidas. É o Plano Prometeu. Com efeito nos arquivos secretos da N. A. T. O., com uma cópia no Estado-Maior de Atenas, há um documento que diz: *Greece: Prometheus Plan*. Nele se assinalam as medidas a tomar em caso de um levantamento comunista ou numa situação de emergência nacional frente a uma guerra. Anexo ao Plano Prometeu figurava uma longa lista de nomes de pessoas da esquerda que intervieram na guerra civil. Centenas delas tinham-se alheado há muitos anos da politica ou estavam á margem de qualquer ideia de conspiração. Mas a lista, burocráticamente, funcionava.

— E André Papandreu?

Falo com um amigo jornalista (deram-me a sua direcção em Roma e encontrei-me com ele, no momento em que se prepara uma lei de Imprensa que tornará impossível o menor movimento, o menor protesto) da Praça Syntagma.

— André?

— Sim.

— Na tarde de 20 de Abril de 1967 André Papandreu tinha tido uma longa conversa com um socialista dinamarquês. Ceou com ele e concordaram em que alguns dirigentes da União do Centro passariam pela Dinamarca para ter um informação adequada da situação politica e económica. André tinha a obsessão de melhorar os niveis de informação entre os dirigentes do partido: a União do Centro.

Depois dessa reunião, foi para casa e ás duas e meia da manhã foi detido. A sua esposa, que é de nacionalidade americana, Margaret Papandreu, saiu do seu domicílio aterrada e dirigiu-se para Kasturi.

— Porquê?

— Queria ver o sogro, o ex-primeiro-ministro e explicar-lhe o que sucedia. Quando chegou a casa deste não se encontrou com ele. Já tinha sido detido.

Os tanques «Sherman» da N. A. T. O. e a Doutrina Truman ocupavam as ruas. Três homens conversavam já com o rei: o coronel Papadopoulos — agora primeiro-ministro —, o brigadeiro Patakos e o coronel Makarekos. Mais tarde, arquejante, chegaria o tenente-general Spandidakis

— E a C. I. A.?

— As eleições de 1967 eram, para todos, a crença numa vitória absoluta. Ninguém pensava em conspirar. O país compreendia muito bem que a crise da «Aspida» e todos os demais dilemas não passavam de pretextos com um unico objectivo: impedir que o Governo democrático fosse ás reformas radicais que estavam no ambiente. Entre elas, a mudança do comando dos sectores de maior importancia: o Exército e a Economia. Tudo isso sabiam-no os americanos. E André Pa[illegible] tinha referências exactas [illegible] os seus contactos com os dirigentes americanos era[illegible] to fortes. Você sabe que i[illegible] até activamente nas can[illegible] do Partido Democrata

— E...?

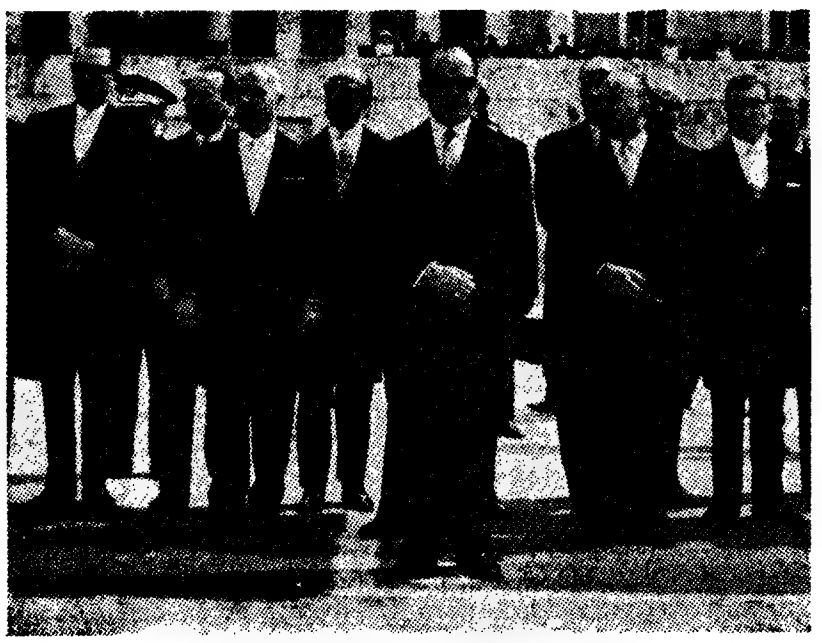
— O chefe da C. I. A. [illegible] nas visitou André. O seu Ah! Não é nenhum mistér[illegible] mava-se Loughlin Campb[illegible]

Pois bem, Campbell p[illegible] André Papandreu que se [illegible] eleições sob dois denomin[illegible] forças nacionalistas e an[illegible] nalistas. As primeiras for[illegible] uma frente.

— Para isolar a esquerd[illegible]

— Exacto. André negou-s[illegible] se a Campbell que nem [illegible] transmitiria a mensagem [illegible] pai porque a considerava [illegible] tável.

Pouco antes do golpe, o [illegible] da secção «Grécia» do D[illegible] mento de Estado — que a[illegible] mente tinha estado na Em[illegible] de Atenas — viajou para a[illegible] grega. Daniel Brewster fal[illegible] bem o grego e estava clas[illegible] já de antemão, com um [illegible] pessoal da União do Cent[illegible] André Papandreu, a que[illegible] sua maior juventude, com[illegible] sos morais, etc., considerav[illegible] mais perigoso que o pai, v[illegible] lítico, tigre de papel. Ao co[illegible] -se a chegada de Brewste[illegible] nas, tentou-se por todos o[illegible] que André o visse para exp[illegible] o seu ponto de vista. Mais[illegible] um membro importante da[illegible] xada fez a diligência: Norb[illegible] chuetz, encarregado de n[illegible] Não houve maneira: o dir[illegible] Departamento «Grécia» (S[illegible] partment's Middle East D[illegible] negou-se a vê-lo. A impre[illegible] que André Papandreu pod[illegible] zer algo de grave, nos p[illegible] momentos da con[illegible]ão d[illegible] de força, alarmou sua mul[illegible] fez uma série de diligênc[illegible] teis junto da Embaixada am[illegible] em Atenas. Amigos seus e



O Governo grego, tendo á frente Papadopoulos

...um problema de gerações?

DIÁLOGO ENTRE UM ESTUDANTE E UM ANTIGO PROFESSOR

...ncia

...é Papandreu ...actas porque ...om os grupos ...os eram mui... ...que interveio ...s campanhas ...ta

...I. A. em Ate... ...O seu nome? ...mistério. Cha... ...Campbell. ...bell propôs a ...ue se fizessem ...enominadores: ...e antinacio... ...as formariam

...squerda? ...egou-se e dis... ...nem sequer ...sagem a seu ...derava inacei...

...lpe, o director ... do Departa... ...que anterior... ...na Embaixada ...para a capital ...ter fala muito ...va classificado ...n um inimigo ...o Centro e de ...a quem, pela ...e, compromis... ...iderava muito ...pai, velho po... ...Ao conhecer... ...rewster a Ate... ...odos os meios ...ra explicar-lhe ...Mais ainda: ...nte da Embai... ...Norbert Ans... ...de negócios. ...o director do ...ia» (State De... ...East Division) ...impressão de ...u poderia fa... ...nos primeiros ...ão do golpe ...a mulher, que ...ligências inú... ...da americana ...seus em Was...

mas também em países de estrutura completamente diversa. Penso que este é um problema constante de todas as sociedades: o choque que há entre os jovens de hoje e a geração de seus pais já se deu entre esta e a dos seus avós. O problema pode é revestir várias formas, consoante o processo histórico do País: a níveis políticos, a níveis culturais, a níveis poéticos, a níveis de arte, etc. Há um problema de gerações e creio que até é bom que haja esse problema — desde que ele seja um factor dinamizador de uma sociedade, e não um factor que vá empenar os mecanismos sociais. Resta, contudo, fazer um apontamento. Os conflitos actuais entre gerações envolvem um numero muito maior de jovens que no pasado, talvez por isso hoje se fale com mais acuidade no conflito de gerações

J. S. DA COSTA — Esses conflitos têm tido sempre a sua actualidade. Talvez não seja despropositado relermos aqui um ou dois passos (que me parecem extremamente elucidativos) de uma carta que, em 1865, o então jovem Antero de Quental, estudante da Universidade de Coimbra, escreveu (a António Feliciano de Castilho, e na qual ripostou vivamente contra as considerações críticas que Castilho lhe dirigiu, a ele e outros jovens inovadores que constituiam a «Escola Coimbrã».

Ora vejamos aqui: «o que se ataca na Escola de Coimbra (talvez mesmo V. Ex.ª o ignore, porque há malévolos inocentes e inconscientes), o que se ataca não é uma opinião literária, menos provada, uma concepção poética mais atrevida, um estilo ou uma ideia. Isso é o pretexto, apenas. Mas a guerra faz-se á independência irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos *mestres*, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciência. A guerra faz-se ao escandalo inaudito de uma literatura desaforada que cuidou poder correr o mundo sem o selo e o visto da chancelaria dos grão-mestres oficiais.» Mais adiante, declara: «V. Ex.ª com a imparcialidade que todos lhe conhecemos, deve confessar que uma guerra assim feita é, não só mal feita, mas também pequena e miseràvelmente feita. Mas é que a Escola de Coimbra cometeu, efectivamente, alguma coisa pior do que um crime — cometeu uma grande falta: *quis inovar*. Ora, para as literaturas oficiais, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade, com a baba dos sofismas, do que envenenar com o erro as fontes do espírito publico, do que pensar mal, do que escrever péssimamente, pior do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de *dizer* e não de *repetir*, de *inventar* e não de *copiar*.»

Estes dois passos da carta de Antero manifestam claramente que, muitas vezes, o choque de mentalidades corresponde, de facto, a gerações bem diferenciadas. Contudo, não nos esqueçamos desta verdade simples e concreta: o embate entre os que perfilham uma atitude tradicionalista e os que advogam uma profunda renovação não é necessàriamente um problema de gerações.

V. B. S. — Focarei agora aspectos mais concretos da minha experiência pessoal como estudante e como filho. No Liceu, na Universidade e na Família constatei pontos de fractura evidentes entre as gerações. Mas, tem de ter-se em conta que as gerações não são de textura uniforme. São compostas de indivíduos com idades paralelas, mas com maneiras de encarar o mundo e de estar no mundo muito diferentes. É pois preciso ter o cuidado de não meter no mesmo saco os gregos e os troianos de cada geração. Seria uma injustiça evidente. No entanto, cada um possui um cliché, de quais são os ideais, os métodos, a maneira de pôr os problemas, mais divulgadas e mais aceites pelas pessoas que tiveram de viver em conjunto épocas determinadas. Mais ainda, conhece-se o que elas foram capazes e incapazes de realizar. Conhece-se também o que elas são actualmente — isto no que respeita aos mais velhos, pois em relação á juventude só conhecemos os projectos, visto que ainda não tivemos tempo de os concretizar.

J. S. da C. — Pelo meu lado, por estranho que pareça, recordo-me que só no meu quarto ano liceal encontrei um professor que estimulava os seus alunos a fazerem leituras suplementares. Mais tarde, foi ao frequentar o 7.º ano, que descobri um verdadeiro pedagogo: foi António Sérgio — que marcou variadas gerações no convite permanente á reflexão, á autonomia no pensar, á emancipação. Relativamente á experiência universitária — numa Faculdade de Letras —, a minha preparação cultural e a de muitos outros meus contemporaneos foi feita de costas voltadas para a Universidade. Raríssimos eram os professores interessados em conviver com os alunos; raríssimos os que incitavam á investigação.

Saltando um pouco — e lembrando-me da minha breve experiência como professor de liceu — devo confessar que onde obtive apoio foi nestes dois grupos, que situo assim: de um lado, os alunos (eu era um jovem professor, inexperiente, que nem sequer tinha feito o estágio, mas que neles encontrou um franco acolhimento, que permitia trabalho em comoum); de outro lado, três professores da velha guarda; na maior parte dos restantes alguns até com idade próxima á minha, só vi desinteresse pela actividade pedagógica.

V. B. S. — No meu caso a experiência é mais recente. Fiz o meu liceu em Castelo Branco. No tempo em que lá vivi era uma cidade preconceituosa, mesquinha, mergulhada num dogmatismo sufocante. O liceu reflectia a cidade como um espelho fiel. Tive sempre conflitos, sobretudo com os professores de moral. Eu queria uma explicação racional por parte deles. Eles exigiam-me uma aceitação de princípios. Nunca nos entendemos.

Há mesmo um caso curioso que ilustra bem um conflito de gerações. Foi no 5.º ano, numa turma mista, na qual as aulas da citada cadeira eram dadas por uma freira. Porque os rapazes lhe punham problemas e levantavam duvidas, ela queixou-se ao director de ciclo e ao conselho escolar. O director do ciclo admoestou-nos e ameaçou-nos com punições, dizendo que éramos irreverentes. Todos nos solidarizámos, sentindo a injustiça que nos estava a ser feita. Resistimos passivamente mas com determinação. A maioria era católica praticante, e contudo, todos sentimos que nos estavam a querer retirar o direito de nos esclarecermos e de equacionarmos os problemas. Foi a idade que nos uniu

Entre os professores que eu poderei citar como pessoas que nos ajudaram, apesar da diferença de gerações, recordo-me por exemplo de um professor de história, dr. Moniz, que nos introduziu uma visão mais crítica, menos cega da História, diferente da que nos dá o sr. Matoso.

J. S. da C. — Justamente a propósito de História, lembro-me de dois comentários que me foram feitos durante a minha breve função de professor. Um primeiro, foi este: há um director de ano que vai, por dever de ofício, assistir a uma aula minha de História. No final, fez-me este reparo: tinha apenas uma dúvida; não estaria eu, porventura, a exigir de mais dos alunos e a procurar que eles entendessem o processo histórico?

V. B. S. — Isso é significativo.

J. S. da C. — Mas há mais. Faço parte de um júri que está a examinar alunos do 5.º ano. Faço o meu primeiro interrogatório de História. E, quando acabo, o comentário do presidente do júri foi este: «Acho que faz perguntas de mais aos alunos, para saber a opinião deles, como é que eles encaram os vários aspectos das sociedades que se estudam». E dizia que, no tempo dele, o que se perguntava eram coisas taxativas, a que eles tinham de responder sem mais comentários.

V. B. S. — Na Universidade também tenho assistido a factos muito curiosos. Por exemplo, no ano passado, os alunos convidaram os professores para uma reunião em que se debatessem os problemas da Universidade e, sobretudo, um aspecto que, nesse momento, era um foco de tensão. Houve um professor que tomou, ou quis tomar, o convite que lhe foi feito, como uma tentativa de lhe pedir explicações. Recusou, e disse, que o dia que os alunos tiverem poder na Universidade ele já não tem nada que fazer lá e que se irá embora.

Este é um caso limite do espírito autoritário que está entranhado numa fracção relativamente ampla de uma geração. A minha geração repudia integralmente esse espírito, e é com naturalidade que pergunta: porque não hão-de os professores universitários de

(Continua na pág. seguinte)

...hington tentaram igualmente, junto dos funcionários e, sobretudo, junto dos conselheiros do presidente Johnson. Estes, alguns deles seus companheiros de Universidade — como Kaysen e Walter Rostow — não fizeram nada, pensando que o presidente Johnson faria o mesmo. Finalmente, contactou-se com Humphrey, que se negou a intervir em três ocasiões.

— Finalmente?

— Não. Depois conseguiu-se falar com o professor Kenneth Galbraith, ex-embaixador e antigo conselheiro de Kennedy. Galbraith disse que não sabia de que forma seria recebida a sua informação pelas suas críticas a Johnson, Mas comunicou com a Casa Branca e explicou a situação. E também as graves preocupações de comunidade académica ante o caso de André Papandreu.

O presidente Johnson ordenou, imediatamente — tomando uma atitude contrária á de Walter Rostow, que se havia escusado, dizendo que André era um «perigoso esquerdista» —, que o embaixador americano em Atenas, Talbot, se pusesse em contacto urgente com Margaret Papandreu e os seus quaro filhos para oferecer-lhes toda a espécie de ajuda. Que, em seguida, comunicasse a Constantino Kollias, que aparecia como chefe da Junta do golpe de Estado, *que a segurança de André Papandreu preocupava pessoalmente o presidente dos Estados Unidos e que deveria ser entendido que a sua pessoa devia ser considerada como se estivesse sob a protecção do Governo americano.*

Uma vez que o subsecretário de Estado, Katzenbach, fez saber estes factos ao embaixador Talbot, comunicou a Galbraith a decisão de Jonhson, advertindo que o faria saber á comunidade académica, que, naqueles momentos, sobretudo na Universidade em que trabalhava André Papandreu, tinha advertido o estulto Rostow de que a «comunidade» tornaria responsável da morte de André, caso ela ocorresse, o próprio presidente dos Estados Unidos. Deve dizer-se que Lyndon B. Johnson actuou com rapidez e energia sem que tivesse duvida alguma sobre a sua opinião e rechaçando as palavras do seu conselheiro e professor Walter Rostow sobre o *dangerous leftist* (perigoso esquerdista) chamado André Papandreu...

— E agora?

Um olhar quieto, ávido de futuro. Falamos de outras coisas. Digo-lhe que li em Roma um documento fotocopiado: o *Plano Poseidon*. Segundo esse documento, urge, a vigilância dos turistas que chegam á Grécia e que podem transportar armas ou ajuda aos inimigos do regime de 21 de Abril.

Poseidon é o Neptuno grego. As lendas dizem que, confrontado com Ateneia para o patronato da cidade, ofereceu o domínio do mar — tridente na mão — ou um primeiro cavalo aos atenienses. Estes, parece, preferiram a oliveira.

No Plano Poseidon fala-se, também, da eliminação de certos inimigos, até fora das fronteiras. O meu amigo ouviu falar disso, mas não sabe muito. É já noite e subimos lenta e saborosamente as empinadas ruas de Plaka, que nos conduzem a um bairro cheio de pequenos restaurantes, bares, cabarés e sorrisos. Soa, agora, atraenta a musica grega. Aqui está o turismo de Atenas. Levantando o olhar, vê-se o monte negro, a Acrópole. Os reflectores vão iluminando, por partes, a estrutura da formosura em pedra: o Parténon. Quando a luz ilumina outros monumentos, outras colunas, outras sombras, uma pergunta me sobressalta:

— O que se passa?

O meu amigo pega-me no braço suavemente. Pede um vinho quente da terra cretense e diz-me:

— Já vês, não se passa nada.

O seu olhar fundo, dramático e simples, comove-me. Em Plaka comprei um festão. Traz no meda-

(Continua na pág. 10)

Diálogo sobre o conflito de gerações

(Continuação da pág. central)

se justificar perante os seus alunos? Onde está a hediondez de tal ideia?

Para determinadas gerações, isto constitui um grande sacrilégio, uma irreverente profanação?

Aqui, como atrás tivemos ocasião de dizer, não é o conflito de gerações o problema fundamental. Antes o fosse.

J. S. da C. — Ainda há pouco tempo tive ocasião de verificar como trabalha um centro de investigação em Lisboa, dirigido por um professor da Universidade, centro esse que eu tive oportunidade de acompanhar por diversas razões. A minha primeira constatação é esta: deverá haver em Portugal muito poucos centros com responsabilidade de professores universitários a funcionar como este, que se preocupa desde a formação universitária dos alunos, como até vai ao ponto de os acompanhar através de cursos para pós-graduados. E ainda mais: quando alguém é convidado a trabalhar para esse centro, o seu trabalho de pesquisa é seguido muito de perto, quer ele seja desenvolvido em Portugal, quer seja no estrangeiro. Esta minha lembrança refere-se ao Centro de Estudos Geográficos. Pode até dizer-se que este centro se antecipou a uma autêntica reforma da Universidade, questão que ainda no passado mês de Outubro foi muito ventilada.

V. B. S. — Onde me parece mais evidente um problema de gerações é na família. Os pais tentam inculcar nos filhos os seus critérios, os seus valores e sobretudo, e isto é muito importante, os seus métodos de triunfar na vida. É para o triunfo individual que eles nos querem preparar. No entanto, nós sabemos já que o êxito pessoal só por si não é a garantia dum mundo melhor e pretendemos êxitos colectivos que na realidade mudem a face da terra. É preferível ocupar um ponto mais baixo duma sociedade justa, a ser um grande senhor numa sociedade plena de iniquidades.

J. S. da C. — Esse problema de relações de pais e filhos é um velho problema. É um problema que, de certo modo, é espelho de uma sociedade, é reflexo de uma concepção educacional.

O papel do pedagogo — e eu direi que os pais devem ser pedagogos — é, cada vez mais, tornar-se inútil. Vai-se apagando á medida que o educando adquire a sua autonomia. O pedagogo é como se fosse um professor de natação que dará as suas noções antes dos alunos se lançarem á água. Depois disso o professor e alunos lançam-se à água, e é no exercício que o próprio aluno adquire a possibilidade de amanhã ser nadador.

Esta concepção pode alargar-se à escola. Pela minha experiência de participação em reuniões de pais fiquei com a convicção de que actualmente existe uma concepção educacional bastante diferente da que existia no meu tempo de estudante. E não devemos esquecer, claro, o desenvolvimento recente dos estudos de pedagogia. Evidentemente que isto não basta. Neste campo deveria intervir uma outra estrutura social, nomeadamente apoios do Estado á educação dos filhos. Apoios que deviam começar com as creches, com a cobertura escolar do País e com o apoio económico aos próprios estudantes. E porque não a gratuitidade do ensino? Resta saber como poderá a nossa sociedade suportar uma medida deste género. E isto, claro, leva-nos a colocar o problema num contexto mais amplo.

V. B. S. — Concordo absolutamente com uma maior participação do Estado no financiamento do campo educacional. Para finalizar, queria fazer uma síntese breve da minha posição:

1.º — Há um conflito de gerações. No entanto esse problema não é o problema principal da sociedade portuguesa.

2.º — A existência desse conflito é um factor positivo, um índice de vitalidade.

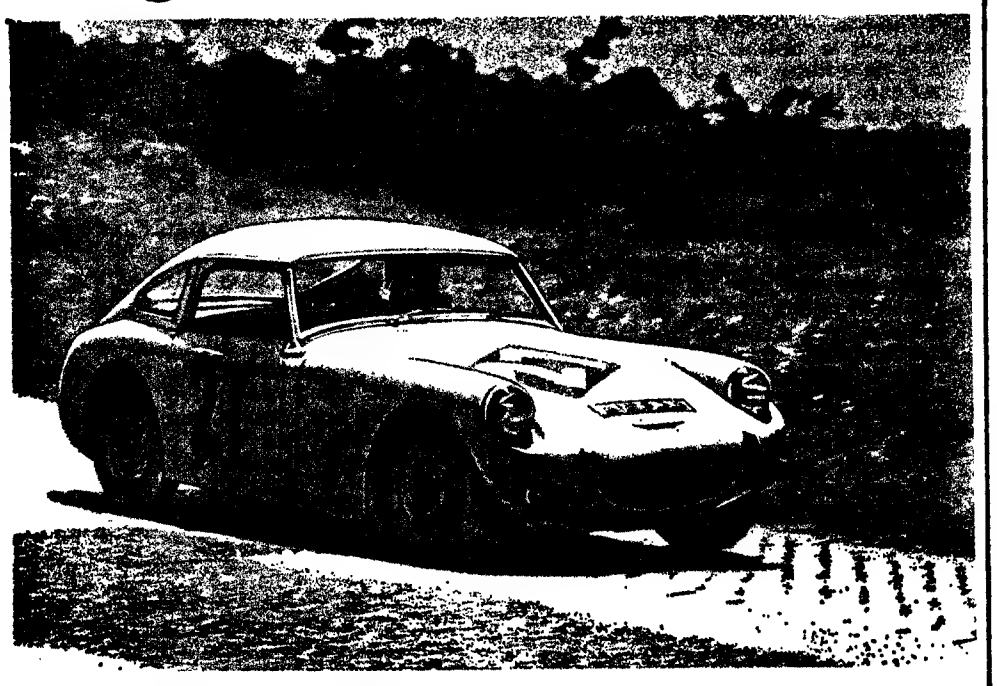
3.º — Cabe á sociedade encontrar uma fórmula que dinamize o conflito por forma a torná-lo uma fonte de progreso.

4.º — Penso que para que o ponto 3 se possa realizar tem de haver alterações nas estruturas-base da sociedade e também revisão profunda da mentalidade das pessoas, ou seja, uma alteranas superstruturas.

J. S. da C. — Por assim terei de concluir, das suas intervenções, que os jovens estão muito mais interessados em vincar um conflito de gerações. E eu acho isso muito positivo.

KONI

O temperamento de um triunfador



o amortecedor mais barato por Km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 01 56

Os direitos do escritor

(Continuação da pág. 5)

níveis das questões nacionais, quais os direitos mínimos que nos parecem imprescindíveis para uma dignificação da criação literária.

Acontece que à luta por uma autonomia e liberdade do escritor, traduzida numa justa exigência dos direitos consequentes, vinha confundir-se uma interferência de objectivos ideológicos, tendendo à instrumentalização por parte de sectores para quem a literatura era apenas uma actividade mediata, e não um fim em si mesma, de todas as reivindicações feitas em nome dos escritores. Perante isso, os escritores autênticamente preocupados com a liberdade de criação, ou se viam, por uma solidariedade puramente negativa, forçados a definir-se em função de critérios extrínsecos à sua actividade literária, sem que com isso os problemas de cidadania num plano mais global ganhassem algo de positivo, ou eram relegados para a situação de marginalidade ou isolamento a que nos referíamos, quando muito beneficiando de uma tolerância condescendente de uns e outros dos que se agitavam no palco e nos bastidores da cena «cultural» ou «intelectual». (Felizmente, os exemplos de direitura e mesmo de altivez intransigente também existem — alguns só tarde e a más horas reconhecidos, outros ainda no ostracismo do silêncio organizado)

Na plano prático, quer dizer, no que aos escritores como escritores importava verdadeiramente, ficou-se quase sempre pela invocação de princípios sem dúvida válidos mais diluídos numa abstracção sem relevância ou impacto sobre a realidade circundante e pela denúncia de um *statu quo* que o simples exorcismo não chegava para modificar. Deste modo, apenas aqui e ali, e sem continuidade nem rigor de análise e de propostas (a boa consciência de uma razão teórica servia muitas vezes de alibi a uma falta de ideias e de imaginação), se abordavam efectivamente e aprofundadamente problemas capitais como os dos direitos de autor, que estão no centro de uma valorização do trabalho do escritor, bem como outros aspectos importantes relativos às condições de independência da criação literária. Desses aspectos se deveria ter predominantemente preocupado uma sociedade de escritores tal como a que há anos existiu. E se as vicissitudes conduziram, em momento crítico, à extinção do órgão penosamente criado, a função, para se tornar viva, terá de segregar órgão mais adequado. É tempo de recomeçar pelo princípio, de reconstruir pela base.

A base só poderá, na verdade, ser constituída pela exigência dos direitos mais elementares do escritor, que a instauração de uma ordem jurídica e de uma sociedade civil normais, bem como a própria existência da nação como entidade culturalmente viva, aberta à universalidade do mundo contemporâneo, não poderá deixar de implicar, se efectivamente se deseja um renovo e diríamos mesmo uma renascença no nosso País.

Muito simplesmente, enumeraremos alguns desses direitos básicos, sem a pretensão de sermos exaustivos nem limitativos:

Aplicação efectiva das garantias constitucionais da liberdade de expressão, sob todas as suas formas;

Elaboração cuidada, e após consulta dos escritores e debate público, de um verdadeiro código dos direitos de autor, com a especificação de todas as garantias relativas à propriedade literária, incluindo os direitos dos tradutores e a defesa da titularidade do autor sobre todo e qualquer tipo de reprodução ou adaptação, o que implica a adesão às convenções internacionais respectivas;

Liberdade de constituição de associações de escritores, em regime de autonomia em relação a quaisquer organizações políticas, religiosas ou outras, destinadas a defender os seus direitos sindicais, a liberdade de criação e de publicação, bem como todos os demais direitos do escritor;

Direito à informação total e objectiva, no exercício pelo escritor da sua actividade literária;

Direito à comunicação com o leitor e com o público em geral, através de todos os órgãos de informação (Imprensa, Rádio e Televisão);

Direito a uma remuneração justa do seu trabalho, em função exclusivamente do seu valor literário, permitindo ao escritor tanto quanto possível viver do que escreve;

Direito dos escritores a poderem, mesmo sem qualquer diploma, professar cursos e conferências de literatura nas Universidades e demais estabelecimentos de ensino;

Direito a viver no seu País e a viajar livremente ao estrangeiro, de participar em reuniões, congressos e colóquios internacionais, bem como de fazer parte de organizações internacionais de escritores.

São estes alguns elementos para um debate sobre os direitos dos escritores, que deve ser aberto entre estes, a opinião pública e todos os sectores e órgãos da comunidade social e nacional. Aos escritores cabe iniciá-lo e incentivá-lo; à opinião pública prolongá-lo e repercuti-lo; aos órgãos competentes permiti-lo e garanti-lo livremente; a todos os cidadãos enfim participar activamente e criticamente nele. Só assim autor, leitores e intermediários entre uns e outros, assumindo os seus direitos e deveres, assumem as suas responsabilidades. Porque todos existem, afinal, para a obra literária como criação, que acima de tudo deve ser respeitada enquanto objecto do espírito humano.

O escritor, a literatura, são o sal de um povo. Desde que sejam livres. Como diz com uma dignidade exemplar um grande romancista, Soljenitsine, perseguido e proscrito no seu país, «uma literatura que não é o ar da sociedade que lhe é contemporânea, que não ousa comunicar à sociedade os seus próprios sofrimentos e as suas próprias aspirações, que não é capaz de se aperceber a tempo dos perigos sociais e morais que a tocam de perto, não merece o nome de literatura: quando muito ela pode aspirar ao de cosmetologia».

FERNANDO ECHEVARRIA
e
JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Síntese do livro de Joel Serrão «Do Sebastianismo ao socialismo em Portugal»

Nesta pequena nota tentaremos apenas informar os leitores da tese mestra do ensaio de Joel Serrão.

Joel Serrão estuda o sebastianismo como *fenómeno* (não como *facto:* atitude psíquica definida pelo espaço, Portugal, e pelo tempo, 1580-1640) abordando o tema da generalidade da sua continuidade — D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II, D. João V, também foram *O Encoberto*, e houve uma ressurgência do sebastianismo no séc. XIX com as invasões francesas.

O estudo do sebastianismo como fenómeno já tinha sido empreendido por Oliveira Martins, Sampaio Bruno, Lúcio de Azevedo, António Sérgio, e é na linha destes que se coloca Joel Serrão. Para ele, o sebastianismo tem por suporte humano o «povo miúdo». «E não será possível apreender esse rumor surdo da miséria do povo português nos motins sebastianistas e nas «alterações» do séc. XVII? Não será o sebastianismo ao fim e ao cabo uma das formas desse protesto surdo e impotente, como vamos insinuando?» (pág. 25).

Protesto que se veste da ideologia que há: «Mediante o único ensino que lhes era ministrado — o religioso —, as massas populares, ao nível que a sua mentalidade permitia, compartilhavam, naturalmente, com o clero, das esperanças e temores transcendentes que davam sentido à vida de então». (pág. 27). Daí o sebastianismo ter tomado a forma religiosa do messianismo.

Joel Serrão periodiza o fenómeno com base na estrutura económico-social portuguesa que se mantém da segunda metade do séc. XVI aos princípios do XIX. «Em declínio no séc. XVIII o sebastianismo perece de todo quando, nos princípios do séc. XIX, perdido o domínio do comércio brasileiro, a estrutura portuguesa do «antigo regime» entra em crise, se não em fase de viragem. As condições que permitiam a experiência liberal varreram de todo a crença popular sebastianista. Por si, a verificação de tal paralelismo bastaria, ao que parece, para considerar finda a história do mito. Assim pensou João Lúcio de Azevedo, detendo aí a sua investigação; assim cremia Oliveira Martins ao averbar: «A consequência mais profunda da revolução liberal foi a ruptura de tradição, o acabamento definitivo do sebastianismo: exprimindo por esta palavra simbólica todo o corpo de ideias, ambições e costumes históricos». E está certa (pág. 32).

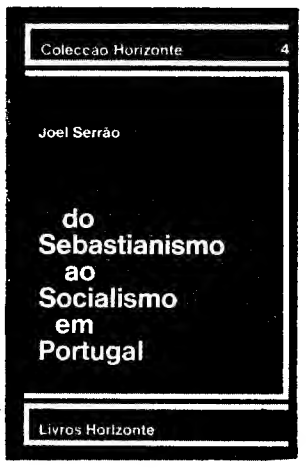
Desaparecido como fenómeno social nacional, o sebastianismo sobrevive na Literatura (Garrett, Nobre, Junqueiro, Pascoaes, Pessoa...), Joel Serrão sugere-nos uma explicação: «E perguntamo-nos pois, se o tratamento literário do tema sebastianismo não visaria, sobretudo, a alcançar por aí o virtual leitor popular ou de fresca cepa popular, numa tentativa, que principiava a ser desesperada, de chegar até junto dele». Tratar-se-ia pois de um modo do escritor com pouco público, dado o nível cultural do país, conseguir um maior número de leitores.

Mas a que vem o «socialismo» do título do ensaio *Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal*? É que o socialismo aparece em Portugal no séc. XIX com alguma coisa de sebastianista: «incrustado nesse processo de base o socialismo é uma diacromia, volitada para um futuro de *contornos indecisos*, que se é obrigado a imaginar longínquo ante a espessura e a resistência do presente» (pág. 97, sublinhado nosso). E isto porque o socialismo era «prematuro», «para ser executado naquela época» (pág. 98, citação de António Sérgio em que Joel Serrão se abona). «Claramente: as energias das classes proletárias canalizar-se-ão, ao lado da burguesia insatisfeita, para a extinção da monarquia. «Desde 1898-99» até à proclamação da República em Portugal, o movimento operário e socialista», reconhece-o César Nogueira, «ficou completamente reduzido à mínima expressão. Quase todo operariado debandou para o campo republicano» (pág. 105). A República era então a política do possível, isto é, o esgotamento das virtualidades do liberalismo impedido pelo resignar monárquico

Para Joel Serrão «não há diferenças essenciais entre os vários momentos ou tendências da história do nosso liberalismo, quer eles sejam o vintismo, o cartismo, o setembrismo, ou o republicanismo» (pág. 50) tese que supomos nova e por certo os historiadores portugueses irão discutir.

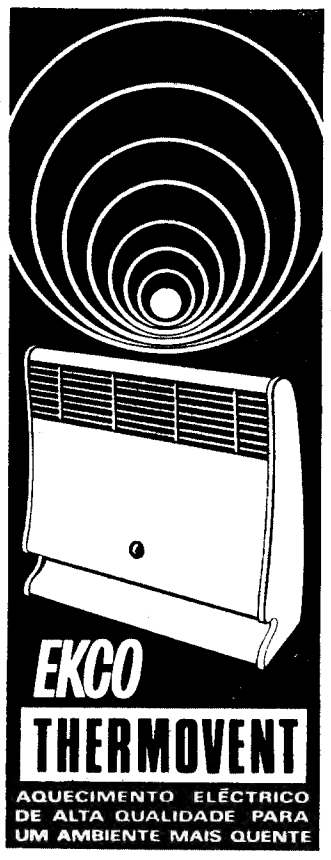
Joel Serrão explica o fracasso do socialismo novecentista em Portugal por uma condição de impossibilidade: «como caminhar para o socialismo num país de estrutura fundamentalmente agrária, com uma indústria incipiente e de pequenos vôos, com um operariado quantitativa e qualitativamente insignificante?» (pág. 100). Haverá quem objecte a Joel Serrão que se se põe o capitalismo e o operariado desenvolvido como condição necessária do triunfo do socialismo na recta inexplicável a Revolução de 1917 (ainda que na Rússia nessa altura o operariado fosse qualitativamente significante) e as Revoluções Chinesa e Cubana, ou então lògicamente se considerará que estas resoluções não foram socialistas, o argumento do «sub-desenvolvimento» não nos parece que chegue para explicar o fracasso do socialismo novecentista português. Mas este é um pormenor que não afecta o grande interesse do estudo de Joel Serrão.

Leitor: Esta nota é uma redução das teses de *O Sebastianismo e o Socialismo em Portugal* ao resumo da sua tese mestra. A riqueza da obra só se fruirá lendo-a. Neste ensaio de Joel Serrão há muitas teses - mediações, secundárias portanto relativamente ao escopo do estudo, mas em si tão importantes como a tese central. Por exemplo: o esboço de explicação do êxito do anarquismo e do anarco - sindicalismo em Portugal no séc. XIX.



«Assim, salta à vista a similitude funcional da génese e evolução do socialismo quer em Espanha quer em Portugal, aspiração de minorias de intelectuais que não logrou perturbar de modo apreensível a desenvolução tardia e lenta da industrialização. Por seu turno, a correspondente proletarização, nos fins do século passado e primeiros decénios do actual, desembocou não no reforço do socialismo clássico, e sim no engrossamento das fileiras do anarquismo e do anarco-sindicalismo, que alcançaram vulto apreciável no contexto peninsular.

Estamos em crer que a explicação desta originalidade regional, aliás comum à história social coeva da Itália e da Rússia, não residirá, como se tem sugerido, em mirificas características étnicas, mas em contextos económicos, sociais e mentais afins. Será por acaso que a aspiração socializante adquiriu similares características anarquizantes apenas em sociedades debilmente industrializadas, mas impregnadas, não obstante, da «liberdade» burguesa? Dir-se-ia? Dir-se-ia, naquilo que expressamente respeita à Península Ibérica, que o operariado como tal constituiu ali uma força marginal, incapaz de criar e impor valores próprios, vendo-se, assim, compelido a assumir, revolucionária e paroxisticamente, a aspiração maior da sociedade burguesa — a liberdade —, erguida em ímpetos libertários contra a «liberdade» mais ou menos institucionalizada.»



Duas opiniões sobre anarquismo

A TRADIÇÃO ANARQUISTA EM ESPANHA

Daniel Guérin
in «L'Anarchisme»
pág 137

«Assim, a lição da Revolução russa foi aproveitada oportunamente pelos anarquistas espanhóis e contribuiu para estimulá-los na preparação de uma revolução antinómica. A degenerescência do comunismo «autoritário» reforçou a sua vontade de fazer triunfar um comunismo libertário. Cruelmente desiludidos pela miragem soviética, viram no anarquismo, como escreveu mais tarde Santillan, «a ultima esperança de renovação neste sombrio período».

A revolução libertária estava mais ou menos preparada na consciência das massas populares, assim como no pensamento dos teóricos libertários. O anarco-sindicalismo era, como observa José Peirats, «pela sua psicologia, seu temperamento e suas reacções, o sector mais espanhol de toda a Espanha». Ele era o duplo produto de um desenvolvimento combinado. Correspondia simultaneamente ao estado atrasado de um país retardatário, cujas condições de vida rural tinham permanecido arcaicas, e ao desenvolvimento, em certas regiões, de um proletariado moderno produzido pela industrialização. A originalidade do anarquismo espanhol residia numa mistura singular de sentimentos do passado e de futurismo. Entre as duas tendências a simbiose estava longe de ser perfeita.

O ANARQUISMO ESPANHOL

Pierre Vilar
in «Histoire de l'Espagne
págs. 75 e 76

Mais do que o anarquismo dos anos 90 (que é internacional) é esta persistência contemporanea do movimento que é importante. Explicá-la pelo «temperamento» é uma solução fácil. Por que motivo a Espanha de Cisneros e do Tribunal das Águas, a Catalunha ponderada e cooperatista seriam «especificamente» consideradas entre as formas individualistas de subversão? Seria melhor (embora seja menos simples) analisar o anarquismo espanhol relativamente á estrutura e á história dos meios onde cresceu:

1) Os laços do movimento operário com o problema agrário; os jornais anarquistas chamaram-se *Tierra, Tierra y Libertad*; a insurreição popular andaluza contra os árabes pesou na visão espanhola da revolução;

2) A dispersão orgânica das indústrias catalãs: patrão e operário permaneceram em posições próximas; a luta manteve ali um carácter individual;

3) A miséria das grandes cidades: miséria simultâneamente «operária» e de imigrados, de desempregados, de pequenas empresas de bairros sórdidos («quinto distrito» de Barcelona); o facto «fábrica» perde aí a sua importância, mas existe uma sensibilidade viva nas massas urbanas, bem como agitação, com facilidade de provocações;

4) As relações entre os operários e a política: as relações do século XIX desiludiram-nos sempre; isso explica o seu «apoliticismo»; mas, ao mesmo tempo, contra um autoritarismo policial constantes radicaram a paixão da liberdade, o ódio do Estado; o liberalismo revestiu-se para eles de um prestígio secreto; daí este movimento pendular das eleições espanholas: após um período de «esquerda», os anarquistas, desiludidos, diziam «não voteis»; a sua abstenção permitia uma vitória da direita; após a dominação das direitas, o operário, revoltado, renunciava ao abstencionismo; mas não tinha candidato próprio; a «esquerda» triunfava sem o representar;

5) A tradição revolucionária: Diaz del Moral evidenciou a missão essencial da tradição nas revoltas andaluzes; o anarquismo de Barcelona teve também os seus grandes antepassados, as suas tradições, os seus mártires, socialismo e comunismo tiveram durante muito tempo contra eles tudo aquilo que um tal passado representava de ressonâncias sentimentais;

6) Finalmente a marca ideológica: quando Anselmo Lorenzo, patriarca do anarquismo espanhol, visitou Marx, em Londres, em 1870, reagiu como um autodidacta

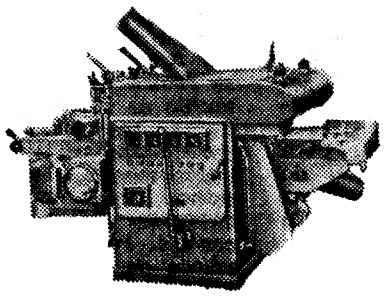
(Cont. na pág. seguinte)

Apoio controlado

Com títulos sensacionais, «L'Unità» publica uma carta atribuída ao senador americano Stuart Symington, que foi ministro da Aviação americana de 1947 a 1950, e dirigida a um amigo no seu regresso de uma viagem á Grécia, em Fevereiro passado. Esta carta foi, segundo o jornal, interceptada pela Resistência grega.

Diz a carta: «Creio que é de interesse para este país dar um apoio cuidadosamente controlado ao actual Governo grego. No passado, as coisas não iam bem, e receio que sofram fàcilmente uma posterior deterioração. Como sabes, o grande porto do Mediterrâneo Ocidental de Mers el Kibir, na Argélia, está agora aberto aos soviéticos que utilizam também Port Said e Alexandria, no Mediterrâneo oriental. O Líbano, por outro lado, repele a nossa Esquadra desde a Primavera de 1967. Durante as duas últimas visitas da nossa Esquadra á Turquia, registaram-se graves perturbações antiamericanas. As coisas estão a tornar-se cada vez mais complicadas, e pelo caminho que tomam, com excepção da Grécia, parece que poucos portos restarão no Mediterrâneo que possam ser visitados pelos nossos navios sem criar dificuldades. Creio, pois, que é mais um motivo para procurar manter a estabilidade neste país».

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA

PLAINA DE 4 FACES
Mod. P4E

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

SYLVANIA
TV DE ALTA CLASSE
A PRESTIGIOSA MARCA AMERICANA
à venda nas boas casas da especialidade
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
departamento electrodoméstico
Rua dos Douradores 43 - Telef. 361763 - Lisboa

SENSACIONAL
DISCOS DESDE 7$50
LIQUIDAÇÃO TOTAL
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO, 11 LISBOA

Os programas espaciais

(Continuação da pág. 1)

paciais, razões por demasiado óbvias. Sem dispor de números concretos é bem possível que a redução a metade dos orçamentos bélicos (sempre ou quase sempre elevada percentagem dos orçamentos dos países) permitisse desenrolar tal programa planetário conjunto de que a Terra tanto precisa e de que os problemas aflitivos do Terceiro Mundo são exemplo trágico. Deixemos, porém, isto, em que tocamos um lado sombrio da Humanidade que esperamos vá melhorando com o tempo pela acção progressiva das ideias humanistas.

O impacto dos programas espaciais pode avaliar-se ao nível da Ciência fundamental e ao dos progressos da Tecnologia: assim veremos quanto se poderá derramar na vida moderna, tentando colmatar as deficiências de hoje. Falemos correntiamente de uns e de outros.

É trivial pensar logo nos progressos da Meteorologia, pela instalação dos satélites meteorológicos, com a detecção suficientemente precoce de grandes tempestades, permitindo o afastamento das populações das zonas atingidas e, talvez, no futuro o seu desvio para zonas onde possam evoluir sem perigo. Porém, a instalação de satélites pode, outrossim, permitir o aperfeiçoamento das técnicas de pesca e cultivo, com localização das melhores zonas de pesca, a detecção de doenças e pragas, etc., permitindo deste modo a melhoria do grave problema da alimentação humana.

Outro ponto onde há largos progressos é no domínio da electrónica, suporte necessário das novas técnicas de comunicações, do aperfeiçoamento dos transportes, das novas ciências de decisão pelo apoio dos computadores mais evoluídos. Todos sabem quão importante tudo isto é, no exercício da vida moderna.

Novos conhecimentos da medicina humana e da biologia experimental são também dados e, ainda, produto dos voos espaciais, tripulados ou não.

Finalmente, neste rápido esquisso, há a considerar os progressos das ciências da Terra e do Espaço, da Astronomia à moderna Geologia, de índole geofísica.

Será tudo isto, tão brevemente esquematizado, pouco para o progresso humano? Parece que não. A aventura humana no espaço, pelas suas consequências utilitárias, além do valor em si, parece pois justificada, legitimando-se pois a emoção que causa.

Uma última questão interessa talvez levantar... com nostalgia. País de descobridores que há 4 ou 5 séculos nos lançámos na aventura das Descobertas em bem piores condições de conhecimento do mundo a descobrir, como poderemos nós contribuir ao permanente recomeçar da aventura humana, para não nos perguntarmos — ao ver a nossa história trágico-cultural — como temos colaborado, desde as Descobertas, na abertura de novos rumos à Humanidade. Mas não retomemos o tema amargo da célebre conferência de Antero.

É evidente que, país pequeno, não podemos sustentar de modo algum um programa espacial, hoje apenas possível aos gigantes. Sonhá-lo é ridículo nacionalismo. Mas de que modo nos poderemos integrar num programa europeu, dessa Europa de que fazemos parte fisicamente e de que nos precisamos de aproximar globalmente.

Dr. Tiago de Oliveira
Professor de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Uma rápida perspectiva do que entre nós se faz no domínio da Ciência fundamental ou aplicada mostra que as nossas possibilidades de colaborar são bem pequenas, com poucos grupos de trabalho eficiente, instalados em torno de uma ou outra pessoa que se não deixaram esmorecer pelas dificuldades ambientes.

Há, pois, que rever eficiente e urgentemente as nossas estruturas de pesquisa, de modo a que «nada do que é humano nos seja estranho» para que na aventura do espaço, como noutras aventuras que o Homem corre gostosamente, abrindo o futuro, não sejamos meros espectadores debruçados mas sim interventores activos, eficazes, inteligentes

Duas opiniões sobre anarquismo

(Cont. da pág. anterior)

surpreendido e intimidado; mais do que á ciência «burguesa» de Marx, ele preferiu então manifestar confiança no instinto do movimento operário, nas doutrinas sentimentais ou de pura paixão. Ora Lorenzo organizou, com a ajuda de Francisco Ferrer, uma verdadeira obra de educação e tanto mais influente na medida em que a escola oficial abandonava ao analfabetismo um grande numero de jovens. A «Escola moderna», as brochuras a preço acessível, e os «ateneus populares» marcaram gerações. Esta cultura considerava-se como mais larga (mais «enciclopédica») que a cultura marxista, mas deixava os militantes mais desarmados perante os problemas reais. O anarquismo encontrou finalmente as velhas características espanholas: fidelidade ás pessoas, exaltação do acto individual e, em particular, esta necessidade de libertação, mais apaixonada que intelectual, perante a pressão ancestral da religião. Neste aspecto trata-se apenas do caso particular de um outro problema, que jamais cessou de perturbar o século: o problema espiritual.

A Grécia dos coronéis

(Continuação da pág. central)

lhão a cabeça de Dionisio ou Baco.

um pequeno cacho de uvas. Recordo a minha visita a Knosos, em Creta. Estávamos, numa ladeira, olhando as pedras do primeiro teatro que houve no Mundo Ocidental. Está perfeito, assombrosamente conservado. Dele saía, também, dois mil anos antes de Cristo, a primeira avenida perfeitamente empedrada que ia até á casa do príncipe. De repente chegou, em procissão alegre, um grande grupo de italianos. Uma senhora recitava-lhes os já sabidos e gastos ditos de ocasião, explicando-lhes o que tinham ante si. De súbito, parou e disse:

Vejam á esquerda. Naquela casa as uvas para secá-las ao sol. São as nossas famosas passas de uva.

Com efeito, a uns cem metros do primeiro teatro do Ocidente — diz-se que Creta era uma cultura socialista em que os grãos e alimentos se guardavam em grandes armazéns e o Estado repartia-os e distribuía-os para que ninguém passasse necessidades nos maus momentos — camponeses, envoltos pelo sol abrasador, estendiam as uvas de Baco. Aqueles camponeses, aqueles homens, aquele silêncio e essa levantada e grosseira aristocracia mercantil chamada Onassis dizendo que tudo vai bem.

— E o rei?

— O rei é outra alternativa. A sua responsabilidade inicial é indubitável. Mas depois da sua viagem aos Estados Unidos, entendeu que ainda existia outra probabilidade: representar uma possibilidade intermédia entre o golpe de 21 de Abril e a vitória eleitoral de 28 de Maio.

Estaline, Roosevelt e Churchill — a hora da grande partilha

Estando na Grécia os «complots», e até as bombas instaladas no Pireu, dizia-se que eram obra de «conspiradores realistas». A oposição, no interior e no exterior, apega-se a essa realidade dramática: ter que aceitar o rei como vínculo democrático da resistência Nunca o sonhara o rei. Os sonhos são sonhos e realidade onírica. O certo é que, desde há tempos, após a perseguição, a repressão, e os cárceres flutuantes nas ilhas da formosura, mal pode dizer-se que as bombas são só da esquerda. Agora as autoridades de Atenas tornam responsável o monarca, enquanto o ministro dos Negócios Estrangeiros o visita em segredo para convencê-lo de que é necessário o regresso e a condenação da violência. Claro, da outra violência.

— E o rei?

— O rei disse não, porque sabe que, a longo prazo, a sua alternativa será nacional. Pelo menos, provisóriamente.

De certo modo é o papel listrado de Winston Churchill. Assim, lentamente, descemos das alturas de Plaka. O reflector da Partenon, como uma estrela prateada, anuncia a vitória da beleza sobre a noite. No hotel releio o livro de Leslie Lipson «The Democratic Civilization»: «*A palavra democracia, nos tempos modernos, contém muitas coisas, mas nasceu na Grécia, e a palavra democracia é grega*».

ENRIQUE RUIZ GARCIA

AS CONTAS PÚBLICAS

A Conta Geral do Estado de 1968

Os jornais enchem páginas com documentos oficiais Mas as pessoas saltam-lhe com os olhos por cima á procura do «caso». Mesmo as que fazem o esforço, perdem-se, muita vez nos preambulos, nas introduções, embrulham-se muita vez nos comentários, nos quadros num emaranhado dificil para o comum e o quotidiano.

Vamos tentar apresentar a Conta Geral do Estado de 1968, de forma diferente Recortando e montando por outra ordem. E vamos começar por saber quais foram as «despesas do Estado, segundo a respectiva natureza», o que corresponde ao ponto 59 do texto emanado do Ministério das Finanças

«— A decomposição das despesas orçamentais autorizadas segundo as grandes linhas da actuação governativa está efectuada no mapa n.º 12 anexo, do qual se apresenta seguidamente um resumo das suas principais rubricas, com a indicação do que constituiu despesas ordinária e do que se considerou encargo de natureza extraordinária.

QUADRO XXXII

Despesas autorizadas
Administração Central
(Ano de 1968)

Designação	Despesas totais — Milhares de contos (1)	Despesas totais — Percentagem (2)	Despesas ordinárias (3)	Despesas extraordinárias (4)
a) Dívida pública	2 428	9,6	2 428	—
b) Órgãos superiores do Estado	125.8	0,5	125,8	—
c) Serviços de defesa militar e segurança	11 162,9	44,3	3 196,4	7 966,5
d) Serviços de administração civil	11 484.1	45,6	3 140,6	3 343,5
1) Funcionamento dos serviços	5 408,9	21,5	5 408,9	—
2) Investimento ...	6 075,2	24,1	2 731,7	3 343,5
Total	25 200,8	100	13 890,8	11 310

Pela Lei de Meios para 1968 foi atribuida prioridade ás despesas com a defesa e, dentro destas, ás que visam a salvaguarda da integridade territorial do País. Seguem-se, na escala de preferência fixada os encargos com o desenvolvimento económico das diversas parcelas que integram a Nação, muito especialmente aqueles decorrentes da execução dos investimentos públicos previstos na parte prioritária do III Plano de Fomento e da prestação de auxilio económico e financeiro ás províncias ultramarinas.

No quadro seguidamente inserido está demonstrada a composição do crescimento experimentado pelas despesas orçamentais autorizadas entre 1967 e 1968.

QUADRO XXXIII

Despesas autorizadas
Administração Central
(Milhares de contos)

Designação	1968 (1)	Diferença relativamente a 1967 (2)	Taxa de variação — Percentagem (3)
a) Dívida pública	2 428	— 132,9	— 5,2
b) Órgãos superiores do tado	125,8	+ 13	+ 11,5
c) Serviço de defesa militar e segurança	11 162,9	+ 929,5	+ 9,1
d) Serviços de administração civil	11 484,1	+ 1 029,6	+ 9,8
1) Funcionamento dos serviços	5 408,9	+ 496,9	+ 10,1
2) Investimento	6 075,2	+ 532,7	+ 9,6
Total	25 200,8	+ 1 839,2	+ 7,9

Confrontando com os registos do ano anterior, verifica-se que o aumento das despesas autorizadas do Estado ocorrido durante a gerência de 1968 resultou, fundamentalmente, da permanência, embora atenuada, da tendência das despesas de índole militar e dos gastos dos serviços de administração civil.»

TESES DE LICENCIATURA

Todos os trabalhos policopiados aceitam-se para qualquer ponto do País. Perfeição e economia. Faça uma consulta a:

UNITAS — Cooperativa Académica de Consumo

Rua da Sofia, n.º 73, 2.º — COIMBRA — Tel. 27743

ao acaso da rua

Sabe o que é uma cooperativa?

● A situação e o silêncio

— «Se eu fosse patrão, talvez pudesse ter uma opinião acerca das vantagens ou desvantagens de pertencer a uma cooperativa. Mas como empregado, não posso dizer nada.»

O sr. José Gomes trabalha há vinte cinco anos na mesma padaria. Aquela em que começou quando chegou a Lisboa, vindo das bandas de Coimbra, há precisamente vinte e cinco anos atrás. Segundo nos diz, sabe da existência de uma Cooperativa de Padeiros para os lados de Campo de Ourique. Mas ele trabalha no Principe Real. E para esses lados, nunca foi.

— «Estas perguntas para onde são?»

Tinhamos-lhe explicado no principio da conversa, mas repetimos-lhe agora, mais pormenorizadamente.

— Não costuma ler os jornais? — perguntamos-lhe.

— «Já tenho lido o seu jornal e outros. Se pudesse, lia-os a todos, todos os dias. Mas infelizmente não me chega o dinhiro para os comprar.»

● A única forma legal...

Mário dos Santos, soldador, residente na margem Sul, fez-nos a apologia do Cooperativismo:

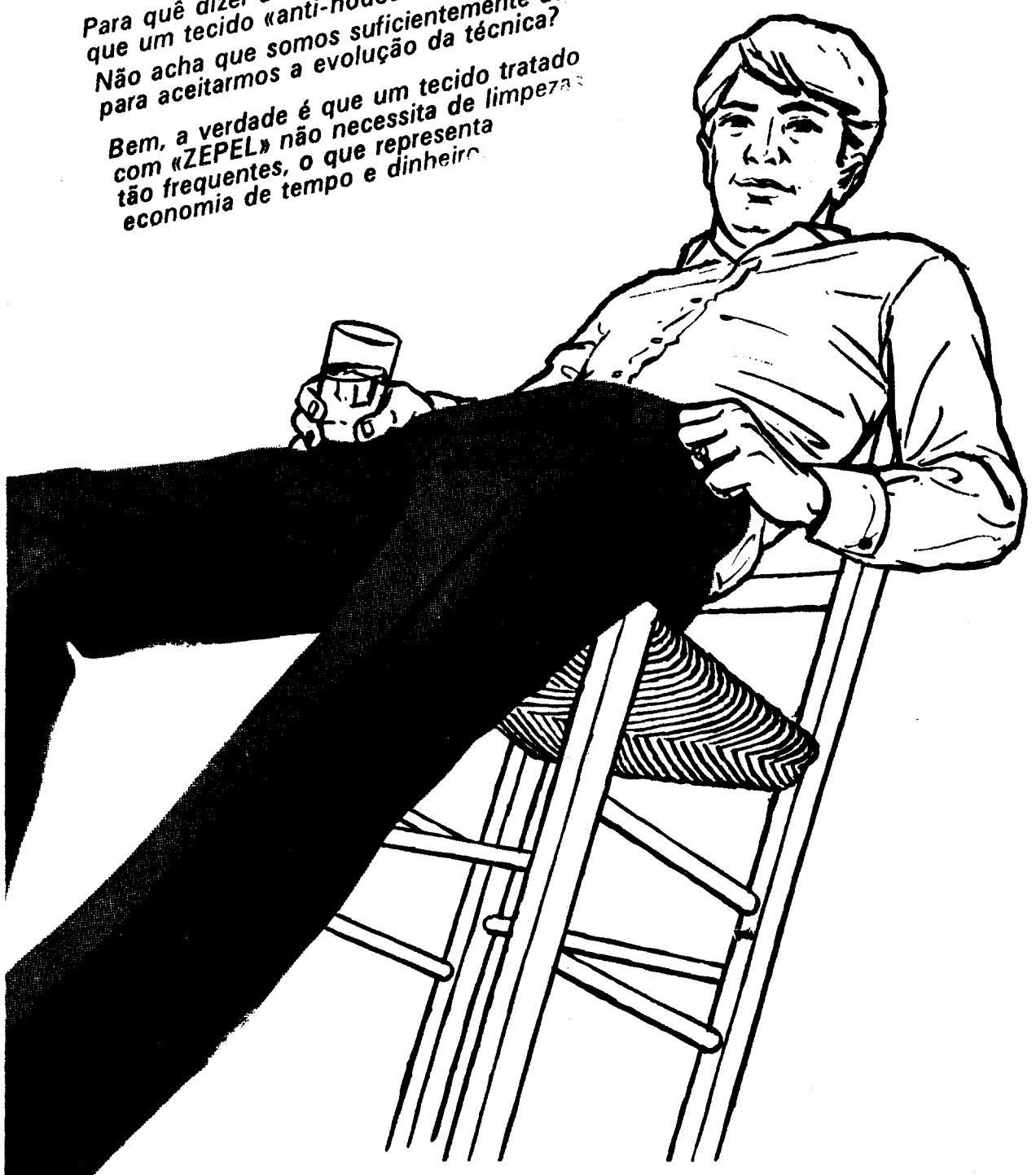
— Dentro de uma sociedade de base capitalista, como é a nossa o Cooperativismo é a unica forma legal de dar satisfação aos homens, quanto á igualdade que se pretende e ao espirito fraterno — que é a essência do Movimento. O Cooperativismo de consumo, porém, não é a solução para estruturar uma sociedade. É muito mais paliativo do que pópriamente um remédio.

Falando de homem para homem...

TECIDOS TRATADOS COM DUPONT ZEPEL CONTRA AS NODOAS E A AGUA
MARCA REGISTADA DA DUPONT

Para quê dizer as vantagens que um tecido «anti-nódoa» apresenta? Não acha que somos suficientemente adultos para aceitarmos a evolução da técnica?

Bem, a verdade é que um tecido tratado com «ZEPEL» não necessita de limpezas tão frequentes, o que representa economia de tempo e dinheiro



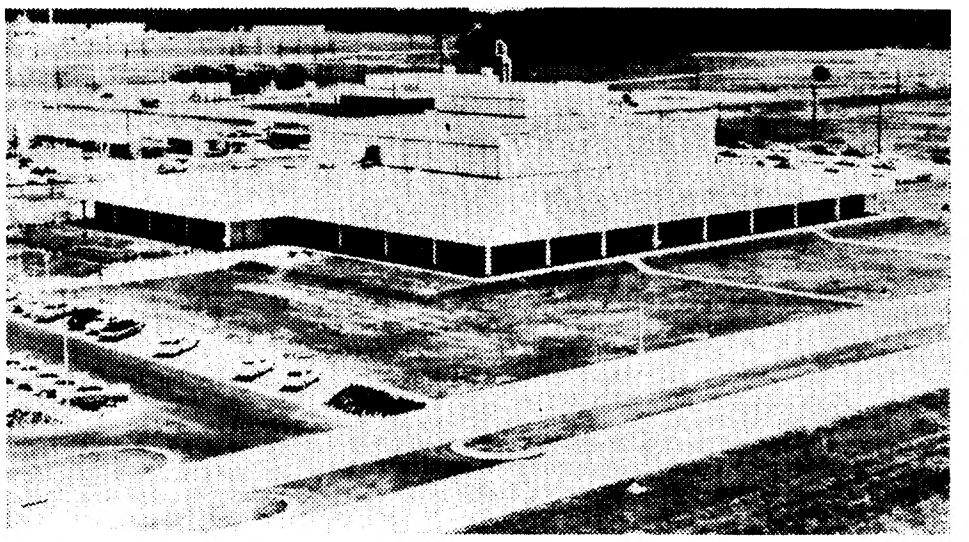
TECIDOS COM TRATAMENTO ZEPEL

CCN
CRISLENE ® TERGAL
45% LÃ
55% FIBRA POLIESTER
UM TECIDO DE CRISTIANO CABRAL NUNES & FILHOS

COM 45% DE LÃ
Vincelene
UM FABRICO DE PAULO DE OLIVEIRA, LDA.

A quarentena dos astronautas

— precaução a rejeitar no futuro



O edifício construído no Centro Espacial de Houston para acolher os astronautas da «Apolo 11» e no interior do qual os cosmonautas foram submetidos ao período de quarentena

Recomeçou em Houston o período «astrodémico» — e desta vez há notícias um tanto inquietantes que poderão levar a prestar maior atenção aos homens e mulheres que contactam com os fragmentos lunares.

Os cientistas e os técnicos que trabalharam com as rochas e a poeira lunares trazidas pela Apolo 11 revelaram uma taxa de enfermidade dupla da taxa dos outros funcionários de centros espaciais tripulados, segundo um relatório agora apresentado pelo Serviço de Saude Publica.

As doenças não eram «astrodémicas», como firmemente asseguram os homens do Serviço de Saude Publica encarregados da protecção da Humanidade contra germes lunares.

Eis o que consta no relatório:

— Afim de salvaguardar a humanidade de qualquer possível astrodemia — doença causada por germes lunares ou espaciais — os médicos registaram, durante os meses de Julho e Agosto, todas as constipações, gripes, desarranjos intestinais e outras doenças que atacaram as 317 pessoas empregadas no Laboratório de Recepção Lunar e cujas funções lhes exigissem contacto com amostras provenientes do nosso satélite.

— Registaram igualmente as mesmas doenças nos funcionários de outros 150 centros espaciais;

— Aqueles que trabalharam com rochas lunares mostraram uma taxa dupla de enfermidade — 0,68 em 100 pessoas por dia contra 0.35 em 100.

Mas, em qualquer dos casos, a taxa era inferior a 1 doença por dia em 100 pessoas.

Dadas estas baixas taxas de enfermidade e dada a pequenez dos grupos estudados, as diferenças são «estatisticamente irrelevantes». «Não há motivos para alarme: não se passa nada de anormal no Laboratório Lunar», declara o dr. David Sencer, director dos serviços públicos do Centro de Doenças Contagiosas, de Atlanta.

Além disso, assinala-se que os funcionários do Laboratório Lunar estiveram a trabalhar durante muitas horas sob tensão numa difícil tentativa para aprender a lidar com o material lunar sob vácuo.

Houve vários casos de acidentes, muitas demoras e um esforço febril — tendo muitos cientistas trabalhado sete dias por semana, com horário sobrecarregado.

A verdade é que não houve ausências no Laboratório Lunar, o que é digno de nota.

A despeito de tudo isto — e talvez porque continua a haver uma certa margem de incerteza — a vigilância da «astrodemia» prossegue.

Os empregados do Laboratório Lunar e um grupo de «contrôle» começaram a ser novamente observados, mesmo antes do regresso da Apolo 12.

A quarentena dos «segundos homens da Lua» demorará 17 dias. Mas irá processar-se de maneira diferente da anterior. Para começar, quando saíram da nave já não envergavam o trajo isolador que a tripulação da Apolo 11 teve que vestir. Agora limitaram-se a colocar no rosto uma máscara com filtro bacteriológico. A única precaução ulterior foi a de se desinfectarem as zonas por onde os astronautas passaram.

Os trajes antigermes (BIGS) tinham um objectivo: manter os prováveis germes lunares isolados da atmosfera terrestre ou do Oceano. Foram agora afastados por duas razões. Primeiro, porque o hidróxido de lítio se revelou bastante eficaz na filtragem do pó, incluindo a do pó lunar. Segundo, porque os BIGS eram demasiado quentes e tornaram-se desconfortáveis para os astronautas, arriscando, mesmo, a sua segurança.

No entanto, esta alteração não favoreceu nada a vigilância antigermes.

De qualquer modo, nem os astronautas nem os animais ou as plantas postos em contacto com o material lunar acusaram sintomas de qualquer enfermidade desconhecida.

Alguns funcionários espaciais afirmam desde já que a quarentena — que tem tantos aspectos verdadeiramente maçadores — poderá ser posta de parte no futuro, se a tripulação da Apolo 12 não tiver problemas.

Victor Cohn
(Exclusivo «The Washington Post»-«Diário de Lisboa»)

Okinawa: o preço do regresso

Eisaku Sato, primeiro-ministro japonês, regressou anteontem a Tóquio, terminadas a visita que efectuou aos Estados Unidos e as conversações que travou com o presidente Nixon. Destas conversações resultaram o acordo relativo á restituição de Okinawa á soberania nipónica e a renovação da aliança entre os Estados Unidos e o Japão.

O prolongamento dos laços particulares que unem os governos de Tóquio e de Washington, assim como as bases do acordo que permitiu a restituição de Okinawa, têm muitos adversários no Japão. Mas o simples regresso destas ilhas á administração nipónica bastou para galvanizar milhões de japoneses e para esbater oposições. Daqui que Sato se disponha a lançar-se na realização de eleições gerais dentro de um ou dois meses.

Okinawa não foi devolvida sem compromissos para Tóquio. Compromissos e condições susceptíveis de dificultar a posição e o prestígio do país entre os povos asiáticos. Em especial dos povos que lutam pela sua total independência e pelo seu desenvolvimento. Neste sentido nos parece importante o artigo de «Le Monde» que a seguir publicamos.

O presidente Nixon e o primeiro-ministro japonês, Eisaku Sato, terminaram, no dia 21 deste mês, uma série de trocas de impressões que a Casa Branca não hesitou em classificar de «histórias». Após 25 anos de ocupação militar em Okinawa, os E. U. A. aceitaram reconhecer a plena soberania japonesa sobre o arquipélago e preparar, em três anos, a sua restituição ao Estado nipónico.

Quanto a este ponto, o comunicado não causou quaisquer surpresas. Tóquio já há muito tinha proposto a data de 1972, e a diplomacia americana parecia ter admitido esse princípio. As negociações que, nestes últimos meses, têm decorrido entre as duas administrações referem-se essencialmente às modalidades da restituição, e, sobretudo, à conservação ou desaparecimento das bases militares instaladas nas ilhas. Os dois Governos afirmaram que Okinawa seria submetida ao regime das bases americanas no Japão, e que, por conseguinte, as instalações nucleares deveriam ser evacuadas, logo que se procedesse à restituição.

O repatriamento, daqui a 3 anos, das bases nucleares americanas, por mais espectacular que seja, não deverá iludir-nos quanto ao alcance do gesto. De há alguns anos a esta parte que os E. U. A. estão em condições de fazer pesar uma ameaça nuclear de igual potência, a partir do seu próprio território. Além disso, os submarinos do Pacífico podem ser munidos de rampas de lançamento e chegar às proximidades imediatas do território chinês. A necessidade técnica das bases de Okinawa já não se faz sentir, portanto, e terá desaparecido dentro de três anos, devido aos progressos constantes que se têm registado nos armamentos nucleares.

Os E. U. A. tiveram de ter também em conta a oposição da população civil de Okinawa. A resistência, por vezes violenta, dos insulares, que ameaçam paralisar as bases em caso de crise, retirou a estas últimas uma boa parte do seu valor de dissuasão. A permanência da administração militar no arquipélago favorecia, aliás, no próprio Japão, o progresso dos sentimentos anti-americanos, os quais fariam perigar o conjunto do sistema de segurança que une os dois países.

O significado da concessão americana é tanto mais limitado, quanto é certo que, por altura dos encontros privados entre os dois chefes de Governo, Sato aceitou que, em caso de crise internacional grave os armamentos nucleares fossem reintroduzidos no arquipélago. A necessidade de jogar com a ameaça nuclear supõe, por si mesma, uma tensão internacional grave: parece que os E. U. A. souberam manter o essencial da sua possibilidade de pressão militar na região.

O comunicado menciona expressamente o caso da Coreia e da Formosa. Os dois Governos afirmam a necessidade de manter o «statu quo» na Ásia Oriental, isto é, a necessidade de permanecer na Coreia, um importante contingente de tropas americanas, com o fim de impedir, eventualmente pela força, o regresso da Formosa á China. O Japão encarrega-se, neste domínio, de novas responsabilidades. Doravante parece que será ele o primeiro responsável pela ordem nesta parte do mundo.

Sato comprometeu-se, igualmente, no caso vietnamiano. A restituição de Okinawa não deve atentar contra os esforços dos E. U. A. no Vietnam do Sul, declara-se no comunicado. O Japão, que, até aqui, tinha evitado alinhar demasiado explicitamente num dos campos, provocou agora a cólera de Hanói, que denuncia a política comum de Tóquio e Washington no continente asiático.

Os encontros da semana passada marcaram uma etapa importante na evolução japonesa. Cioso, até agora, de assegurar o crescimento económico do país, Tóquio acabou por manifestar a sua vontade de manter na Ásia um «statu quo», indispensável ao seu progresso, e de fazer subir o seu poderio político e militar ao nível das suas riquezas materiais.

Nixon quando, no passado dia 25, anunciou que os Estados Unidos renunciaram ao uso de armas químicas e bacteriológicas, declarando ter ordenado ao Pentágono a destruição dessas armas

CONGRESSO DE AGRICULTORES SOVIÉTICOS

Centenas de agricultores soviéticos reuniram-se em congresso nacional, na cidade de Moscovo, aprovando o aumento de extensão das propriedades e uma maior garantia de receitas.

Estas novas decisões destinam-se a dar carácter oficial ás iniciativas tendentes a despertar o entusiasmo e a activar a produtividade entre os russos (44 por cento da população) que vivem em áreas rurais.

Uma das grandes modificações consiste em aumentar a extensão das propriedades particulares, podendo os agricultores trabalhar em seu próprio benefício de dois mil a cinco mil metros quadrados de terreno.

O novo estatuto, que substitui o que foi aprovado no ultimo congresso colectivo, em 1935, garante igualmente um rendimento anual para as propriedades colectivas, não dependendo este rendimento do facto dos proprietários tirarem ou não proveito, durante o ano, das suas propriedades. Garante-se ainda uma série de disposições de previdência social, como casas de repouso e estâncias de cura.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 28 DE NOVEMBRO DE 1969 — N.º 21